



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MICHELLE SOUZA BENEDET

**APROPRIAÇÃO DE PRAÇAS PÚBLICAS CENTRAIS EM CIDADES DE
PEQUENO PORTE**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
VOLUME DE DEFESA

FLORIANÓPOLIS
2008

MICHELLE SOUZA BENEDET

**APROPRIAÇÃO DE PRAÇAS PÚBLICAS CENTRAIS EM CIDADES DE
PEQUENO PORTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Arquitetura e Urbanismo da UFSC como requisito
parcial à obtenção do grau de mestre.

ORIENTADORA: Profª. SONIA AFONSO, Dra.

FLORIANÓPOLIS

2008

Michelle Souza Benedet

APROPRIAÇÃO DE PRAÇAS PÚBLICAS CENTRAIS EM CIDADES DE PEQUENO PORTE

Essa dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do grau de **Mestre em Arquitetura e Urbanismo** no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de Junho de 2008.

Dr^a. Carolina Palermo
Coordenadora do Programa

Dr^a. Sonia Afonso
Orientadora

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Ayrton Portilho Bueno
UFSC / Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Membro Avaliador

Dr. Nelson Popini Vaz
UFSC / Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Membro Avaliador

Dr^a. Sonia Afonso
UFSC / Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Membro Moderador

Dr. Silvio Soares Macedo
USP / Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Membro Avaliador

Aos meus pais, **Rosani Benedet e Joacir Benedet**, por todo amor, apoio e confiança depositados em mim.

Às minhas irmãs e amigas, **Lara, Juliane e Karoline**, pela torcida, incentivo e por toda a colaboração na pesquisa.

A todos os **usuários das praças públicas** dos centros das cidades que reconhecem o imenso valor e vitalidade desses espaços.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Sonia, que com muita paciência procurou me incentivar, sendo mestre, amiga e depositando sua confiança em mim.

Aos demais membros da banca, professor Silvio Macedo, professor Nelson Popini e professor Ayrton Bueno, que gentilmente aceitaram participar desta empreitada.

Aos demais professores do curso, pela contribuição na minha formação como mestre.

À secretária, Ivonete Seifert, e aos bolsistas do curso, pela paciência e presteza.

À minha amiga Maria Aline, pela amizade, incentivo constante e garra que me fez continuar esta caminhada.

Aos meus amigos do PósARQ, Gabriela, Fábio, Christian, Cláudio, Maria Tereza e Márcia, pelo carinho e discussões ao longo desses anos de aprendizado.

Ao PósARQ/UFSC, pela oportunidade.

Aos meus alunos e colegas na UNISUL, pela convivência e incentivo.

Aos amigos do messenger, que foram o alívio das tensões durante o passar das horas em todos os dias da semana. Em especial à Helen Pereira.

A todos os voluntários, que colaboraram com a pesquisa de campo.

Às pessoas que me ajudaram na coleta de material pelo apoio.

Enfim, quero agradecer a todos que mesmo em pensamento torceram pelo sucesso do meu trabalho. A vocês, muito obrigada!

RESUMO

BENEDET, Michelle Souza. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte**. Florianópolis, SC, 23 de Junho de 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação, UFSC, 2008.

Para que as praças públicas atuem como espaços urbanos de permanência é desejável que apresentem qualidade física e ambiental. A crescente especialização do espaço dentro da cidade, o deslocamento das formas de entretenimento para recintos fechados, o crescimento do uso de veículos e as condições da vida urbana atual mostram alterações nas formas de apropriação das praças públicas. Para compreender o funcionamento das praças centrais é necessário estudar a relação entre usos, funções e aspectos físico-ambientais destas com o entorno imediato e seu papel na cidade. Para entender o fenômeno de apropriação das praças públicas centrais realizamos duas etapas distintas: a revisão de literatura e a pesquisa de campo. Na revisão de literatura, discutimos os seguintes temas: centros urbanos, espaços livres e praças públicas centrais. A pesquisa de campo foi realizada em seis praças localizadas nas cidades catarinenses de Tubarão, Braço do Norte e Laguna. A metodologia adotada foi o Estudo de Caso, no qual se utilizaram os seguintes procedimentos: análise documental, observação do desempenho físico-ambiental da praça e do comportamento do usuário, através das técnicas de entrevista e jogo. A aplicação destes métodos auxiliou no entendimento do fenômeno de apropriação das praças públicas centrais, pois, além de demonstrar a situação atual que as praças se encontram, permitiu identificar a opinião de quem se apropria ou não desses espaços. Assim, a partir da sistematização dos dados obtidos são apresentados parâmetros comuns com base nas análises das situações encontradas que visam uma qualificação das praças e uma maior apropriação por parte dos habitantes de cada cidade onde elas se encontram.

Palavras-chave: praças públicas, áreas centrais, apropriação.

ABSTRACT

BENEDET, Michelle Souza. **Appropriation of central public squares in cities of small scale.** Florianópolis, SC, June, 23, 2008. Dissertation (MA in Architecture and Urbanism). Post-Graduate Program, UFSC, 2008.

To that the public squares act as urban spaces of permanence, it's desirable that they present physical and ambient quality. The increasing specialization of the space inside of the city, the displacement of the forms of entertainment for closed enclosures, the growth of the use of vehicles and the conditions of the actual urban life show alterations in the forms of appropriation of the public squares. To understand the functioning of the central squares it is necessary to study the relation between uses, functions and physicist-ambient aspects of these with neighborhood and its paper in the city. To understand the phenomenon of appropriation of the central public squares offices we carry through two distinct stages: the revision of literature and the field research. In the literature revision, we argue the following subjects: urban centers, free spaces and central public squares. The field research was carried through in six squares located in the catarinenses cities of Tubarão, Braço do Norte and Laguna. The adopted methodology was the Study of Case, in which they had used the following procedures: documentary analysis, observation of the physicist-ambient performance of the square and the behavior of the user, through the techniques of interview and game. The application of these methods assisted in the agreement of the phenomenon of appropriation of the central public squares, therefore, beyond demonstrating the current situation that the squares if find, it allowed to identify the opinion of who if it appropriates or not of these spaces. Thus, from the systematization of the gotten datas are presented common parameters with basis of the analyses of the joined situations that aim at a qualification of the squares and a bigger appropriation on the part of the inhabitants of each city where they meet.

Key words: public squares, downtown, appropriation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Acessibilidade em Ribera de Uribitarte, Bilbao	28
Figura 2 - Espaços formais e informais	34
Figura 3 - Plaza Mayor, Madrid	34
Figura 4 - Piazza Campidoglio	34
Figura 5 - Piazza San Marco	35
Figura 6 - Terreiro de Jesus, a fundo, o antigo Colégio dos Jesuítas	39
Figura 7 - Praça dos Governadores, Ouro Preto	39
Figura 8 - Praça Marechal Floriano Peixoto, no início do século XX	41
Figura 9 - Apropriação na projeção a sombra da árvore na Praça Barão de Guaicuí, em Diamantina/MG	46
Figura 10 - Elementos de morfologia urbana, conforme Lamas (2000)	49
Figura 11 - Piazza del Campo, Siena	50
Figura 12 - Mapa de Santa Catarina com a localização da região AMUREL e dessa destacando as cidades selecionadas para estudo	56
Figura 13 - Mapa de localização das praças públicas centrais em Tubarão-SC, com destaque para a Praça do Centenário, Praça Sete de Setembro, Praça Walter Zumblick – parte I e II (objetos de estudo)	62
Figura 14 - Mapa de localização das praças públicas de Tubarão-SC analisadas nesta pesquisa	62
Figura 15 - Entorno da Praça do Centenário	63
Figura 16 - Entorno da Praça de Centenário – Rua Lauro Muller	64
Figura 17 - Entorno da Praça Sete de Setembro e Walter Zumblick (partes I e II)	66
Figura 18 - Entorno da Praça Sete de Setembro – Rua São Manoel	67
Figura 19 - Entorno da Praça Sete de Setembro – Av. Marcolino Martins Cabral	67
Figura 20 - Entorno da Praça Walter Zumblick (parte I) – Av. Marcolino Martins Cabral	67
Figura 21 - Entorno da Praça Walter Zumblick (parte I) – Av. Rodovalho	67
Figura 22 - Entorno da Praça Walter Zumblick (parte II) – Av. Marcolino Martins Cabral	67
Figura 23 - Entorno da Praça Walter Zumblick (parte II) – Av. Rodovalho	67
Figura 24 - Informações relevantes sobre a Praça do Centenário	68
Figura 25 - Informações relevantes sobre a Praça Sete de Setembro	69
Figura 26 - Informações relevantes sobre a Praça Walter Zumblick (parte I)	70
Figura 27 - Informações relevantes sobre a Praça Walter Zumblick (parte II)	71
Figura 28 - Mapa de localização das praças públicas centrais em Braço do Norte-SC com destaque para a Praça Padre Roher (objeto de estudo)	73
Figura 29 - Mapa de localização da praça pública analisada nesta pesquisa, em Braço do Norte-SC	73
Figura 30 - Entorno da Praça Padre Roher	75
Figura 31 - Entorno da Praça Padre Roher – Rua Jorge Lacerda	75
Figura 32 - Entorno da Praça Padre Roher – Rua Padre Roher.....	75
Figura 33 - Informações relevantes sobre a Praça Padre Roher	76
Figura 34 - Mapa de localização das praças públicas centrais em Laguna-SC, com destaque para a Praça Vidal Ramos (objeto de estudo)	78
Figura 35 - Mapa de localização da praça analisada nesta pesquisa, em Laguna-SC	78
Figura 36 - Entorno da Praça Vidal Ramos	80
Figura 37 - Entorno da Praça Vidal Ramos – Rua Quinze de Novembro	80
Figura 38 - Entorno da Praça Vidal Ramos – Rua Santo Antônio	80
Figura 39 - Informações relevantes sobre a Praça Vidal Ramos	81

Figura 40 - Cartela do jogo – tema atividade (conversar, passear, jogar/brincar e namorar)	97
Figura 41 - Cartela do jogo – tema pavimentação (informativa, geométrica, diversificada e pureza das linhas)	97
Figura 42 - Cartela do jogo – tema vegetação (densa, mesclada, gramada e rarefeita)	98
Figura 43 - Cartela do jogo – tema água (interação, contemplação, espelho d'água e tradição) ...	98
Figura 44 - Cartela do jogo – tema mobiliário de estar (informal, protegido, confortável, descontraído)	98
Figura 45 - Cartela do jogo – tema mobiliário de apoio (bicicletário/paraciclo, banheiro, bebedouro, informações/telefone)	99
Figura 46 - Cartela do jogo – tema mobiliário/equipamento de lazer (mesa de jogos, playground, pista de skate e quadra de esportes)	99
Figura 47 - Cartela do jogo – tema equipamento (café/bar/lanchonete, comércio de pequeno porte, feiras e ponto de ônibus)	99
Figura 48 - Cartela do jogo – tema arte urbana (apresentações, escultura moderna, escultura clássica e interativa)	100
Figura 49 - Ficha documental da Praça do Centenário, em Tubarão-SC	105
Figura 50 - Ficha documental da Praça Sete de Setembro, em Tubarão-SC	106
Figura 51 - Ficha documental da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão-SC	107
Figura 52 - Ficha documental da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão-SC	108
Figura 53 - Ficha documental da Praça Padre Roher, em Braço do Norte-SC	109
Figura 54 - Ficha documental da Praça Vidal Ramos, em Laguna-SC	110
Figura 55 - Ficha físico-ambiental da Praça do Centenário, em Tubarão-SC	113
Figura 56 - Ficha físico-ambiental da Praça Sete de Setembro, em Tubarão-SC	114
Figura 57 - Ficha físico-ambiental da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão-SC	115
Figura 58 - Ficha físico-ambiental da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão-SC	116
Figura 59 - Ficha físico-ambiental da Praça Padre Roher, em Braço do Norte-SC	117
Figura 60 - Ficha físico-ambiental da Praça Vidal Ramos, em Laguna-SC	118
Figura 61 - Entrevistado utilizando o banco (floreira adaptada para tal finalidade) e sua localização na praça	127
Figura 62 - Ficha do usuário da Praça do Centenário, em Tubarão-SC	135
Figura 63 - Ficha do usuário da Praça Sete de Setembro, em Tubarão-SC	136
Figura 64 - Ficha do usuário da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão-SC	137
Figura 65 - Ficha do usuário da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão-SC	138
Figura 66 - Ficha do usuário da Praça Padre Roher, em Braço do Norte-SC	139
Figura 67 - Ficha do usuário da Praça Vidal Ramos, em Laguna-SC	140
Figura 68 - Esquema-resumo de como chegar aos parâmetros comuns referentes ao fenômeno de apropriação e/ou desapropriação das praças públicas centrais	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Principais dados das cidades selecionadas para estudo: Tubarão, Braço do Norte e Laguna	58
Tabela 2 - Mapa comportamental dos usuários da Praça do Centenário em Tubarão – SC	121
Tabela 3 - Mapa comportamental dos usuários da Praça Sete de Setembro em Tubarão – SC	122
Tabela 4 - Mapa comportamental dos usuários da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão – SC	123
Tabela 5 - Mapa comportamental dos usuários da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão – SC	124
Tabela 6 - Mapa comportamental dos usuários da Praça Padre Roher, em Braço do Norte – SC .	125
Tabela 7 - Mapa comportamental dos usuários da Praça Vidal Ramos, em Laguna – SC	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - História mundial das praças – principais fatos	37
Quadro 2 - Síntese das Praças Públicas Centrais selecionadas para estudo	60
Quadro 3 - Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados na Praça do Centenário e na Praça Sete de Setembro	142
Quadro 4 - Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados na Praça Walter Zumblick (parte I e II)	143
Quadro 5 - Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados na Praça Padre Roher e na Praça Vidal Ramos	144

SUMÁRIO

Capítulo 1: INTRODUÇÃO	12
1.1 Justificativa e relevância do estudo proposto	13
1.2 Questões levantadas e pressuposto teórico	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivo geral	15
1.3.2 Objetivos específicos	15
1.4 Estrutura do trabalho	15
Capítulo 2: REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1 Centros urbanos	18
2.1.1 Centros urbanos em cidades de pequeno porte	19
2.1.2 Valores do centro, um enfoque simbólico.....	21
2.1.3 Situação atual dos centros urbanos	22
2.2 Espaços livres públicos	23
2.2.1 Indicadores de qualidade nos espaços livres urbanos	25
2.2.2 Espaço público e cidadania	28
2.3 Praças públicas	29
2.3.1 Definições de praça	31
2.3.2 Funções	42
2.3.3 Atividades nas praças	33
2.3.4 Classificações espaciais	34
2.3.5 Quadro das praças no mundo	35
2.3.6 Evolução das praças no Brasil	38
2.3.7 A praça, o espaço público de sociabilidade	43
2.3.8 Identidade das praças públicas	44
2.3.9 Apropriação das praças públicas	45
2.3.10 Morfologia x comportamento: algumas relações	46
2.3.11 Alguns elementos das praças	49
Capítulo 3: ESTUDOS DE CASOS	54
3.1 Por que diferentes estudos de casos?	55
3.2 Cidades selecionadas para estudo	56

3.3 As praças selecionadas para análise	59
3.3.1 As praças analisadas na cidade de Tubarão	61
3.3.2 A praça analisada na cidade de Braço do Norte	72
3.3.3 A praça analisada na cidade de Laguna	77
Capítulo 4: PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	82
4.1 A importância das questões perceptivas	84
4.2 Metodologia de pesquisa adotada: Estudo de Caso	85
4.2.1 Análise documental	86
4.2.2 Observações	89
4.2.2.1 Observação e anotação do desempenho físico	89
4.2.2.2 Observação do comportamento dos usuários	92
4.2.3 Entrevista	94
4.2.4 Jogo	96
Capítulo 5: RESULTADOS E DISCUSSÕES	102
5.1 Resultado da análise documental	103
5.2 Resultado da observação do desempenho físico-ambiental	111
5.3 Resultado da observação do comportamento dos usuários	119
5.4 Resultado da entrevista	127
5.5 Resultado do jogo	132
5.6 Discussão dos métodos e resultados	141
Capítulo 6: CONCLUSÕES	146
6.1 Conceitos de projeto encontrados nas análises simbólica, funcional e ambiental	148
6.2 Considerações finais	150
6.3 Sugestões para futuras pesquisas	152
REFERÊNCIAS	154
APÊNDICES	162
Apêndice 1 - Modelo da ficha documental	163
Apêndice 2 - Modelo da ficha físico-ambiental	164
Apêndice 3 - Modelo da ficha do usuário	165



capítulo 1
INTRODUÇÃO

As praças públicas são espaços urbanos utilizados para a permanência e o encontro, sendo assim, é importante que tenham boa qualidade para que possam ser apropriadas pelas pessoas. Sua flexibilidade, a simultaneidade de usos e significados são fatores importantes na qualificação destes espaços.

O uso caracteriza as praças públicas porque indica como os seres humanos se apropriam delas sendo que sem usuários as praças têm pouco significado e importância. A análise das praças públicas ao longo da história cultural das sociedades humanas evidencia a importância destes lugares na vida dos seus usuários.

As praças apresentam características que variam de acordo com aspectos naturais e sociais, o que revela a importância das condições climáticas, do meio físico, da forma urbana e das necessidades humanas no desenho do espaço urbano. As praças que não atendem a estas exigências impedem uma diversidade de conexões entre pessoas, atividades e lugares.

O estudo das praças públicas das áreas urbanas centrais é necessário no sentido de buscar compreender o seu atrativo e as atitudes que permite, quando estes ocorrem. Para tanto, deve-se observar o comportamento dos indivíduos nas praças, além do papel das atividades humanas e as condições para interação social através do estudo sobre as formas de apropriação e significação do espaço urbano.

Nesta pesquisa nos detivemos no estudo da apropriação das praças públicas centrais em cidades de pequeno porte, o que pode ser obtido através da observação atenta em relação à participação do usuário e da comunidade em geral no uso destes espaços. Também foi realizada a caracterização destes espaços nas cidades onde estão inseridas. Para a fundamentação destas análises, além da história e da estrutura urbana, buscou-se estudar os conceitos de espaços livres públicos em seus diferentes aspectos, especialmente no que se refere à apropriação dos mesmos por parte de seus moradores.

Os resultados obtidos nessa pesquisa podem servir para identificar critérios de qualidade na avaliação e proposição de praças públicas em cidades de pequeno porte.

1.1 Justificativa e relevância do estudo proposto

O que acontece em algumas praças públicas é que a estrutura original não está mais satisfazendo às necessidades da sociedade atual. O contínuo crescimento das cidades faz com que a demanda por espaços livres aumente e estes assumam vital importância nos meios urbanos. Essa importância

umenta, quando se tratam dos centros urbanos, onde a ocupação do solo é caracterizada por maciços edificados de grande altura alojando um grande contingente de usuários.

Mesmo assim, algumas praças públicas são sub-utilizadas indicando a necessidade de revisão destes espaços, para que seja possível atender aos usuários em termos de natureza, espaços livres, equipamentos e segurança, permitindo-lhes as mais variadas sensações, inclusive as de pertencimento e de liberdade, valores urbanos fundamentais.

Observando-se os processos contemporâneos de urbanização percebe-se que pouco ou nada foi realizado no sentido de oferecer novos espaços públicos aos cidadãos, seja pela intervenção direta sobre os espaços existentes, com a revisão dos usos e reforma para atendimento de programas de necessidades atualizados, seja pela criação de novos espaços acompanhados de estudos de projeção de anos futuros capazes de cumprirem seu papel social.

Segundo Hertzberger (1999), precisamos dar mais ênfase ao tratamento do espaço público para que possa funcionar estimulando a interação social e quanto aos espaços públicos devemos nos perguntar: como funciona, para quem, por quem e para qual objetivo?

Muitas pesquisas sobre praças públicas tratam somente dos aspectos formais, porém, problemas relativos à degradação e à má gestão dos espaços não são explicados apenas pelos aspectos físicos destes, importando também o ponto de vista dos usuários e da cultura local, expressa na ação dos administradores. Desta maneira é possível compreender as múltiplas e mutantes configurações que surgem na cidade e a relação dos habitantes com seus espaços. Pelas próprias limitações inerentes à pesquisa em nível de mestrado nos detivemos em estudar a relação entre o comportamento humano e as propriedades das praças públicas centrais, no caso específico, de três cidades de pequeno porte no Estado de Santa Catarina: Tubarão, Laguna e Braço do Norte, cujas particularidades serão consideradas oportunamente.

1.2 Questões levantadas e pressuposto teórico

Nesta pesquisa, parte-se do pressuposto que o arquiteto e urbanista tem que conhecer a opinião dos usuários para que projete espaços que atendam a suas reais necessidades. Este é um modo de compreender o que interfere no uso ou não-uso das praças públicas centrais. Outro fator a ser considerado é a localização destas praças dentro do espaço central. À seguir são apresentadas as questões norteadoras desta pesquisa:

- a. Quais as motivações para uso das praças públicas centrais?

- b. Que tipo de praças é utilizado e qual o perfil de seus usuários?
- c. Quais as relações de sociabilidade e os anseios com relação à funcionalidade que os cidadãos buscam nos espaços públicos?
- d. Qual a influência dos aspectos simbólicos, funcionais e ambientais das praças públicas, considerando a diversidade de usuários existentes em contextos distintos?
- e. O que pode ser feito para atender as necessidades de um maior número de usuários nas praças públicas centrais?

1.3 Objetivos

A seguir apresentamos os objetivos geral e específicos deste trabalho.

1.3.1 Objetivo geral

Compreender o fenômeno de apropriação das praças públicas centrais em cidades de pequeno porte relacionando com as funções, os equipamentos e/ou mobiliários e os aspectos físico-ambientais em 6 (seis) praças nas cidades de Tubarão, Braço do Norte e Laguna.

1.3.2 Objetivos específicos

- a. Caracterizar as praças em estudo com informações sobre: dimensões, traçado, infra-estrutura, mobiliário, cobertura vegetal, entorno, estado de conservação, importância histórica, intensidade de uso, localização e acessibilidade;
- b. Analisar as relações de usos e funções e identificar os principais aspectos qualitativos que se verificam nas praças públicas;
- c. Identificar os conceitos de projeto comuns, com base nas análises das situações encontradas: tanto do ponto de vista simbólico, funcional e ambiental, quanto do ponto de vista do usuário.

1.4 Estrutura do trabalho

Capítulo 1 – **Introdução**: apresenta, primeiramente, o tema da dissertação, juntamente com sua justificativa, as questões que a norteiam e os objetivos que se pretendem alcançar com a pesquisa. Por fim, é apresentada a estrutura da dissertação.

Capítulo 2 – **Revisão de literatura**: aborda uma revisão conceitual e atualizada dos temas específicos da pesquisa: centros urbanos, espaços livres públicos e praças públicas. Quanto aos centros urbanos são abordados os principais conceitos focando as áreas centrais de cidades de pequeno porte. Com relação aos espaços livres, apresentamos definições e conceitos principais quanto à situação atual e alguns indicadores de qualidade. Com relação às praças públicas - tema de maior interesse na pesquisa - busca-se analisar a ampliação do conceito de praça pública, tanto nas suas definições quanto nos conceitos necessários para entender a sua apropriação e as tendências de uso ao longo da história.

Capítulo 3 – **Procedimentos de pesquisa**: apresenta e detalha os métodos e técnicas utilizados para a pesquisa de campo, além de sua forma de aplicação e tratamento dos dados.

Capítulo 4 – **Estudos de casos**: apresenta os objetos de estudo analisando as principais características destes. Apresenta, primeiramente, os municípios onde estão localizadas as praças analisadas – Tubarão, Braço do Norte e Laguna – e, por último, as seis praças públicas centrais em estudo, com sua identificação e características mais relevantes.

Capítulo 5 – **Resultados e discussões**: apresenta as análises dos dados coletados durante as pesquisas bibliográfica, documental e de campo e descreve os resultados e discussão destes.

Capítulo 6 – **Conclusões**: apresenta uma síntese dos resultados encontrados na pesquisa e os conceitos de projeto comuns encontrados com base nas análises das situações encontradas nos estudos de casos. Ainda neste capítulo, há a apresentação de sugestões para futuras pesquisas.

Para finalizar, são apresentadas as **Referências** utilizadas na elaboração da dissertação e os **Apêndices** e os **Anexos**.



capítulo 2
REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo aborda uma revisão histórica e conceitual dos temas de interesse para o desenvolvimento desta pesquisa. Analisamos, primeiramente, os conceitos de centros urbanos e espaços livres públicos. Estes temas tornaram-se importantes à medida que na configuração da cidade e dos seus centros distinguem-se os espaços públicos cuja função é comum para todos os usuários.

Alguns destes espaços são tão antigos do ponto de vista histórico que não se pode referenciar a cidade ou alguma área central sem eles, sendo que caracterizam a paisagem local. Dentro deste contexto vamos abordar as praças públicas centrais, uma categoria específica de espaço público tão importante para o ordenamento das cidades e do seu tecido urbano como para os usuários que a freqüentam.

Na pesquisa vamos analisar a paisagem formada pelas praças públicas centrais, tanto em sua dimensão física quanto cultural, e como é percebida e vivenciada pelos usuários de diferentes segmentos sociais, de forma contraditória segundo características e interesses específicos. Vamos destacar os níveis de apropriação que são capazes de modificar, muitas vezes, o uso desses espaços públicos no contexto urbano.

Segundo Gastal (2006), espaços como a praça, a igreja, a universidade e o monumento têm em comum a exaltação ao espaço público como significantes do encontro, da troca de mercadoria, de bens simbólicos, de crenças, saberes e história e da celebração.

O tema praças públicas será apresentado e definido como aquele que representa a formação de um significado peculiar nas áreas centrais, observando esses espaços públicos em diferentes épocas. A qualidade das praças deve ser entendida diferentemente em cada cidade e dependente da população usuária.

2.1 Centros urbanos

As praças públicas analisadas nesta pesquisa localizam-se em centros urbanos e estas áreas centrais representam locais de grande simbolismo e importância para as cidades ocidentais, pois nelas se localizam atividades comerciais, de serviços, de gestão pública e privada e destacam-se na paisagem pela arquitetura de seus edifícios e pela convergência do sistema de transportes. De acordo com Côrrea (1989), as relações espaciais do centro da cidade integram, ainda que diferentemente, as diversas partes da cidade, unindo-as em um conjunto tradicionalmente articulado.

A cidade é essencial e semanticamente o lugar do encontro com o outro e o Centro é o ponto de reunião de toda a cidade, sendo assim, a permanência se torna mais nítida nessas áreas. Panerai

(2006) afirma que no Centro temos, de um lado a permanência dos traçados, a presença dos monumentos, a convenção que rege o espaço público, a persistência das atividades e dos símbolos; e de outro, a flexibilidade das construções, a mudança dos usos, a reconversão dos edifícios e a substituição de algum deles.

Esta afirmação nos coloca a importância de estudar as praças públicas no contexto das mudanças, principalmente relacionadas aos usos dentro do tecido urbano consolidado das áreas centrais. Quando falamos nesse tecido urbano, vale ressaltar que as malhas do sistema viário não diferem muito de seus traçados ancestrais, originados a partir de antigas estradas e caminhos ou planejadas rigorosamente segundo traçados geométricos. A comunicação entre lugares através de vias com diferentes hierarquias, caracteriza o sistema de espaços livres públicos por excelência (AFONSO, 1999).

De acordo com Panerai (2006), o Centro confundia-se com a área mais antiga, eventualmente ampliada e incluindo algumas áreas importantes do ponto de vista funcional, como as estações ferroviárias, ou do ponto de vista simbólico, como as praças.

Segundo Ostrowetsky, o centro é engendrado, por três ordens de fatores: 1) o 'centro de um conjunto' que permite sua identificação (espaço monumental com capacidade de juntar pessoas, que simboliza a cidade do ponto de vista político, jurídico e religioso); 2) o centro sinédoque? (a parte que pode ser tomada pelo todo) que 'representa', por sua essência, o papel político e administrativo da cidade inteira; 3) o centro 'ponto de convergência e espaço de concentração', o qual confere a um certo lugar o valor de 'núcleo' e que, por sua vez, designa 'metaforicamente' seu conteúdo essencial de centralidade, ainda mais que sua posição real no espaço urbano (apud BIDOUC-ZACHARIASEN, 2006, p.183).

Os centros, ainda, são marcados pelo seu patrimônio e pela necessidade de bem-estar ambiental onde, segundo Higuera (2006), de um lado temos um legado histórico de épocas passadas que é preciso ser respeitado para as gerações futuras, de outro a dificuldade de planejar soluções integrais devido às características próprias dos seus tecidos urbanos.

Para contextualizar os conceitos de Centros Urbanos abordados nesta pesquisa apresentamos a seguir: Centros Urbanos nas cidades de pequeno porte, o valor simbólico dos Centros e a situação atual em que estes se encontram.

2.1.1 Centros urbanos em cidades de pequeno porte

O IBGE caracteriza como cidade de pequeno porte as que tenham entre 500 e 100.000 habitantes. Simbolicamente, consideramos cidade como um lugar que permite que as pessoas estabeleçam relações umas com as outras em diferentes níveis de intimidade enquanto permanecem anônimas.

Segundo Argan (1998), a cidade é uma das mais perfeitas invenções humanas e o ambiente propício à criação e ao desenvolvimento humano.

Nos centros urbanos brasileiros, em cidades médias e pequenas, praticamente não existe arranha-céus comerciais, sendo assim, não é possível associá-los à esses edifícios. A característica fundamental de um centro urbano em uma cidade de pequeno porte é a diversificação do seu comércio e dos seus serviços, seu patrimônio construído, sua infra-estrutura de serviços públicos e a maior oferta de transporte coletivo.

O Centro, como qualquer área da cidade, é um objeto de disputa entre classes sociais e torna-se mais acessível a um do que a outro, através dos mais variados mecanismos, tais como o sistema viário associado a determinado tipo de transportes, o deslocamento espacial dos centros e as suas transformações territoriais por que passaram e continuam passando e que são frutos dessa disputa (VILLAÇA, 1998).

Como núcleo de origem, os centros urbanos concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e referenciais para a história da cidade. Nestes espaços centrais teve ainda início o processo de instalação dos primeiros equipamentos urbanos, assim como também tais sítios de origem podem ser centros políticos, culturais, religiosos e locais de intensa sociabilidade. Nas cidades mais antigas e de grande porte estas relações vão se modificando, enquanto nas cidades mais jovens e de pequeno porte as relações ainda permanecem, como podemos observar nas cidades estudadas nesta pesquisa: Tubarão teve a ferrovia como principal impulso para a sua constituição, Braço do Norte se vincula, originalmente, à agropecuária e Laguna deve sua formação à localização do ponto estratégico para a instalação de um porto.

Considerando a centralidade como um fenômeno das cidades, Vaz (2003) afirma que esta passa a ser uma qualidade atribuída ao espaço público urbano a partir do momento que ele apresenta uma rica manifestação de interações face a face entre os usuários e se revela na densidade e variedade das interações observadas.

Segundo Frugoli (1995), as relações de mercado, a dimensão política, a vida pública e outras dimensões simbólicas e práticas fundamentais - como as instituições religiosas, as apresentações artísticas, as relações de encontro e sociabilidade e o ócio - verificam-se, acentuam-se, tornam-se visíveis, enfim, em seus centros públicos que são espécies de corações da cidade, onde se intensificam seus pulsares.

Com relação à formação dos centros urbanos, podemos destacar três componentes fundamentais: os espaços estruturadores do ambiente natural e construído; a apropriação destes espaços no tempo, construindo a experiência do vivido e transformando-os em território, onde se manifestam as relações de sociabilidade; e por fim, o imaginário repleto de significados relacionados a este espaço, transformando-o em lugar portador do simbólico e das sensibilidades, como veremos a seguir.

2.1.2 Valores do centro, um enfoque simbólico

Não existe realidade urbana sem um centro; comercial, simbólico, de informações, de decisão, etc. (Lefebvre, 1972).

A importância da imagem das cidades torna-se evidente quando tratamos das áreas centrais, por que elas estão profundamente ligadas às lógicas históricas e sócio-espaciais, destacando-se em nossas percepções e vivências das cidades (DEL RIO, 1990).

A cidade, principalmente suas áreas centrais, tem uma dimensão simbólica para seus usuários e assim, os monumentos, como também os espaços públicos - praças e avenidas - simbolizam a sociedade ou simplesmente o Estado e têm dimensões paradigmáticas que implicam e mostram oposições: a parte interna e a parte externa, o centro e a periferia, o integrado à sociedade urbana e o não-integrado (LEFEBVRE, 1991).

Villaça (1998, p.241) afirma que o valor material do centro é a “fonte de seu valor simbólico. É a excepcional importância comunitária e social dos centros que faz com eles passem a ser objeto de grande valorização simbólica”.

De acordo com Del Rio (1990), o lugar central de uma cidade brasileira sempre assumiu papéis de centro inovador, simbólico e de intercâmbios. Mesmo em centros decadentes, o simbolismo continua sendo característica presente nas expectativas dos habitantes e, por isso, fundamental para a imagem pública das cidades.

Nos centros, diversas funções se organizam sobre uma rede de espaços públicos que dão testemunho da cidade como totalidade (PANERAI, 2006), a importância que atribuímos a este ou àquele espaço público depende de cada um de nós e os símbolos são conferidos pela história e imagens urbanísticas dessa área.

Podemos dizer que o espaço central é múltiplo: formado pela soma dos centros correspondentes aos diferentes grupos sociais e aos diferentes usos, que variam conforme a época (PANERAI, 2006, p.145).

Ainda, segundo Magnani (2000), o espaço urbano funciona como sítio de significação que requer gestos de interpretação particulares; um espaço simbólico trabalhando pela história, um espaço de sujeitos e de significantes.

Estes espaços, dotados de significados, fazem de cada cidade um território urbano qualificado, capaz de integrar esta comunidade simbólica de sentidos e imaginários. Nas cidades de pequeno porte, geralmente, o espaço simbólico coincide com o centro geográfico e o Centro Histórico.

2.1.3 Situação atual dos centros urbanos

Segundo Panerai (2006), as mudanças dos modos de vida, as novas exigências em matéria de conforto, o crescimento populacional e as novas modalidades de consumo e lazer engendram uma expansão da superfície urbanizada, ao mesmo tempo em que o centro antigo vai perdendo habitantes.

Estas mudanças podem ser interpretadas como enfraquecedoras (PEIXOTO, 2004) ou como renovadoras dos Centros Históricos. A proximidade ao centro foi valorizada pelas elites urbanas em vários períodos da história e Villaça (1998) afirma que, no Brasil, a tendência ao distanciamento do centro é clara em muitas cidades, mas ainda está longe de ser minimamente significativa quando comparada com a proximidade ao Centro.

Nas cidades analisadas nesta pesquisa, a área central é valorizada e o processo de degradação do centro ainda não ocorreu, devido, especialmente, à pouca expansão dessa superfície urbana.

Outro ponto a ser considerado são as segregações sociais que, segundo Lefebvre (1991), destroem morfologicamente as cidades e ameaçam a vida urbana não podendo ser tomadas por efeito nem de acasos, nem de conjunturas locais. De acordo com Giedion (2004), o centro urbano no interior da cidade não está agonizando; ele está sendo lembrado ou mesmo recriado, em função das circunstâncias.

Apesar da desvalorização do espaço central em algumas cidades, o centro permanece como o principal lugar de localização das atividades políticas, religiosas e culturais. Panerai (2006) afirma que o Centro Histórico continua a desempenhar um papel nada desprezível e em muitos casos vem se revalorizando mesmo quando sofre concorrência de outros bairros.

2.2 Espaços livres públicos

Podemos classificar o espaço urbano em: público, semi-público, semi-privado e privado; e o ambiente construído, que configura este espaço, pode ser: aberto, aberto coberto ou fechado. Podem ser constituídos por vegetação, água, ar e diferentes tipos de materiais.

Num sentido mais absoluto, podemos dizer que público é uma área acessível a todos, a qualquer momento e privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa que tem a responsabilidade de mantê-la (HERTZBERGER, 1996).

Entende-se a propriedade particular como sendo o espaço privado e o espaço público como sendo do coletivo. Entretanto, no mesmo espaço público, aberto ou fechado, dependendo do uso específico do mesmo, da atividade social de intercâmbio humano ou mesmo da atividade particular que nele se desenvolve a relação entre o espaço da vida pública e o espaço da vida privada estabelece o desenvolvimento de novas sociabilidades.

A natureza dos espaços pode permitir diferentes tipos de relacionamento entre as pessoas. Esses espaços compreendem a totalidade das vias, ruas e vielas, bulevares e avenidas, largos e praças, passeios e esplanadas, cais e pontes e também rios e canais, margens e praias. Neles podemos encontrar as mais significativas manifestações da vida urbana, a síntese dos acontecimentos e as características de uma época. Os espaços públicos

De acordo com Magnoli (1986), os espaços livres urbanos e públicos são os mais acessíveis para todos os cidadãos, os mais apropriáveis face às oportunidades de maior autonomia de indivíduos e grupos e os que se apresentam com mais chance de controle pela sociedade como um todo, já que são abertos, expostos, acessíveis, enfim aqueles que podem ser os mais democráticos possíveis, enquanto significado intrínseco da expressão espaço urbano.

Com relação ao uso dos espaços livres públicos, este está ligado às formas de acesso disponíveis nas diferentes escalas urbanas e manifesta-se pela frequência dos usuários a estes espaços (CUNHA, 2002). Sua análise pode ser feita de vários pontos de vista, conforme Panerai (2006):

- a. como um espaço específico, suscetível de ser apreciado em si mesmo e analisado com as categorias específicas da arquitetura;
- b. como um sistema local que organiza o tecido e;
- c. como um sistema global que constitui o arcabouço da forma urbana.

De acordo com Afonso (1999), um sistema de espaços livres públicos pode ser identificado como sendo a sintonia entre as unidades de relevo, as malhas de espaços públicos urbanos e os tecidos edificados, onde os espaços públicos mais importantes são as praças, os parques, as ruas e os passeios.

Estes espaços podem desempenhar importantes funções urbanas: social (encontros), cultural (eventos), funcional (circulação) e terapêutica (higiênica mental e atividade física). Tão importante quanto o espaço construído na estruturação urbana, o espaço livre de edificação deve ser considerados em termos de quantidade e de qualidade, observando-o em relação ao contexto urbano e às atividades sociais nele desenvolvidas.

Macedo (1995) classifica os espaços livres de edificação em:

1. **Espaços Verdes:** correspondem a toda área urbana coberta de vegetação e que tenha valor social, como exemplo, temos bosques, campos, matas, jardins, algumas praças e parques, entre outros, sejam estes para produzir alimentos, conservação, preservação de ecossistemas, cultural e estético ou lazer (passivo ou ativo). Observa-se, contudo, que esse tipo de espaço livre nem sempre é acessível ao cidadão, como algumas matas e bosques urbanos, contendo apenas um valor de conservação;
2. **Áreas Verdes:** referem-se às áreas onde exista vegetação por qualquer motivo; entretanto, são residuais e não possuem valor social expressivo. Geralmente são consideradas em relação ao número de habitantes, como índice de qualidade urbana, sendo conhecidas mais pelo aspecto quantitativo, como exemplo, citamos as rótulas ou ilhas do sistema viário, que raramente são utilizadas;
3. **Áreas de Lazer:** consideradas como todos os espaços livres entre as edificações destinadas ao lazer ativo e/ou contemplativo (passivo), além destes, áreas em potencial como os terrenos vazios utilizados alternativamente para o lazer, estão englobadas nesta categoria, e finalmente;
4. **Áreas de Circulação:** constituem a maioria dos espaços livres de apropriação pública, totalizam grande parte da área da cidade e destinam-se à fruição de veículos e pedestres, podendo assumir funções de lazer, quando o tráfego é restrito ou controlado, geralmente nas ruas de bairro sem trânsito ou de subúrbios. Classificam-se também como áreas de circulação, os calçadões e as escadarias que podem abrigar diversos usos além da passagem de pedestres.

Observamos que um espaço livre apresenta diferentes características, englobando, assim, diversas funções. Por exemplo, uma praça pode representar uma categoria de espaço verde para a cidade, assim como também assumir funções de lazer e circulação. Essa mudança é importante e necessária à medida que a quantidade de espaços livres públicos é reduzida e as necessidades dos usuários demandam espaços com múltiplas funções, especialmente nos centros das cidades.

Cabe destacar que o Centro sempre foi lugar de encontro, de comércio e de circulação e os espaços públicos nele existentes sempre foram os lugares para esses encontros e reuniões de pessoas, onde trocavam informações sobre a cidade e a sociedade e o lugar onde eventos importantes foram encenados (GEHL; GEMZOE, 2002).

Com relação à configuração dos espaços livres urbanos, Afonso (1999) destaca que esta acontece pelas construções que os delimitam, numa relação entre cheios e vazios, fundo e figura. O horizonte, a água, o céu, as copas das árvores e pisos, sejam eles cobertos por pavimentos articulados, rígidos ou plantados, também participam desta configuração.

Os espaços livres integram a paisagem urbana permitindo o desfrute democrático de seu ambiente e de seus efeitos cênicos e evidenciando a cultura local e regional.

A seguir, discutiremos os indicadores de qualidade espaços livres públicos existentes, principalmente nas cidades brasileiras e a sua importância na conquista da cidadania.

2.2.1 Indicadores de qualidade nos espaços livres urbanos

A idéia do espaço livre público surge em oposição ao espaço privado e fechado. Segundo Leitão (2002), o espaço público se diferencia por ser o espaço exterior, aberto e público e de uso comum, tanto no sentido real e físico – a rua, o pátio e a praça – quanto no sentido simbólico onde o espaço exterior, o espaço da rua, da praça, é o espaço da liberdade, onde tudo é possível viver.

Em princípio, todo espaço público tem função de circulação ou de comunicação e convívio social em diversos graus; o uso ou não uso desses espaços, muitas vezes, está condicionado às suas funções, sejam aquelas propostas nos projetos originais ou vinculadas às reais ou às novas necessidades dos cidadãos (CUNHA, 2002).

Sendo assim, buscamos entender quais as relações de sociabilidade e os anseios com relação à funcionalidade que os cidadãos buscam nos espaços públicos, especificamente as praças públicas das áreas centrais das cidades. Segundo Gonçalves (1997), o sucesso do sistema de espaços livres

depende da superação de padrões sociais, culturais e econômicos que minam a possibilidade de convivência de classes sociais distintas.

De acordo com Gehl (2006), a presença de outras pessoas, de atividades e acontecimentos, de inspiração e estímulos são as qualidades mais importantes dos espaços públicos.

Os espaços livres urbanos apresentam quatro principais funções: de qualidade ambiental (vegetação, sombra e temperatura), social (encontros e usos de lazer), de identidade local (simbólica) e de função estética. A partir destas funções, definimos alguns indicadores de qualidade presentes nos espaços livres, que serão abordados a seguir em suas distintas dimensões e conceitos.

Dimensão social

Fundamental para análise da validade de qualquer obra urbana é a dimensão social. A base da leitura da cidade é o conteúdo social que deve vir associado à descrição dos fatos geográficos que dão à paisagem urbana seu significado. Os fatos sociais, à medida que se apresentam nos espaços, precedem as formas e as funções e, por assim dizer, as abrangem (TRICART apud ROSSI, 1995).

Devemos pensar a cidade como o espaço que caracteriza uma forma de produção e agasalha específicas relações sociais (FERRARA, 2000) e os espaços públicos como os lugares onde as trocas sociais acontecem mesmo numa sociedade ainda com a estratificação social bem definida.

Entretanto, o espaço público é fundamentalmente o espaço do encontro com o outro, com o diferente de si (LEITÃO, 2002) e é, sobretudo, social, contendo, antes de tudo, as representações das relações de produção e enquadrando as relações de poder nesses espaços, nos edifícios do seu entorno, nos monumentos e nas obras de arte que constituem o espaço (SERPA, 2007).

Dimensão cultural

Os sistemas organizados de símbolos significantes – como padrões culturais – são vitais para o balizamento do comportamento social (GEORTZ, 1978 apud RODRIGUES, 2005). Esse padrão cultural é definido por Pallamin (2002) como o meio de estruturação de espaços públicos e cenarização da cidade.

Dimensão simbólica

O espaço urbano assume uma dimensão simbólica, variável segundo os diferentes grupos sociais e etários e está profundamente ligada à qualidade histórica dos lugares. No que se refere a esta dimensão, Lynch (1960) afirma que a valorização das imagens e identidades amplia-se para além dos

limites da percepção cotidiana da vida dos cidadãos, possibilitando uma maior conscientização sobre as referências do lugar e onde o olhar atento revela a construção dos signos do imaginário.

Os espaços públicos centrais costumam estar impregnados de memória, o que lhes garante um valor simbólico que ultrapassa a sua função mais visível. São nesses espaços privilegiados que estão registrados os fatos urbanos que caracterizam as cidades.

Bosi (1994 apud LEITÃO, 2002) chama a atenção para a função social da memória e é através dela que as pessoas podem, simbolicamente, recuperar o tempo que correu e aquelas coisas que quando as perdemos nos fazem sentir diminuir e morrer.

A dimensão simbólica de um lugar contribui para a sua preservação, devido ao valor histórico e afetivo que representa para a cidade e sua população.

Dimensão ambiental

Uma das características essenciais dos espaços livres urbanos é a necessidade de prover condições confortáveis. Se os espaços não são confortáveis é provável que não sejam usados. Níveis de luz solar, sombra, temperatura, umidade, chuva, neve, vento e ruído têm um forte influência em nossa experiência de uso do ambiente urbano. Estes fenômenos incidem diretamente na qualidade do ambiente natural e do microclima urbano.

Escala

A escala tem significado relativo em arquitetura e urbanismo, variando de acordo com o período histórico, com o sítio físico e com a área de influência econômica. Ouro Preto, por exemplo, tem como características principais: o período barroco, o terreno acidentado e as atividades de mineração. O porte da cidade é pequeno, mas a riqueza permitida pela economia gerou uma multiplicidade de largos e praças fronteiros às igrejas e ligados por ladeiras íngremes configuradas pelos ricos sobrados da sociedade local à época em que foram construídos.

Por outro lado, a cidade de Brasília apresenta características distintas de momento histórico, sítio e economia que resultaram em espaços públicos de grande porte. Podemos concluir que os aspectos da escala regional, da escala urbana e da escala local interferem na produção dos espaços livres urbanos.

Acessibilidade

A acessibilidade (figura 1) tornou-se uma preocupação real e oficial no final do século XX e passou a ser atendida, tanto em termos dos edifícios como em relação aos espaços públicos. Quanto ao acesso físico nos espaços urbanos, devemos considerar três pontos, privilegiando a acessibilidade do usuário: a comunicação das áreas públicas com outras partes da cidade, o sistema de caminhos dentro do próprio espaço público e o acesso deste aos edifícios.



Figura 1: Acessibilidade em Ribera de Uribitarte, Bilbao. Fonte: Corsini, 2007.

2.2.2 Espaço público e cidadania

Como construir o espaço público, onde são reconhecidos os direitos e os deveres dos cidadãos?

As tendências contemporâneas do projeto urbano enfatizam o espaço livre e público como o principal elemento estruturador das cidades, pois é nele que se constrói a cidade e a cidadania. Porém, de acordo com Gonçalves (1997), a melhoria das condições desses espaços depende de outros fatores, como a melhoria das condições de distribuição de renda, o acesso à educação, saúde, habitação, trabalho e lazer por parte da população em geral e, por fim, a não exclusão de uma ou de outra classe social.

Observa-se em algumas cidades, principalmente metrópoles, um processo de esquecimento, de abandono e de degradação, principalmente pelo uso do extensivo do automóvel que impede a apropriação do espaço por parte da população, mais especialmente as crianças, os adolescentes, os idosos e os deficientes físicos, ou mesmo qualquer pessoa que dependa de outro meio de transporte para o seu deslocamento, gerando outro tipo de exclusão social e desrespeito à cidadania (GEHL; GEMZOE, 2002).

O acesso a parques, praças, canteiros, ruas, avenidas e largos, entre tantos outros, incluindo as áreas de preservação permanente, as florestas, os bosques, rios, córregos, lagos, dunas, mangues, bordas de rios e mares em área urbana também se constituem em direitos constituídos aos cidadãos.

Até esta etapa do trabalho foi possível estudarmos diversas questões relativas aos centros urbanos e aos espaços livres públicos, oferecendo uma idéia bastante clara a respeito de cada um dos assuntos, principalmente no âmbito nacional. Cabe agora alcançarmos o entendimento sobre as praças públicas.

2.3 Praças Públicas

As praças públicas são os espaços urbanos entendidos a partir da localização e de seus limites, que definem sua territorialidade. A marcação desse território acontece não apenas por limites geográficos ou referenciais visuais, mas pela apropriação do espaço por um grupo que desenvolve atividades específicas, dando-lhe uma identidade.

A praça, assim como o largo e a rua, são lugares onde as pessoas circulam, se vêem e são vistas; onde é possível, além de transitar, descansar, tomar um café ou simplesmente estar (AFONSO, 1999).

Além disso, as praças são importantes peças públicas no tecido urbano. Elas nascem do estar-junto por razões políticas ou comerciais e, como o lúdico é inerente ao ser humano, o estar-junto traz simultaneamente o jogo, a conversa, a música e outras trocas simbólicas (GASTAL, 2006).

Vaz (2003) trata a praça pública, em particular a praça pública central, como cenário onde os usuários atuam nos papéis de ator e espectador e os indivíduos que penetram sobre o lugar e a ação que se tem passado são imediatamente submetidos à condição de estar em público.

A maioria das praças públicas, no Brasil, apresenta uma ou mais funções: o cruzamento, a feira, o estacionamento, o lazer, o acesso à estação rodoviária. Além disso, a praça pública central é um signo de referência onde se realizam os encontros. Isso se torna visível, segundo Vaz (2003), em razão de sua forma arquitetônica e de sua localização, tornando-se uma referência para o habitante e o visitante graças à sua legibilidade e à sua história, significando um espaço que organiza o tecido urbano a partir de um centro.

Quanto às tipologias espaciais, as praças podem ser divididas, segundo Gehl e Gemzoe (2002), em: Praça Principal, praça central em uma cidade ou bairro; Praça Recreativa, espaço público com a função principal de lugar de encontro ou atividade de lazer; Passeio Urbano, espaço que oferece mobiliário urbano de descanso; Praça de Tráfego, cuja função principal é facilitar a circulação do tráfego, assim como o intercâmbio entre diferentes meios de transportes e Praça Monumental, espaço público com grande importância simbólica, devido especialmente ao seu porte.

As praças públicas podem apresentar várias formas de uso: como alternativa para a amenização das condições climáticas, da qualidade do ar e insolação, como espaço destinado ao lazer, como espaço articulador da circulação de pedestres; como área de lazer passivo e ativo, como local de convivência dos moradores das proximidades, possibilitando atividades recreativas e encontros. Equipamentos

como quadras esportivas, brinquedos infantis, anfiteatros e bancos, convencionais ou estilizados são os elementos que facilitam sua utilização por parte dos moradores e visitantes.

A seguir, apresentamos conceitos de praça pública, definições, funções e atividades realizadas nas praças; sua evolução ao longo da história, no mundo e no Brasil. Finalizando, aprofundaremos os conceitos de sociabilidade, identidade, apropriação, morfologia e elementos que compõem as praças públicas.

2.3.1 Definições de Praça

Alguns designam por praça qualquer espaço vazio entre quatro ruas e para Camilo Sitte, desde 1889, essa circunstância é apenas suficiente em termos de higiene ou de outras considerações técnicas, mas, sob o ponto de vista artístico, responsável pelo efeito estético, um terreno vazio não é uma praça. Além disso, como objeto físico, limitado no território da cidade, a praça deve guardar um senso de objeto carregado de símbolos.

Tradicionalmente, a praça é o local de encontro com funções de lazer, ligadas ao conceito de tempo livre e aos acontecimentos da vida da cidade, sejam de caráter político, econômico, cultural e outros (CUNHA, 2002). Numa praça, de acordo com Panerai (2006), pode-se ter uma feira, um estacionamento ou pode-se levantar as tendas de um parque de diversões e ela continua sendo uma praça, ou melhor, ela permanece sendo esta praça que ninguém confunde com a rua que lhe dá acesso, com o bulevar ou com o jardim público.

Segundo Lamas (2004), a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência dos acontecimentos, das práticas sociais, das manifestações de vida urbana e comunitária, do prestígio e das funções estruturantes e arquiteturas significativas. Ainda, segundo o autor (2004), a praça é o elemento básico da energia e criatividade do desenho urbano e da arquitetura e também o cenário, o espaço embelezado e a manifestação de vontade política e de prestígio.

Com relação a sua origem, é na ágora grega que a praça surge, mas no Brasil, a origem das praças está ligada, geralmente, aos adros coloniais em frente às igrejas que eram, em geral, espaços sem vegetação e serviam para comércio, festas religiosas e manifestações públicas.

Neste estudo consideramos a praça como sendo o espaço livre público destinado ao lazer, ao convívio da população e à contemplação da paisagem urbana. As praças podem assumir outras definições além destas citadas anteriormente, mas consideramos estes usos, a acessibilidade e a carga simbólica como os principais elementos observados nas análises elaboradas nesta pesquisa.

2.3.2 Funções

A adequação funcional e a morfologia da praça pública permitem sua utilização para esta ou aquela finalidade (MACEDO, 1995). Assim, espaços urbanos com diferentes formas cumprem variadas funções, tais como: social, ambiental, estética, educativa e psicológica.

Para Santana (2005), estes espaços podem ser utilizados com outro sentido, tais como: passagem, espaço de reivindicações, lazer, contemplação e religiosidade e, para a realização destas atividades, deve conter mobiliário urbano e equipamentos que promovam sua utilização nas mais diferentes formas e horários e para os mais distintos usuários.

Segundo Lynch (1988), a praça é um dos elementos fixos que marcam concretamente as cidades como lugares que orientam o traçado do deslocamento dos fluxos. Os usos ativos e passivos que nela se encontram são atividades que categorizam os espaços em termos funcionais e os qualificam pela sua intensidade na área pública e poder de atração sobre os usuários (CUNHA, 2002).

Macedo (1995) destaca que os elementos que definem os espaços livres são os mesmos em qualquer lugar. Construções, edifícios, muros, escadarias, vegetação, formas de relevo, águas, seres vivos, veículos e mesmo os seres humanos, todos colaboram diretamente na composição destes espaços, variando sua participação de acordo com o contexto e o lugar em que se inserem, formando planos, paredes e pisos e constituindo lugares de vivência, de contemplação, conservação e encontro.

Outra característica fundamental a ser evidenciada é o uso e seu tempo de utilização. Segundo Vaz (2003), a praça pública central é um dos lugares onde a intensidade da frequência no cotidiano se distingue da maioria dos outros espaços públicos urbanos.

De acordo com Leitão (2002), as praças podem assumir as seguintes funções:

Fatores que indicam as possíveis funções das praças (LEITÃO, 2002):

- 1) características do entorno:** função urbanística que o espaço vai desempenhar, entorno imediato e raio de influência;
- 2) nível sócio-econômico da população:** uma praça pode vir a suprir a necessidade de diversão de uma comunidade;
- 3) a importância simbólica:** graças à importância que tem, tanto para memória coletiva da cidade quanto para a vida pessoal.

- a. **Estar:** espaços que a população usa para jogar dominó, para conversar com amigos e para passar o tempo;
- b. **Descanso:** espaços onde as pessoas param para descansar entre um e outro expediente e para proteger-se das variações climáticas;
- c. **Lazer:** locais para os quais a população se desloca para se divertir e para desfrutar o tempo livre;
- d. **Esporte:** locais destinados à prática de esportes;
- e. **Contemplação:** espaços para desfrutar a paisagem;
- f. **Festa:** onde acontecem celebrações populares tanto de caráter religioso quanto profano;
- g. **Estética:** espaços que, graças à qualidade estética do projeto, permitem a diversificação da paisagem construída e embelezamento da cidade;
- h. **Educativa:** praças que se oferecem como ambiente para desenvolvimento de atividades extra-classes e de programa de educação.

A rigidez formal de um projeto paisagístico pode impedir que um espaço livre sobreviva às transformações urbanas, comprometendo a implantação e uso de uma praça ou parque (AFONSO, 1999). Os projetos de espaços livres públicos devem ser flexíveis para que sejam utilizados por todas as faixas etárias da população.

Robba e Macedo (2002) destacam três valores fundamentais nas praças da cidade contemporânea: valores ambientais, valores funcionais e valores estéticos e simbólicos. Esses valores se convertem em funções que as praças desempenham nas cidades e são apresentados a seguir:

a. **Valores ambientais:**

- a. Melhoria na ventilação e na aeração urbana;
- b. Melhoria da insolação de áreas muito adensadas;
- c. Ajuda no controle da temperatura;
- d. Melhoria na drenagem das águas pluviais com superfícies permeáveis, que absorvem parte das águas e diminuem sua velocidade de escoamento, devido à rugosidade das superfícies plantadas evitando, assim, enchentes;

- e. Proteção do solo contra a erosão;
 - f. Proteção e valorização dos mananciais de abastecimento, dos cursos d'água, lagos e represas contra a contaminação e poluição.
- b. **Valores funcionais:**
- f. Do ponto de vista funcional, as praças são uma das mais importantes opções de lazer urbano.
- c. **Valores estéticos e simbólicos:**
- g. As praças também são simbolicamente importantes, pois se tornam objetos referenciais e cênicos na paisagem da cidade, exercendo importante papel na identidade do bairro e da rua.

2.3.3 Atividades nas praças

Gehl (2006) classifica as atividades realizadas nas praças e nos espaços públicos, em geral, em três tipos: atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais:

- a. **Atividades necessárias:** inclui a maior parte das atividades relacionadas com a ação de caminhar e não dependem tanto do entorno externo e das condições climáticas. Exemplos: ir ao colégio, ao trabalho, sair às compras, esperar ônibus e tarefas cotidianas;
- b. **Atividades opcionais:** aquelas em que se participa se existe o desejo de fazê-la ou se o tempo e o lugar permitem; estas atividades só se realizam quando as condições externas são favoráveis. Exemplos: dar um passeio para tomar um pouco de ar fresco, passar o momento desfrutando a vida e sentar-se e tomar sol;
- c. **Atividades sociais:** são todas que dependem da presença de outras pessoas; o caráter destas atividades varia dependendo do contexto em que se produzem. Exemplo: jogos infantis, cumprimentos, conversas, diversas classes de atividades comunitárias e contatos de caráter passivo, além de ver e olhar as outras pessoas.

2.3.4 Classificações espaciais

Morfologicamente, Carmona et al. (2003) caracterizam praças como espaços formais ou informais (figura 2): praças formais têm um forte senso de recinto cercado, piso e arranjo de mobiliário urbano ordenados, edifícios circundantes que aumentam a formalidade e frequentemente um *layout* simétrico; praças informais tipicamente têm uma característica mais orgânica, uma extensa variedade de arquitetura circundante e um *layout* assimétrico.

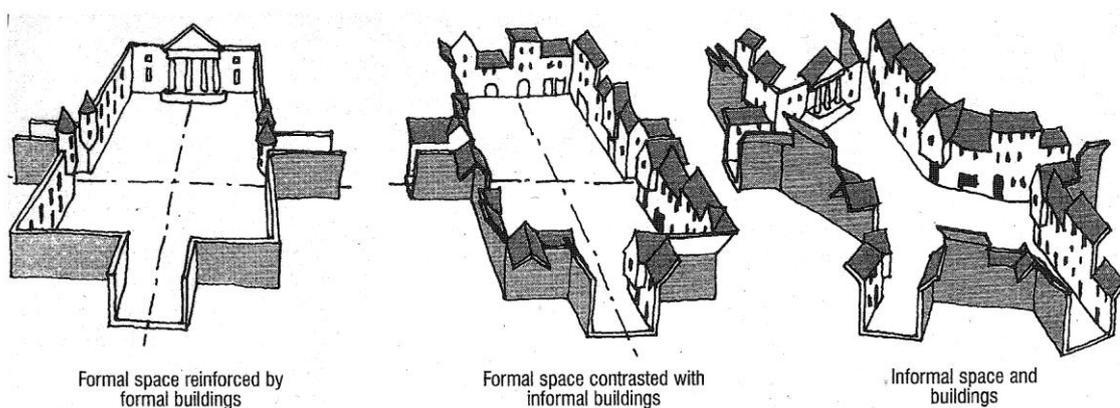


Figura 2: Espaços formais e informais. Fonte: Carmona et al., 2003.

Com relação à relevância artística das praças urbanas, Zucker (1959 apud CARMONA et al., 2003) a classifica em cinco tipos básicos, mas salientando que praças raramente representam um tipo puro e frequentemente transportam as características de dois ou mais tipos:

1. Praça fechada: é um recinto completo, ininterrupto, somente cortado pelas ruas que se direcionam a ela e exibe uma forma geométrica regular, geralmente, repetindo elementos arquitetônicos em toda a periferia. Ex.: Plaza Mayor, Madrid (figura 3);



Figura 3: Plaza Mayor, Madrid. Fonte: Greatbuildings, 2008.

2. Praça dominada: espaço direto onde alguns edifícios criam um senso de lugar na frente deles e é caracterizada por um edifício ou um grupo de edifícios para qual toda estrutura circundante é relatada. O conjunto de edifícios que configuram a Piazza Campidoglio, em Roma (figura 4), são organizados a partir de um eixo de simetria, onde as colunas dos edifícios, em escala monumental, dominam o espaço da praça;



Figura 4: Piazza Campidoglio. Fonte: Baccolini, 2003.

3. Praça nuclear: espaço formado em torno de um centro onde um

núcleo é suficientemente poderoso para criar um senso de espaço radiante em torno dele. A Piazza do Campidoglio também corresponde a esta descrição, pois a estátua eqüestre de Marco Aurélio, reforçada pela rosácea desenhada no piso, indica o centro, provendo um senso suficientemente forte do espaço criado a partir do elemento nuclear;

4. Praças agrupadas: unidades de espaço combinadas providas de imagens mentais sucessivas podendo ser integradas dentro de um grande conjunto, estabelecendo um elo estético, por exemplo, por meio de um eixo (Place Royale, Place de la Carriere) ou por serem agrupadas em torno de um edifício dominante (Piazza San Marco, Veneza – figura 5);



Figura 5: Piazza San Marco.
Fonte: Greatbuildings, 2008.

5. Praça amorfa: espaços sem limite que não consentem uma das categorias acima, mas exibem o mínimo de qualidades necessárias, ainda que – além da análise – eles parecem desorganizado ou sem forma.

2.3.5 Quadro das praças no mundo

A história tem um importante papel a desempenhar, pois ela pode revelar os elementos constituintes do nosso período que haviam sido esquecidos, além do vínculo com o passado se tornar um pré-requisito para o surgimento de uma tradição nova e autoconfiante (GIEDION, 2004). Sitte (1992) destaca que pesquisar a fundo uma série de praças antigas e antigos conjuntos urbanos verificando as causas de seus belos efeitos, pode nos proporcionar um corpo de regras cuja observância deve garantir a obtenção de semelhantes efeitos precisos.

Segundo Rossi (1995), estudar a história como estudo do próprio fundamento dos fatos urbanos e da sua estrutura é “o complemento do outro e concerne diretamente não apenas à estrutura material da cidade, mas também à idéia que temos da cidade como síntese de uma série de valores”.

Essa retrospectiva histórica do tema auxiliará no entendimento de algumas questões sobre as praças públicas, mesmo nessa primeira parte onde apresentamos o contexto europeu de praças em cidades de épocas passadas muito diferente da realidade urbana brasileira. Cabe salientar que o presente estudo não tem objetivo de contribuir para uma discussão aprofundada da história das praças. Estudaremos, apenas, alguns fatos que permitam compreender a associação histórica entre os padrões de projeto das praças e o desenho da paisagem, principalmente, em relação às intervenções

que tiveram maior importância tanto na formação da imagem da cidade como na sua repercussão como modelo para os seus usuários.

A seguir, no quadro 1, os principais fatos sobre as praças ao longo da história no mundo. A ideia de construir esse quadro das praças mundiais busca compreender o significado das obras através de sua situação dentro de um panorama histórico e trata-se de uma linha do tempo e de um perfil histórico construído a partir de referências bibliográficas.

ANTIGUIDADE	IDADE MÉDIA	RENASCIMENTO	BARROCO	REV. INDUSTRIAL	ECLETISMO	MODERNISMO	CONTEMPORÂNEA
<p>A Ágora era a praça na cidade baixa da Grécia e representava o lugar da palavra, da assembleia e da reunião (ROLNIK, 1988 apud CORADINI, 1995).</p> <p>Já a cidade alta era representada pela Acrópole situada na colina onde se localizava o templo religioso. A Acrópole era o núcleo de muitas cidades antigas, um morro defensável com uma praça forte que mantinha a vigilância sobre a cidade e seus campos cultivados, além de constituir-se em refúgio e domicílio nos tempos primitivos (GUIMARÃES, 2004).</p> <p>Com o passar do tempo e devido a mudanças políticas, as relações entre ambas (Ágora e Acrópole) foram modificando. Na medida que o governo evoluiu da monarquia, através da aristocracia, para a democracia, a Acrópole deixou de ser o núcleo cívico, para tornar-se um centro religioso e a Ágora passou a ser o elemento mais importante e característico (GUIMARÃES, 2004).</p> <p>A Ágora antecedeu o Forum Romano e as grandes <i>piazas</i> e praças européias. O Forum Romano não era tão diversificado quanto a Ágora, e desempenhava funções vinculadas predominantemente ao sistema comercial legal e religioso do Estado. O Forum apresentava irregularidade no plano geral, mas foi inegável a preocupação com a simetria formal, a perpendicularidade dos eixos simétricos, a monumentalidade dos edifícios públicos e o fechamento do recinto ao tráfego de passagem (GUIMARÃES, 2004).</p>  <p>Fonte: Jesuita, 2008</p>	<p>O espaço medieval se caracterizava por ser um espaço homogêneo e com um centro, onde estava instalada a Igreja; o traçado das ruas e praças da cidade medieval seguia os contornos naturais, não existindo nenhum plano pré-estabelecido (CORADINI, 1995). A <i>Piazza</i> medieval era o centro de intercâmbio e de encontro.</p> <p>A cidade medieval, de acordo com Sitte (0000), possuía duas ou três praças principais, raramente uma só, pois elas também representavam as diferenças entre autoridades seculares e eclesiásticas.</p> <p>Além disso, a praça pública na Idade Média era o “ponto de convergência de tudo que não era oficial, de certa forma gozava de um direito de extra-territorialidade no mundo da ordem e da ideologia oficial e o povo sempre tinha a última palavra” (BARKHTIN, 1987 apud CORADINI, 1995).</p> <p>Havia três modelos de praça medieval: a <u>praça da Catedral e do palácio episcopal</u>; a <u>praça laica</u>, como a Signoria (Florença) e a Piazza del Campo (Siena); a <u>praça do mercado</u> que muitas vezes localiza-se junto ao portão da cidade, correspondendo à principal razão da cidade como lugar de troca e serviços.</p>  <p>Fonte: wikipedia, 2008</p> <p>A dimensão e a forma das praças variavam segundo as cidades com o predomínio da irregularidade; a coesão e o fechamento das praças em relação ao espaço externo eram obtidos pela construção de igreja e prédios públicos encostados em outros edifícios (GUIMARÃES, 2004).</p>	<p>Na vida pública da Idade Média e da Renascença, houve uma valorização intensa e prática das praças das cidades e uma harmonização entre elas e os edifícios públicos adjacentes com uma forte relação artística entre eles; as praças ricamente adornadas eram o orgulho e a alegria de toda cidade independente (SITTE, 0000).</p> <p>Podemos destacar três praças deste período: Piazza Del Duomo (Pisa), Piazza della Santissima Annunziata (Florença) e Piazza de São Marcos (Veneza):</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Piazza del Duomo (1493-95) em Pisa é um raro exemplo de uma praça do 1º Renascimento - circundada por arcadas, tal como as novas cidades construídas do século XVIII, e se assemelha a um pátio fechado apesar das teorias renascentistas em que a praça figurava como ponto de convergência para as ruas radiais (GIEDION, 0000); • A Piazza della Santissima Annunziata em Florença, marcou o crescimento ordenado da cidade e as idéias emergentes da Renascença. O projeto de Brunelleschi para as arcadas do hospital e asilo logrou estabelecer um padrão que seria mantido em construções posteriores ao longo da praça, criando o ordenamento matemático, a precisão e a clareza da forma com o ideal da praça no Renascimento (GUIMARÃES, 2004);  <p>Fonte: wikipedia, 2008</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Piazza de São Marcos, em Veneza, é uma das majestosas praças abertas no Renascimento. 	<p>O Barroco foi um prolongamento em escala monumental do Renascimento, suas praças criadas com marcos arquitetônicos próprios e destaques centrais como estátuas eqüestres, obeliscos ou chafarizes.</p> <p>O primeiro grande espaço aberto dentro de uma cidade – em contraste com a praça renascentista circunscrita – foi a Piazza Oblíqua (a Praça Oval) de São Pedro em Roma. A Piazza foi um desafio para todo o impulso de construção das praças planejadas do Renascimento; Bernini quis usar a praça para sugerir a amplidão do espaço por meio de um desenho formal, ao invés de sugerir o fechamento e a domesticação do espaço como preconizava no Renascimento (SENNETT, 1988).</p>  <p>Fonte: wikipedia, 2008</p> <p>A idéia de um espaço imenso feito pelo homem, bem no meio de um denso conglomerado urbano (SENNETT, 1988), além da principal ordem no crescimento das cidades de Roma, no período Barroco, foi o estabelecimento de linhas de força que definem a tensão entre os vários marcos na velha cidade; o inter-relacionamento destas linhas e sua interação com a velha estrutura entram em jogo uma série de forças de desenho que tornam-se um elemento dominante no trabalho arquitetural ao longo deles (BACON, 1978).</p>	<p>O século XVIII é um século notável pela criação de praças, mas algo mudou na sua forma e principalmente na sua função. De acordo com Sennett (1988), o planejamento de praças refeou-as como um lugar central de uso múltiplo, de reunião e observação substituída pelo espaço tomado como monumento a si mesmo em Paris e como museu da natureza em Londres.</p> <p>A primeira grande praça pública efetivamente construída em Paris foi a Place Vendôme, no início do século XVIII.</p>  <p>Fonte: wikipedia, 2008</p> <p>As grandes <i>places</i> urbanas não eram mais feitas para concentrarem todo o tipo de atividade das ruas circundantes; a rua não deveria ser pórtico para a vida da praça, esta deveria ser um monumento a si mesma, com atividades restritas acontecendo em seu meio; atividades constituídas como de passagem e de transporte e, acima de tudo, essas praças não foram concebidas tendo em mente a multidão lenta que se congregava (SENNETT, 1988).</p> <p>No plano de Haussmann, no século XIX, em Paris, a principal razão da criação de espaços livres era o saneamento, isto é, um recurso a uma sistemática cirurgia urbana em razão da higiene. Foi criada uma hierarquia de áreas arborizadas que Haussmann dividiu em quatro categorias: o boulevard (via larga arborizada como Champs-Élysées); a Place ou Square (modelo de praça que Napoleão III trouxe de Londres); os jardins públicos de traçado romântico e; os parques suburbanos (GUIMARÃES, 2004).</p>	<p>No século XIX, as praças de Londres estenderam a tradição barroca de justaposição de natureza e residências às classes ainda mais baixas, fazendo com que deixasse de ser um privilégio exclusivo das pessoas abastadas (GIEDION, 0000).</p>  <p>Fonte: opensquares, 2008</p> <p>Na Inglaterra, as fachadas laterais das construções que circundavam as praças de Londres estavam desenhadas como um todo arquitetônico e todas as casas tinham sua entrada principal na rua que circundava a praça (LAURIE, 0000).</p> <p>Em contraponto, a expansão caótica ocasionada pelas indústrias significou uma influência nova e mortífera; a busca de propriedade por meio do novo aumento no poder de produção se tornou um fim em si e isto, por um lado, levou ao apodrecimento de áreas degradadas e por outro, à construção de mansões enormes e disformes e, em consequência, o lazer desapareceu, pois ninguém tinha mais tempo para viver de um modo harmonioso (GIEDION, 0000).</p>	<p>Nos primeiros 20 anos do século XX, o saneamento e embelezamento urbanos foram metas prioritárias para os dirigentes das grandes cidades e uma onda de transformação dos antigos centros com a construção de novos espaços públicos e a criação de novas áreas urbanas, foi instaurada (CUNHA, 2002).</p> <p>Os espaços públicos, entre eles a praça, passam a ser uma obrigação de se ter um espaço aberto e não mais uma praça com finalidade própria como era em épocas anteriores, de acordo com Gehl (0000), “as casas deviam ter luz, ar, sol e ventilação, e seus habitantes deveriam ter assegurado o acesso aos espaços abertos”.</p>  <p>Fonte: Aereal, 2008</p>	<p>Novas alterações surgem com a praça contemporânea para adaptar-se à nova dinâmica da cidade, chamando atenção para a volta da atividade comercial na praça e da utilização de grandes pisos desobstruídos destinados à passagem de transeuntes, configurando um retorno à praça seca (CUNHA, 2002).</p> <p>Infelizmente, em muitos locais a praça mantém sua serena dignidade, mas adquiriu outro papel, como estacionamento para bicicletas e motocicletas.</p>  <p>Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, 2008</p>

Quadro 1: História mundial das praças – principais fatos.

2.3.6 Evolução das praças no Brasil

A trajetória histórica dos espaços livres públicos no Brasil, entre eles as praças, variou muito. Segundo Cunha (2002), percebe-se ao longo de vários períodos que ora a acepção do público, ora a do privado prevalece em decorrência de momentos econômicos e sociais específicos que incidem sobre a formação e reestruturação urbana. Os padrões de qualidade também variaram tanto conforme o tipo de espaço adotado e o uso da época - contemplação, lazer passivo, lazer ativo e consumo - como das forças sociais relativas às classes econômicas - ora somente a elite era quem merecia lazer, ora a maioria popular tinha força para também demandar por seus espaços.

A praça, juntamente com a rua, consiste em um dos mais importantes espaços públicos urbanos das cidades brasileiras, tendo desempenhado um papel fundamental no contexto das relações sociais em desenvolvimento. De simples terreiro a sofisticado jardim, de campo de jogos a centro esportivo complexo, a praça é, por excelência, um centro e um ponto de convergência da população que a ela acorre para o ócio, para comerciar, para trocar idéias e para o desempenho da vida urbana ao ar livre (ROBBA; MACEDO, 2002). A seguir vamos apresentar os momentos significativos na evolução das praças públicas no Brasil.

Na cidade colonial, o modelo da praça pública central, segundo Vaz (2003), representava a cena das práticas de comunicação e de informação então baseadas nas interações face a face, o lugar de agrupamento da população e o lugar do rito religioso e político, por sua centralidade e seu papel de estruturação da malha urbana. Estas praças constituíam o centro de reunião da vida urbana onde se realizavam as cerimônias cívicas e toda sorte de festividades religiosas e recreativas, servindo ainda aos mercados e feiras e nelas se localizavam os edifícios principais que mais enobreciam a cidade: a Casa da Câmara e Cadeia, a Casa dos Governadores e a Igreja Matriz (GUIMARÃES, 2004).

Buscando entender a formação da cidade colonial brasileira, podemos notar uma proximidade com a formação das cidades medievais européias, pois estas também apresentavam os núcleos desenvolvidos a partir de estruturas religiosas independentes a partir de entrepostos comerciais. O desenvolvimento desses núcleos assemelhava-se, também, no ponto de vista da estrutura morfológica: ruas, largos e praças iam se configurando a partir da construção do casario, diferindo, porém, quanto à função, ao uso e à apropriação do espaço livre público (ROBBA; MACEDO, 2002).

A praça colonial brasileira permitia diversas funções, englobando as atividades sacras e profanas, civis e militares diferente do que acontece na praça medieval na Europa que era dividida em cinco grupos: praças de mercado, praças no portal da cidade, praças como centro da cidade, adros de igrejas e

praças agrupadas (GUIMARÃES, 2004). A construção da praça era determinada pela igreja, visto que, na época, esta era tida como uma extensão da capela.

O espaço deixado em frente às igrejas é o espaço de formação da praça. Pelo destaque e proporção dos adros, atendiam também às atividades mundanas, como as de recreio, de mercado e de caráter político e militar (MARX, 1980).

Além da proximidade com as praças do período medieval, a praça nas primeiras cidades coloniais brasileiras, como espaço coletivo e de domínio público, segundo Caldeira (2007), assemelhava-se ao que acontecia na antiguidade Greco-romana, onde a praça era o espaço urbano mais importante e o centro irradiador da cidade onde se encontravam os edifícios administrativos e cívicos: a casa da redenção, câmara, cadeia e praça do pelourinho.

No que diz respeito à forma, as praças raramente eram de uma regularidade perfeita. Um exemplo disto é o Terreiro de Jesus (figura 6), em Salvador, relativamente quadrangular, mas os alinhamentos não eram seguidos à risca: do Colégio dos Jesuítas, um ângulo avançava sobre o terreiro e, na face oposta a este, uma larga via oblíqua conduzia ao convento de São Francisco - as duas casas religiosas figuravam como dois pólos da composição (CUNHA, 2002).



Figura 6: Terreiro de Jesus, ao fundo, o antigo Colégio dos Jesuítas. Fonte: site imageshack, 2008.

Outro exemplo é a Praça dos Governadores (figura 7), em Ouro Preto, onde dois edifícios principais se defrontam, um em cada extremidade da praça: a Casa dos Governadores e a Casa de Câmara e Cadeia. A forma da praça é irregular, inexistindo um eixo retilíneo e as ruas de cada lado nas extremidades assimétricas, além das casas de frente para a praça situarem-se abaixo em relação à praça (GUIMARÃES, 2004).



Figura 7: Praça dos Governadores, Ouro Preto. Fonte: Autora, 2007.

Em Santa Catarina, onde estão localizadas as praças estudadas nesta pesquisa, as primeiras povoações também nasceram em torno do vasto espaço público estrategicamente criado pela colocação da capela, afastado do mar de modo a definir o espaço comunitário (VIEIRA, 19 --).

Ainda de acordo com Vieira (19 --), essas informações tendiam a centralizar a fundação do povoado em torno de um pátio e a forma de definir este espaço no litoral estava na escolha do local da

construção da capela: o terreno que ficava entre o mar e a igreja indicava a extensão da praça. Esta opção foi seguida quase que de forma absoluta no litoral de Santa Catarina e no século XVIII, considerado como o século das praças, com os espaços comunitários rompendo seus pequenos contornos medievais para definir o desenho do povoamento.

Com o processo de colonização iniciado, passa a ocorrer uma interação e uma influência mútua entre a evolução das formas urbanas portuguesas e brasileiras que estavam profundamente articuladas. Logo, com o desenvolvimento urbano de algumas cidades brasileiras, com maior enfoque para as cidades litorâneas, configura-se um quadro geral da evolução urbana de nossas cidades, auxiliando na compreensão das praças públicas.

As ruas e praças mais importantes receberam tratamento de jardim e foram ornadas com canteiros, árvores e flores ornamentais. O sucesso do processo de ajardinamento da cidade é enorme e algumas das praças coloniais mais antigas e tradicionais receberam vegetação e tratamento de jardim, perdendo algumas das suas peculiaridades como largo, pátio e terreiro (ROBBA; MACEDO, 2002).

Várias cidades brasileiras tratavam de embelezar seus logradouros públicos segundo uma visão salubrista (SEGAWA, 1996) onde destacavam a importância das praças ajardinadas como verdadeiros pulmões para as cidades. O processo de ajardinamento dos espaços livres urbanos como praças, largos e avenidas transformou a paisagem urbana na virada do século e modificou sua forma de apropriação pública.

Ainda no século XVIII, com a ampliação da política colonial, diversas cidades são redesenhadas por especialistas e muitas cidades surgem de projetos urbanos e seus autos de fundação instituem praças em que deverão ser instalados edifícios, igreja e pelourinho, estabelecendo as regras de ocupação que refletem o momento social e político e atendem a determinados valores simbólicos (CALDEIRA, 2007). O largo colonial utilizado anteriormente de diversas formas para atividades de comércio, lazer, convivência e passagem deu lugar, em algumas cidades, à praça ajardinada destinada ao passeio e à contemplação.

A praça-jardim torna-se um ícone social do espaço urbano e passa a ser vista e representada socialmente por meio de suas figuras e elementos mais significativos, como canteiros ajardinados, fontes, quiosques e coretos.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, o modelo da praça ajardinada continua sendo um padrão de qualidade do espaço livre e devido à influência cultural francesa e inglesa é dotado de uma

forte unidade em seu programa e forma, e torna-se típico uma linha de projetos da arquitetura paisagística brasileira denominada Ecletismo (ROBBA; MACEDO, 2002). Essa linha, segundo os autores (2002), engloba desde os jardins do final do século XVIII até as grandes praças ajardinadas construídas nas primeiras décadas do século XX e se caracterizava pela apropriação de vários estilos e influências.

Com o ecletismo, que permanece até a década de 1950, vários tipos estilísticos são representados, havendo uma predominância do Barroco francês, como se constata, por exemplo, no centro monumental eclético da cidade do Rio de Janeiro, especialmente na Praça Marechal Floriano (ver figura 8). Com relação às praças deste período, se percebe, no programa eclético, a sobreposição do jardim contemplativo ao largo colonial.



Figura 8: Praça Marechal Floriano Peixoto, no início do século XX.
Fonte: Ofca, 2008.

Os desenhos dos espaços livres ecléticos brasileiros, entre eles as praças públicas, dividiram-se basicamente em duas linhas: a linha clássica e a linha romântica, além da linha que mesclava essas duas correntes, conforme Robba e Macedo (2002), descrito abaixo:

- a. Na **linha clássica**, apenas foram transportadas algumas diretrizes de projeto e desenho europeus para as praças brasileiras, como a geometrização e centralidade. Os caminhos dispostos em cruz conduzindo a um estar central marcado por um ponto focal, geralmente um elemento verticalizado (monumento, fonte, chafariz, coreto, obelisco) e envolto por um passeio perimetral caracterizando a chamada tríade clássica que permeia a grande maioria dos projetos clássicos. A praça adquire outro significado sendo utilizada das mais diversas formas, não só para passear e contemplar a natureza, como também para a prática de jogos e divertimentos infantis.
- b. Como características da **linha romântica**, destacam-se: traçados orgânicos e sinuosos; estares e recantos contemplativos; passeios e caminhos que percorrem toda a área; lagos serpenteantes; equipamentos ecléticos pitorescos (coretos, pavilhões, espelhos d'água, estátuas, monumentos, fontes, grutas, arcos, templos, malocas, castelos, entre outros); grande quantidade de áreas permeáveis; criação de cenários naturalistas; criação de visuais; utilização cênica da vegetação; imitação do ambiente natural; aplicação de forrações, vegetação arbustiva e arbórea mais exuberante e uso de espécies exóticas europeias e de espécies nativas.

- c. A **linha romântico-clássica** surgiu no início do século XX e se utilizava de elementos dos dois estilos, onde geralmente eram colocados elementos pitorescos e cenários bucólicos sobre uma estrutura de caminhos e canteiros com eixos e espaços centrais bem definidos.

A partir da segunda década do século XX, as cidades crescem cada vez mais, as pessoas perdem os espaços de lazer e convivência espacial e o local público deixa de ser, muitas vezes, o espaço simbólico. Nessa época surgem modelos mundiais que estabelecem outro repertório urbanístico para as grandes cidades, agora voltado para o automóvel. Os espaços de praças existem, mas completamente desvinculados do cotidiano da cidade, o que dificulta sua apropriação para atividades de lazer ou mesmo atividades cívicas (CALDEIRA, 2007).

Nessa fase, o espaço livre público e urbano torna-se uma das opções de área de lazer existentes na cidade. Os parques e praças públicas passaram a ser utilizados para tal fim, ainda que dedicados exclusivamente às atividades contemplativas. A necessidade de ruas para a passagem de veículos entre os edifícios do entorno e a praça também alterou sua relação com a comunidade lindeira: a praça adquiriu outros significados na cidade moderna (ROBBA; MACEDO, 2002).

A idéia do modernismo de criar grandes eixos, de liberar espaços, da cidade aberta, dos edifícios altos, manifesta-se no urbanismo também. O urbanismo modernista substitui os espaços confinados pelos grandes espaços livres e estes permeiam quase todas as propostas de cidades contemporâneas. Segundo Caldeira (2007), no período moderno, a partir da década de 1920, a praça tem grande dimensão morfológica, mas se transforma em um espaço vazio, desarticulado do cotidiano urbano, o que a faz deserta e apenas ocupada em situações muito particulares.

A partir da década de 1940, parques e praças passaram a englobar em seus programas, o lazer ativo, marcado pelas atividades esportivas e a recreação infantil. O adensamento das áreas centrais e a expansão dos limites periféricos da malha urbana fazem com que os espaços públicos reafirmem-se como indispensável opção de lazer para a cidade.

A apropriação tradicional para o lazer contemplativo, passeio, apreciação da natureza e convivência permaneceu, mas o lazer ativo foi o principal diferencial no programa eclético. A praça moderna assumiu novas funções de recreação atendendo às necessidades de uma faixa populacional cada vez maior, o que a tornou um elemento urbano essencial na moderna cidade que se delineava.

Segundo Vaz (2003), a idéia da praça pública central, que dominou o período colonial e imperial no Brasil, resistiu de certa maneira ao salto da modernidade no curso do século XX, e a praça pública

central se reforçou, graças ao crescimento da cidade e à emergência dos centros secundários em cidades de médio porte.

No final do século XX, surgiram novos comportamentos e modos de projetar. Liberdade e profusão de formas e linguagens são suas principais marcas e, paradoxalmente, constituem seu mais forte elemento e coesão (ROBBA; MACEDO, 2002). A praça tem o intuito de recuperar o sentido de urbanidade e resgatar com certa nostalgia, os espaços das praças históricas, de modo a recuperar-lhe o sentimento de pertencimento.

Essa liberdade de projeto e algumas de suas características básicas podem ser observadas em projetos implantados em cidades brasileiras a partir de meados da década de 1980. Quanto à forma, segundo Robba e Macedo (2002), os projetos caracterizam-se por: revitalização e restauro da imagem; reconfigurações e mudanças estruturais; colagem decorativa e irreverência; formalismo gráfico como contraponto à praça ajardinada e cenarizações.

Surgem propostas de introdução do uso comercial e de serviços, circulação de pedestres, com a criação de esplanadas e a revalorização da praça seca, além da criação de espaços flexíveis que podem ser utilizados pela população de diversas formas (ROBBA; MACEDO, 2002). Esse utilitarismo sugere o retorno à herança da tradição colonial dos largos, onde estabelecimentos comerciais e de serviços, com o objetivo de atrair o público, são recursos bastante utilizados.

Segundo Favole (1995), a praça contemporânea quase não tem uma função específica nem depende, em sentido estrito, de um edifício ou monumento; sua finalidade é a de constituir um lugar atrativo de encontro e reunião e o objetivo do projeto é a praça em si mesma, considerando os pedestres como foco principal do acesso, percurso e uso das mesmas.

Outra característica típica da praça contemporânea consiste na não-determinação impositiva de um só tipo de uso (ROBBA; MACEDO, 2002), onde espaços e equipamentos não possuem função determinada.

2.3.7 A praça, o espaço público de sociabilidade

A praça é “a área pública e o local de encontro mais antigo e constante em toda evolução urbana mundial, existente em toda formação das cidades ocidentais” (CUNHA, 2002, p.24) e, em consequência disso, segundo Korosek-Serfaty (1981-82 apud VAZ, 2003), é tratada como um lugar específico que cristaliza e exprime uma forma particular de sociabilidade.

Numa praça, de acordo com Guimarães (2004), devemos estar suficientemente envolvidos por todos os lados de modo a poder focalizar os espaços como uma entidade. O reconhecimento da forma clássica da praça como lugar de sociabilidade se funde, portanto, sobre o imaginário da população, da cidade antiga ou tradicional, das formas anteriores à difusão dos meios de transporte e da telecomunicação (VAZ, 2003).

Um bom exemplo desses centros sociais são as praças italianas que funcionam não apenas como um espaço físico aberto, envolvido por edifícios e que geralmente se localizam na parte central da cidade. Dentro deste panorama italiano, Guimarães (2004) aponta que existem diferenças de função, forma e tipo de praça que estão intimamente relacionadas com a função da cidade, desempenhando um importante papel urbano, seja cívico, municipal, religioso ou comercial.

A dimensão social nas praças públicas é geralmente repleta de significados, tornando-se difícil conceber um espaço sem conteúdo social e, igualmente, conceber uma sociedade sem um componente espacial. O relacionamento é melhor concebido como um contínuo processo de duas mãos no qual as pessoas (e sociedades) criam e modificam o espaço enquanto, ao mesmo tempo, são influenciadas por ele em vários modos (CARMONA et al., 2003).

2.3.8 Identidade das praças públicas

A identidade das praças públicas provém da sua maneira de ser, frequência de uso e mistura dos tipos de edifícios existentes. Elas surgem no cenário urbano com uma identidade própria, segundo o imaginário de cada época. Essa identidade corresponde às imagens e representações que são construídas a partir de diferentes discursos, usos, olhares, que imprimem, a cada praça de cada cidade em diferentes épocas, diferentes significados (CORADINI, 1995).

Em termos de identidade local, a presença de um centro histórico marcando o espaço público torna-se politicamente importante, pois aproxima a metrópole terceiro-mundista das similares hegemônicas, mas também alimenta um imaginário urbano a ser copiado no interior do próprio país (GASTAL, 2006, p.80).

A identidade se constrói através da imagem percebida pelos indivíduos e quando esta é compartilhada, ela passa a dar identidade a um lugar. Lynch (1960) propôs determinar elementos da cidade que se combinavam para formar a imagem de conjunto, assim, discutindo as qualidades de legibilidade, de identidade e de memorização dessa imagem pelos cidadãos.

Os cidadãos precisam de um senso de identidade, de pertencimento por um território ou grupo específico. O senso de identidade é construído a partir do reconhecimento de uma alteridade, tanto em

nível do social quanto espacial. Assim, um lugar é diferente dos demais e, portanto, assume uma identidade característica construída por diferentes pessoas.

2.3.9 Apropriação das praças públicas

A apropriação do espaço da cidade denota sua qualificação e é expressa pelo seu uso. A cidade, como espaço habitado, vivido, qualificado e modificado é um espaço sociabilizado e social que se torna apropriado e dá origem aos lugares da cidade (FERRARA, 2000). Além disso, a apropriação do espaço designa o conjunto de comportamentos humanos que garantem uma relação afetiva e simbólica com o ambiente espacial (LEITÃO, 2002) e se dá na exata proporção em que se multiplicam as imagens e seus imaginários.

Considerando o lugar como o ambiente que ganha significado através da ocupação ou apropriação por parte do ser humano, deve-se destacar sua particularidade individual. De acordo com Crichyno (1996), a paisagem revela um leque de diversidade nos padrões culturais e estéticos inerentes às expressões contidas no imaginário social, encontrando significados em valores e apropriações distintas.

A apropriação acontece pelo uso, seja pelo contato físico ou visual com o espaço e buscamos descobrir como é esse uso em praças públicas em diferentes situações geográficas, culturais, histórica, entre outras condicionantes. As ações de apropriação contêm a idéia de movimento, que caracteriza o ato de conhecer, como um processo permanente e sem fim de aproximação entre os indivíduos e/ou fenômenos. Cada espaço tem uma utilidade urbanística definida e usos específicos que indicam como as pessoas se apropriam desses lugares especiais que a cidade lhes oferece (LEITÃO, 2002).

Escrever sobre o que acontece nas praças destaca a face sutil e limitada da utilização desses espaços por todos. Essas áreas muitas vezes são abandonadas simplesmente porque a estrutura social, segregada e artificial, não inclui a vitalidade necessária para a apropriação verdadeiramente democrática da paisagem urbana (GONÇALVES, 1997). De acordo com Serpa (2007), os espaços que deveriam ser acessíveis a todos vão sendo apropriados de modo seletivo e diferenciados pelos diferentes agentes e grupos.

Outro ponto a ser focado é que apropriação só é considerada adequada se quem o usa considera seu o lugar, mais especificamente, quando o usuário se sente à vontade, confortável e se comunica com o espaço encontrando um espaço repleto de significados. A aceitação social e a identidade morfológica no tempo serão tanto maior, quanto mais e melhor possam ser apropriados pelos possíveis usuários (MACEDO, 1995).

Essa apropriação dos espaços pelo ser humano e para as suas necessidades e atividades, de acordo com Cunha (2002), é criada em níveis locais, setoriais, urbanos e regionais em função da proximidade espacial e fazem com que o vínculo do espaço livre seja fundamentalmente de localização com relação aos edifícios para as pessoas que circulam ou permanecem em determinado local.

Como exemplos de espaços apropriados, podemos destacar, conforme Del Rio (1995): assentos que em local público podem potencializar a conversa ou não, a projeção da sombra de um prédio ou vegetação que define áreas humanizadas, os atributos físicos de um lugar que podem fazer com que ele fique deserto a maior parte do tempo e o desenho de uma calçada que pode levar os transeuntes a diferentes experiências perceptivas e definir áreas comportamentais (ver figura 9). Devemos salientar ainda que em cada uma das fases do homem – criança, adolescente, adulto e idoso – “o indivíduo se comporta de modo diferente, variando a forma de apropriação dos espaços físicos para ele acessíveis dentro do contexto urbano” (CUNHA, 2002).



Figura 9: Apropriação na projeção da sombra da árvore na Praça Barão de Guaicuí, em Diamantina/MG. Fonte: Autora, 2007.

Em suma, as classes sociais têm interesses e necessidades diferentes, o que determina diferentes formas de apropriação de um espaço coletivo enquanto espaço público. Neste contexto, as diferentes formas de apropriação presentes nos diferentes tempos e espaços por olhares, usos e redes de sociabilidade fazem da praça o palco possível da vida urbana.

2.3.10 Morfologia x comportamento: algumas relações

A forma dos lugares é um fator de realização de todas as práticas sociais, materializando o potencial configurativo das intenções humanas e único porque é capaz de conceder historicidade às formas físicas (KOHLSORF, 1996). As diferentes formas dos lugares colocam condições que podem ser distintas para a sua apreensão.

O estudo da cidade a partir da sua forma, dos espaços e das formas construídas chama-se morfologia urbana e procura, portanto, caracterizar a forma urbana e interpretar a partir dela a lógica da sua organização e composição (HEITOR, 2001). Esta questão se torna importante para o estudo dos ambientes onde a apropriação dos usuários é o ajuste ou desajuste em relação ao comportamento nos espaços urbanos.

Segundo Cunha (2002), o ambiente é ajustado, quando seus componentes são harmônicos com os padrões comportamentais, havendo uma combinação entre a forma e o propósito, em consequência, os espaços públicos ajustados são muito usados pelas pessoas; já o desajuste entre o ambiente e o comportamento deriva de espaços onde os usuários não apresentam nenhuma resposta comportamental positiva, respostas contrárias ou inesperadas em relação às previstas na sua implantação.

O estudo da morfologia urbana baseia-se na “descrição das formas de um fato urbano” (ROSSI, 1995) e pretende-se considerar aqui a descrição das praças e dos elementos que a conformam, ocupando-se da forma como sendo um dado concreto que se refere a uma experiência concreta. Essa forma permite caracterizar o conjunto como totalidade: seu perímetro, seu traçado e das vias circundantes, sua posição, seus monumentos e a localização dos equipamentos.

É relevante salientar que “a caracterização morfológica equivale à análise, pois abriga um conjunto de atividades que traz à luz a estrutura dos fenômenos, composta por características fundamentais de seus elementos e das relações estabelecidas entre os mesmos” (KOHLSDORF, 1996, p.74).

Logo, segundo Kohlsdorf (1996), a forma dos lugares é o meio mais importante de emissão de informações para a realização do conceito do espaço e, em sua recepção e interpretação, age, predominantemente, o sistema visual. Ainda, segundo a autora (1996), a análise do comportamento dos espaços urbanos, em termos de identificação e orientação das pessoas, requer que se examine sua forma a partir de seus elementos visualmente relevantes na estrutura das informações.

Lamas (2000) afirma que a morfologia urbana estudará essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana e a sua estrutura.

Com o estudo da forma das praças limitando-se à dimensão setorial¹ do espaço urbano, poderemos distinguir as particularidades dos edifícios que as delimitam e as estruturam destacando alguns elementos como: fachadas, mobiliário urbano, pavimentos, cores, texturas, letreiros, árvores e monumentos.

Como fator externo da caracterização morfológica cabe ressaltar, ainda, o tipo de clima “na medida em que lhes comunica condições de luminosidade, sombra ou insolação que influem na percepção das

¹ Dimensão setorial se dá na escala da rua sendo a menor porção do espaço urbano com forma própria. Por exemplo, a rua ou a praça. Elementos que são analisados nesta dimensão: fachadas, mobiliário urbano, pavimentos, cores, texturas, letreiros, árvores, monumentos (LAMAS, 2000).

formas” (KOHLSDORF, 1996, p.142). Esse clima tende a ser modificado pelos atributos do recinto urbano como materiais, equipamentos, usos e costumes.

Contemplar as características morfológicas é importante nos estudos sobre as praças. Para Robba e Macedo (2002), devemos adotar o desenho em que cada praça considere como essencial o lugar de encontro social e pressupõem-se certos arranjos de tecidos urbanos densos e diversos onde são cruciais as ruas do entorno que trazem a gente que ocupa a praça, além disso, são vitais os acessos à praça como as esquinas e as faixas de trânsito, por exemplo.

Segundo Afonso (1999), os diferentes tecidos urbanos variam segundo a forma do sítio e da ocupação do lote, dimensões, distribuição, qualificação e usos de seus volumes construídos e plantados. Os tecidos são determinados pelas dimensões (frente, profundidade, recuos, afastamento e volumetria) e usos dos lotes (comercial, residencial, institucional e industrial); pela forma de ocupação dos recuos e afastamentos (permeáveis ou não) e pela forma como são destinados os espaços públicos (abertura de vias, construção de passeios e criação de praça e parques) (AFONSO, 1999).

Compreender a estrutura morfológica significa estabelecer graus de dependência e relações entre os espaços livres e os volumes construídos, entre a forma do sítio e a forma edificada, entre os recursos naturais existentes e os impactos da urbanização. Para uma adequada compreensão deste fato, destaca-se a dimensão dos elementos que permitem verificar as partes e compreender a totalidade das praças públicas. A seguir, com as informações contidas na figura 10 baseadas em Lamas (2000), pretendemos explicar os elementos que são utilizados nas análises das praças públicas.

Para concluir, ressalta-se, conforme Rigatti (1995, apud LAMAS, 2000) que a forma é resultante da utilização dos elementos da composição urbana que possuem forte interdependência e assim originam espaços que guardam relação com a cidade histórica, claramente baseados na formação de percursos, quarteirões, praças e largos.



Figura 10: Elementos de morfologia urbana, conforme Lamas (2000). Fonte da imagem: Autora, 2008.

2.3.11 Alguns elementos das praças

O contexto local é um elemento nobre na concepção e análise de praças, destacando-se a topografia, o microclima, a história e simbolismo, a realidade sócio-cultural e a aspiração dos indivíduos. De acordo com Carmona et al. (2003), o relacionamento entre cultura e ambiente é um processo bidirecional e, além disso, é necessário entender o contexto sociocultural local (intervenções humanas, relacionamento, vizinhança) e diferenças culturais para que lugares urbanos sejam lidos e entendidos. Ainda de acordo com a autora (2003), o ambiente urbano muda, pois o contexto econômico, social, cultural e tecnológico também se altera continuamente.

Assim, as praças representam uma enorme contribuição de bem-estar ambiental no espaço urbano, sendo a sua localização e a quantificação dos seus elementos os articuladores da sua organização espacial para as atividades relacionadas com os usos recreativos e lazer passivo.

Destacamos, a seguir, alguns aspectos envolvidos nas praças públicas e que influenciam o relacionamento do usuário com o lugar:

1. MICROCLIMA

O microclima pertence a uma área de menores proporções com características climáticas singulares e reconhecíveis – um recinto atmosférico de limites físicos identificáveis, como o que acontece nas praças (MASCARÓ, 1996). Com relação aos benefícios da presença dos elementos da natureza em um lugar, Laurie (1975) afirma que a paisagem natural tende a estabilizar as temperaturas e reduzir os extremos e as plantas atuam como um material absorvente de luz, calor e de ruído. Quando ao ruído, cabe salientar, que ainda não foi comprovada as dimensões que deveria ter uma barreira vegetal para que absorvesse uma quantidade significativa de ruído.

2. PAVIMENTAÇÃO

A pavimentação pode proporcionar um admirável desenho que as pessoas não se cansarão facilmente, além de um significado para lembrar ou expressar uma expansão geométrica de leveza e formas melódicas. Os modelos de pavimentação podem ser entendidos como informativos em relação ao entorno. Laurie (1975) nos coloca a importância de compreender a percepção que temos destas guias, sempre e quando as mensagens a transmitir são claras e não excessivamente saturadas. Como exemplo, no Campidoglio de Roma, a pavimentação forma parte de um conceito mais amplo e se relaciona claramente com a composição global do projeto de Michelangelo. Em contraposição, a praça medieval do mercado de Siena (figura 11), rodeada de construções completamente dispersas em altura e estilo, alcança sua unidade graças ao pavimento.



Figura 11: Piazza del Campo, Siena.
Fonte: Greatbuildings, 2008.

3. VEGETAÇÃO

A participação da vegetação na configuração dos lugares, segundo Kohlsdorf (1996), deve ocorrer por meio de seus tipos morfológicos (forma e proporções de árvores e arbustos) e não necessariamente de suas espécies.

De acordo com Abbud (2006), há três tipos principais de estratos: o estrato arbóreo que é aquele em que o observador atravessa confortavelmente por baixo da folhagem; o estrato arbustivo que dificulta ou impede o trânsito livre e sua altura está pouco acima ou abaixo da linha visual do observador e; o estrato de forração que compõe tapetes pelo chão, possibilitando ou não que se passe sobre eles.

Com relação ao estrato arbóreo, existem dois grandes grupos de árvores: com copa horizontal e com copa vertical. A árvore com copa horizontal forma um teto, uma sombra e um lugar aconchegante para quem se senta sob seu dossel e a árvore de copa vertical praticamente não proporciona nenhum espaço sob sua copa, mas sua forma vista a distância pode ser um importante ponto focal além de, quando enfileiradas, formarem grandes muros verdes que escondem vistas desinteressantes e barram o vento indesejado (ABBUD, 2006).

Segunda Cunha (2002), a vegetação urbana pode assumir distintas funções: atua sobre o clima, a qualidade do ar, o nível de ruídos e a paisagem, além de constituir refúgio à fauna remanescente na cidade. Além disso, tem efeito sobre a saúde física e psicológica dos seres humanos e valoriza áreas para convívio social, bem como atua sobre o valor da formação da memória e patrimônio culturais além da sua presença nas áreas públicas ser um aspecto qualificador importante.

Dentre estas, a sua principal finalidade, através do sombreamento, é amenizar o rigor térmico sazonal, além de diminuir as temperaturas superficiais dos pavimentos e a sensação térmica de calor nos usuários, tanto pedestres como usuários de veículos (MASCARÓ, 1997). Já o critério paisagístico é assumido quando quebra o ritmo da volumetria local das edificações e da trama das ruas.

4. ÁGUA

A presença da água tem concentrado a atenção do homem desde muito tempo. No plano histórico é por todos conhecida a significação simbólica da água e são numerosas as culturas que valorizaram suas qualidades refrescantes em climas quentes, mostra dele são os jardins árabes e persas (LAURIE, 1975). A fonte de uma praça é um ponto de encontro ideal para o descanso e para matar a sede.

Além do caráter utilitário, a água em espaço público pode ser utilizada pelas suas qualidades estéticas, permitindo criar efeitos sonoros e visuais interessantes, tais como: água calma, água jorrando, água caindo, várias formas de água, água corrente, lâmina de água, jato d'água, entre outras. Os espaços

chamados *Pocket Parks*² são utilizados como referência nesta pesquisa, pois se assemelham com as praças em estudo, principalmente no que diz respeito à dimensão destas.

5. MOBILIÁRIO URBANO

Mobiliário urbano se refere aos objetos que, no espaço público, se destinam a oferecer comodidade e conforto aos ambientes, notadamente ao pedestre, completando desse modo, um ambiente constituído e funcional (LEITÃO, 2002).

Como o interesse na paisagem e urbanidade da cidade ou no modo de vida cresce mais aguçado, tornam-se importante, no desenvolvimento dos espaços urbanos, os ambientes que incluem projeto adequado de mobiliário urbano. De acordo com Leitão (2002), a cor, o desenho, a escala e os materiais devem ser projetados e especificados considerando a localização, o entorno e o tipo de uso de cada praça específica onde o mobiliário será implantado.

O mobiliário urbano pode ser classificado em: confortável, seguro, funcional e com atributos como agradabilidade e estética. O mobiliário urbano pode ser de estar (bancos), de apoio (lixeira, telefone público, pia, entre outros) e também mobiliário de mídia, existente na era moderna e usado para transmitir e receber informação.

6. MOBILIÁRIO / EQUIPAMENTO DE LAZER

O lazer praticado nas praças públicas pode ser classificado em lazer em ativo e passivo e Cunha (2002) classifica estes conforme o grau de sedentarismo envolvido na prática da descontração. O lazer passivo pode conter o entretenimento contemplativo de paisagens ou a meditação e o lazer ativo envolve sempre um esforço físico mais do que intelectual do indivíduo e refere-se àquele ligado às atividades físicas (caminhadas e esportes diversos) e lúdicas (brincadeiras e jogos infantis).

O espaço de lazer deve ser também temporal sendo preciso que sua delimitação, seu equipamento e sua utilização possam variar com o tempo e ritmadas segundo períodos com caracteres bem específicos, assim o ritmo das estações combinado com o trabalho provoca as migrações de fim do dia, de fim de semana, de fim de ano e de fim de vida (DUMAZEDIER, 1999).

² Pocket Park significa parque de bolso, são pequenos espaços despreziosos utilizados pela população da vizinhança como um oásis de relaxamento. O uso da água nos *Pocket Parks* contribui para a qualificação destes ambientes.

Os mobiliários e equipamentos de lazer devem ser concebidos para induzir e concentrar atividades baseadas no comportamento dos usuários e no perfil de cada praça pública, acentuando, assim, a imagem do grupo em cada local.

7. ARTE URBANA

A relação entre arte e cidade trata de despertar a experiência do mundo de que toda arte é expressão. A função da arte urbana é construir imagens da cidade que sejam novas e que passem a fazer parte da própria paisagem urbana (PEIXOTO, 2004, p.15).

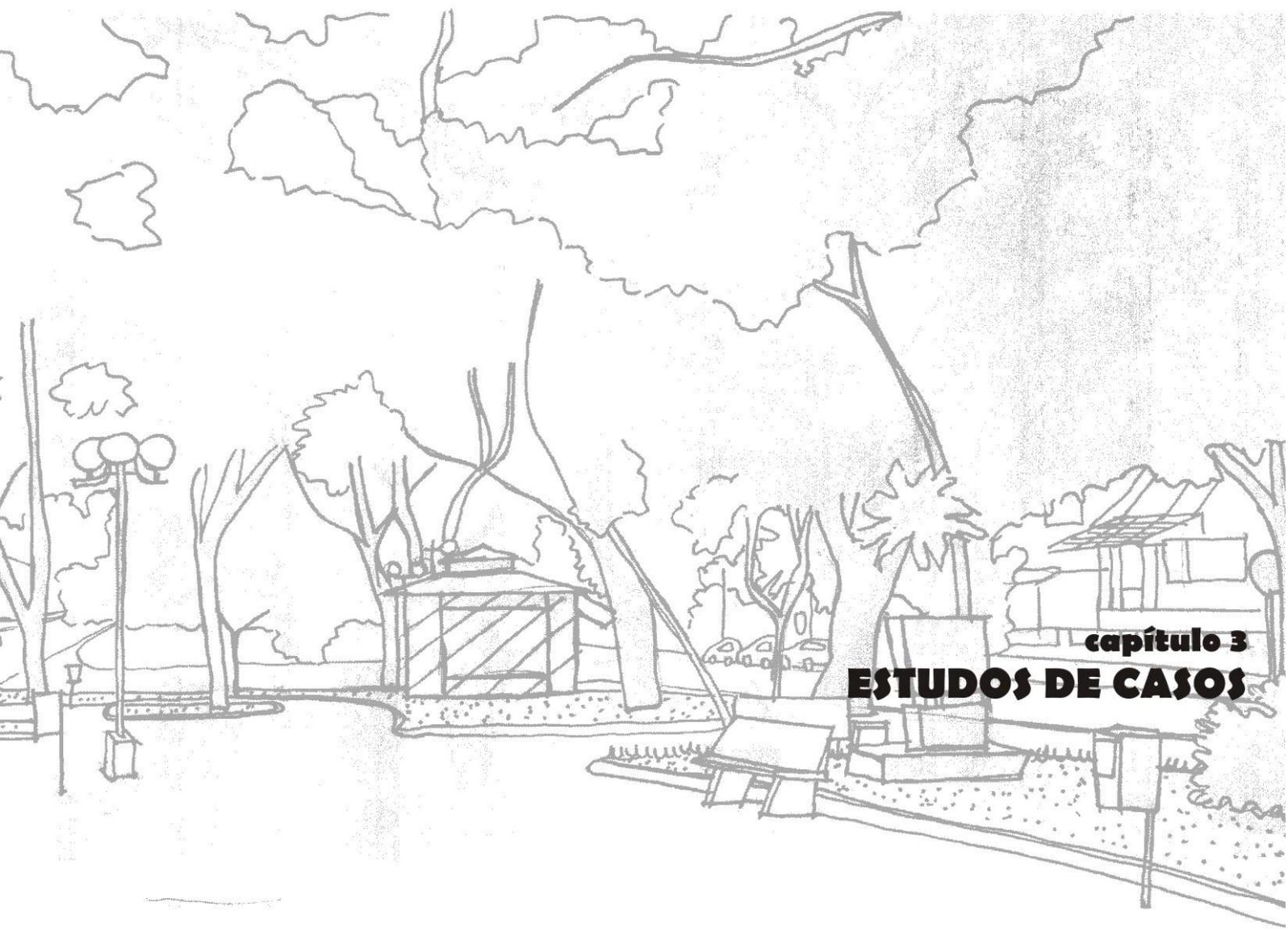
Destacamos de maior importância para o estudo de praças públicas, as apresentações de dança e música, por exemplo, e os monumentos:

- a. As apresentações, segundo Vaz (2003), ilustram o potencial cênico do espaço arquitetural da praça e os bancos que acolhem os indivíduos para discutir ou para olhar o movimento criam as condições favoráveis à formação de um público espectador;
- b. Os monumentos são como mapas e traçam inexoravelmente o perfil da cidade, além de estabelecerem marcos sem apelação a história e os caminhos do lugar reduzem suas espessas camadas de vida e signos exteriores erguidos (PEIXOTO, 2004). De acordo com Favole (1995), o gesto mais simples para dar identidade a um lugar ou a uma praça é colocar uma escultura, geradora de agregações e referência natural para os usuários.

8. GERENCIAMENTO E MANUTENÇÃO

Algumas praças, ao longo de sua existência, passaram e passam por reformas objetivando uma melhor adaptação ao contexto urbano que as cerca. As reformas fazem parte de programas de gerenciamento e são comuns, segundo Robba e Macedo (2002), em áreas já consolidadas da cidade visando revitalizar e readequar áreas para uma nova apropriação.

Muitas vezes, ainda segundo os autores (2002), uma reforma é indispensável para readequar o projeto à nova dinâmica urbana onde se estabelece a transformação e o crescimento da cidade. Os novos projetos buscam soluções para problemas diagnosticados na configuração anterior e também para manutenção da estrutura existente, como exemplos: desobstruir calçadas e redimensionar passagens e caminhos; refazer o projeto de plantio, quando necessário, atentando para as questões ambientais e climáticas; além de inúmeras outras ações que podem colaborar para o incremento da qualidade urbana da área.



capítulo 3
ESTUDOS DE CASOS

Neste capítulo, primeiramente vamos tratar das questões necessárias para o entendimento dos casos estudados na leitura e na caracterização do contexto espacial onde estão localizados e, em segundo momento, a descrição individual das praças analisadas, de modo a identificar os fatores que contribuíram para a apropriação de cada uma delas, posteriormente nas análises.

Vamos estudar as cidades em comparação com outras cidades, debruçando-nos sobre as características que as identificam para, assim, encontrarmos “nos meandros da fisionomia de uma cidade particular, os traços físicos ou construídos responsáveis pela sua identidade singular” (FERRARA, 2000, p.23). Além disso, pretendemos buscar as diferenças internas entre as partes das cidades e seus contextos, de acordo com o maior número possível de interpretações e de linhas de pensamento.

O contexto é um componente nobre do projeto urbano bem sucedido, por esse motivo vamos identificar o contexto de cada cidade e de cada praça em estudo. Para isso tornou-se imprescindível mostrar a localização das praças na cidade, suas vistas e a descrição do entorno, além de uma identificação morfológica e histórica do lugar.

3.1 Por que diferentes estudos de casos?

Buscamos descobrir na pesquisa as qualidades que norteiam a apropriação social das praças públicas centrais na cidade contemporânea de pequeno porte. Para melhor compreensão deste fenômeno buscou-se elucidar as dimensões socioculturais e políticas das praças em contextos distintos e em cidades diferentes na sua economia, cultura e localização geográfica, possibilitando abarcar uma variedade maior de condicionantes.

Assim, tratando-se de diferentes cidades e cada uma com uma identidade própria, devemos reconhecer as lógicas decorrentes e reunir as impressões de pessoas ou grupos de diferentes estruturas etárias ou socioculturais sobre determinada situação, no caso, a apropriação das praças públicas centrais.

A apropriação já revela uma realidade urbana, social e cultural específica. O que interessa, nesta pesquisa, é fazer emergir a partir da análise das práticas de apropriação, as diferenciações sociais e culturais nos diferentes contextos analisados. Segundo Vaz (2003), a comparação procura revelar as qualidades do lugar que favorecem os acontecimentos que exprimem a regra, a ruptura da regra ou a distanciamento.

Foram necessárias informações sobre localização geográfica, topografia, recursos hídricos, vegetação e entorno que permitiram reconhecer e admitir a singularidade e variedade dos usos das praças públicas. Dentro de certos limites (regionais, climáticos e sociais) essas características podem influenciar em *quantas* pessoas e acontecimentos usam o espaço público, *quanto* duram cada uma das atividades e *quais* tipos de atividades podem desenvolver-se (GEHL, 2006).

Cabe ressaltar que a análise das particularidades pôde revelar variáveis de pesquisa pertinentes para apreender uma cultura e uma cidade, além da visão da realidade das pessoas diferentes umas das outras, dependendo da origem familiar ou da formação cultural.

Ao analisar a cidade como um espaço simbólico foi possível reproduzir diferentes idéias de cultura e de inter-subjetividade relacionando sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos (SERPA, 2007). O comportamento dos freqüentadores deve revelar os aspectos da cultura que denotam os traços da colonização e essas diferentes origens não se submetem à hegemonia da cultura urbana que privilegia o usuário da praça pública central (VAZ, 2003).

Logo, o que buscamos é destacar a existência de diferenças e de particularidades e interpretá-las, buscando reconhecer uma metodologia aplicável também a outras cidades e a outros contextos culturais não contemplados nesta pesquisa. Conforme Serpa (2007), a análise das semelhanças tem um peso equivalente à explicitação das diferenças.

3.2 Cidades selecionadas para estudo

As cidades foram selecionadas com base nos seus aspectos distintos nos campos sociocultural, econômico, político, natural-paisagístico, turístico, religioso e associando-os aos traços culturais das colonizações portuguesa e alemã, presentes em diversas regiões do estado. Ver localização da região e das cidades nos mapas a seguir (figura 12).



Figura 12: Mapa de Santa Catarina com a localização da região AMUREL e dessa destacando as cidades selecionadas para estudo. Fonte: AMUREL adaptado pela autora, 2008.

Essa distinção é importante à medida que o comportamento dos freqüentadores das praças públicas deve revelar os aspectos da cultura que denotam os traços dos imigrantes vindos da Europa e que foram escolhidos nesta pesquisa como foco por serem a base da colonização nos municípios selecionados para estudo.

Sendo assim, foram analisadas praças públicas centrais dos seguintes municípios: Tubarão (colonização de origem luso-açoriana, mas atualmente sem marcas expressivas dessa cultura e município pólo da região onde se encontra); Laguna (colonização de origem luso-açoriana e seu centro histórico é tombado pelo patrimônio nacional, além de ser um município litorâneo) e; Braço do Norte (colonização predominante alemã e apresentando grande destaque na economia e renda da população).

Com relação à colonização dessa região, Laguna foi um dos primeiros núcleos de povoamento luso-açoriano no litoral catarinense que se tornou o ponto de partida dos primeiros colonizadores para as regiões de Imbituba e Tubarão. A partir de 1870, o imigrante germânico veio se estabelecer no sul do estado, subindo o vale do rio Tubarão (em Tubarão, São Ludgero, Braço do Norte e Rio Fortuna).

Segundo Vaz (2003), os portugueses que chegaram nos séculos XVII e XVIII reproduziram o modelo espacial da vila mediterrânea, caracterizada por uma armadura regular de vias que se entendiam a partir da praça central, normalmente situada na borda do mar ou do rio; essa praça central exerceu a função de articulação do fluxo de circulação terrestre e náutica. Ainda, as cidades de colonização portuguesa, de acordo com Gutierrez (1989), foram se constituindo num centro de serviços das áreas produtivas, rurais e mineiras e os espaços públicos, como a praça, indicaram a unificação das duas vertentes que sucedia na metrópole, os símbolos urbanos do poder civil e religioso.

A seguir, uma tabela (tabela 1) com a síntese dos dados de cada cidade, especialmente suas áreas urbanas.

CIDADES DADOS	TUBARÃO	BRAÇO DO NORTE	LAGUNA
			
ÁREA	300 Km ²	221,31 Km ²	445,2 Km ²
POPULAÇÃO	94.292 habitantes.	29.845 habitantes.	37.255 habitantes.
COLONIZAÇÃO PREDOMINANTE	Luso-açoriana, atualmente sem marcas dessa cultura.	Alemã, com marcas dessa cultura	Luso-açoriana.
ASPECTOS GEOGRÁFICOS	O rio Tubarão é o principal da cidade, cortando-a com uma secção média de 115 metros de largura. A cidade é plana e se divide entre as duas margens do rio.	Apresenta topografia bastante acidentada com vales, montes e colinas, apresentando-se plano somente no Centro e nas margens do rio.	O sistema formado pelos morros (Rosário, Caixa d'Água, Moinho e Glória) e pela lagoa de Santo Antônio dos Anjos é a principal marca geográfica.
ECONOMIA	O destaque econômico é o comércio e serviços e à agricultura, principalmente de arroz. Além disso, é a cidade sede da Unisul - importante universidade de Santa Catarina.	As principais atividades econômicas são a produção agropecuária, principalmente rebanho suíno e as indústrias, no ramo das molduras.	As principais atividades econômicas são a pesca artesanal, a agricultura e atualmente, em 2008, vem despontando o turismo.
CULTURA	O Centro Municipal de Cultura - localizado na Praça Walter Zumblick - e Centro Integrado de Cultura - na Unisul - são os únicos equipamentos culturais do município.	Apresenta forte tradição na cultura da fé e tem como atrativos a Capela Santa Augusta, a Gruta Nossa Senhora de Fátima, o Instituto Coração de Jesus e a Igreja Matriz.	A principal marca cultural são os eventos tradicionais que acontecem no Centro Histórico: o Carnaval, a Festa de Santo Antônio dos Anjos, a Semana Cultural e o Natal.
TURISMO	O potencial turístico da cidade concentra-se nas águas termais. Na região central o destaque fica para o Centro Municipal de Cultura, o casario histórico da Rua Lauro Muller e a Casa da Cidade.	Destacam-se algumas festas como a Festa do Sagrado Coração de Jesus e a Shweinenfest e alguns pontos turísticos – a Igreja Matriz, o Salto d'Água e a Cascata das Corujas.	O turismo se desenvolve pela variedade de recursos naturais (praias e lagoas) e pelos recursos culturais (manifestações folclóricas, sítios arqueológicos e o Centro Histórico).
REFERÊNCIAS	Imagem: Bela Santa Catarina, 2008 População: IBGE, 2005	Imagem: Silva, 2008 População: IBGE, 2005	Imagem: Brito, 2002 População: IBGE, 2005

Tabela 1: Principais dados das cidades selecionadas para estudo: Tubarão, Braço do Norte e Laguna.

3.3 As praças selecionadas para análise

A identificação da natureza da transformação das cidades descritas acima é necessária para compreensão do que se passa nas praças públicas centrais. Constatou-se a especificidade da situação urbana e em seguida desenvolveu-se o processo de escolha das praças a serem analisadas em cada um dos municípios. Como principal critério, buscamos as praças com maior poder simbólico e uso nos centros das cidades em estudo. A seguir, apresenta-se o quadro síntese (quadro 2) com as praças centrais selecionadas contendo informações relevantes para a pesquisa.

Os aspectos considerados no quadro são: nome e imagem da praça, época de implantação da praça, entorno, forma, história, topografia do terreno, autoria do projeto, relações sociais existentes, sensações que o lugar passa ao usuário, função principal e função secundária (principais atividades realizadas), tipo de pavimentação, presença ou não de vegetação, presença ou não de água, mobiliário, equipamento, arte urbana, legibilidade (clareza da imagem e facilidade de entendimento) e personalidade (identidade de cada praça). Estes aspectos foram verificados numa análise prévia através de observação de todas as praças centrais dos municípios para poder selecionar as que apresentarão análises aprofundadas aqui nesta pesquisa.

A seguir apresentamos os elementos a serem considerados na análise das praças e na caracterização do lugar onde estas se localizam:

- a. localização e delimitação geral das praças centrais com destaque para as selecionadas para estudo, limites do centro, eixos principais de circulação e acesso;
- b. características físico-geográficas, tipo de clima, ocupação do solo e do relevo do entorno imediato, padrão residencial, gabarito, edifícios institucionais, entre outros;
- c. planta atualizada de cada praça com distribuição das vias, massas de vegetação, mobiliário e equipamentos e;
- d. morfologia urbana de cada praça.

Algumas informações são apresentadas de maneira descritiva e outras através de imagens e esquemas, além da planta baixa de cada uma das praças.

QUADRO DAS PRAÇAS SELECIONADAS PARA ANÁLISE						
ASPECTOS	PRAÇAS TUBARÃO				PRAÇA BRAÇO DO NORTE	PRAÇA LAGUNA
PRAÇA PÚBLICA	Praça do Centenário - Praça do Chafariz	Praça Sete de Setembro	Praça Walter Zumblick (parte I)	Praça Walter Zumblick (parte II)	Praça Padre Roher - Praça da Matriz	Praça Vidal Ramos - Praça da Matriz
						
ÉPOCA	Construída em 1936.	Em 1916 foi construído um jardim murado que tornou-se praça na década de 1950.	Década de 1970	Década de 1970	Em 1879 foi destinado o espaço para a praça.	Em 1696 foi destinado o espaço e em 1903 aconteceram as primeiras obras da praça.
ENTORNO	Na fronteira da praça existe uma lanchonete e uma lotérica e no entorno imediato encontram-se edifícios de uso misto.	Casa da Cidadania, bancos, edifícios comerciais e de serviços.	Serviços, comércio e residências.	Residências, serviços e comércios.	Igreja Matriz (no centro), casa paroquial, hotel e edifícios comerciais, residenciais e serviços.	Igreja Matriz, edifícios institucionais e de serviços.
FORMA	Retangular - irregular (32m x 15m).	Retangular - irregular (68m x 25m).	Retangular - irregular (101m x 25m).	Retangular - irregular (185m x 40m).	Retangular (100m x 135m).	Trapezoidal (61-71m x 66m).
HISTÓRIA	Inaugurada quando se promoveram festejos alusivos ao Centenário de Tubarão.	Era um jardim murado em 1916, chamado de 15 de Novembro e na década de 1950 plantou-se uma grande figueira no seu centro e colocaram bancos, daí então passou a chamar-se Praça Sete de Setembro.	Era uma grande praça linear com destaque para o playground e em 1999 teve a abertura de uma rua dividindo a praça. Essa parte tornou-se mais funcional e ativa pela maior proximidade com edifícios comerciais e serviços.	Era uma grande praça linear com destaque para o playground e em 1999 teve a abertura de uma rua dividindo a praça. Em 2000 foi inaugurado o Centro Municipal de Cultura eliminando boa parte do espaço livre da praça.	Espaço reservado em 1879, sendo as obras realizadas depois da construção da atual igreja em 1931. A igreja localiza-se no centro da praça, talvez por repetir essa característica presente em algumas localidades na Alemanha – país de origem dos colonos de Braço do Norte.	Espaço reservado em 1696 e recebendo suas primeiras obras em 1903 com a delimitação das ruas e o cercamento da praça para passeios, encontros e footings.
TOPOGRAFIA	Encontra-se em um terreno plano na beira do Rio Tubarão.	Encontra-se em terreno plano no pé do morro da Catedral.	Terreno praticamente plano com suave desnível vencido pelos caminhos em declive.	No lado nordeste da praça (fundos do centro cultural) tem um desnível em relação a outra parte que é vencido pela calçada em declive.	Terreno plano.	Terreno plano com desnível na área do chafariz vencido por degraus.
AUTORIA	Prefeitura do município.	Prefeitura do município.	Prefeitura do município.	Prefeitura do município.	Igreja católica.	Associação Aformozeadora da Laguna.
RELAÇÕES SOCIAIS	Espaço de passagem e encontro de aposentados.	Espaço de pausa no centro da cidade.	Ponto de encontro nos pontos de ônibus, sorveterias e usuários dos bancos.	Manifestações cívicas e políticas, festas e ponto de encontro de jovens (skatistas).	Interação entre os usuários, principalmente nos dias de missa.	Interação entre os usuários, festas e cerimônias.
SENSAÇÕES	Cerco.	Relaxamento e refrescância	Descontração e agitação.	Engrandecimento, poder e tristeza.	Emoção, agitação e engrandecimento.	Grandeza, mistério e emoção.
FUNÇÃO PRINCIPAL (ATIVIDADES)	Passagem.	Descanso.	Ponto de transporte coletivo.	Lazer cultural (centro de cultura) e encontro de jovens na pista de skate.	Lazer passivo (encontro com os amigos).	Lazer passivo contemplativo.
FUNÇÃO SECUNDÁRIA (ATIVIDADES)	Encontro de amigos, principalmente de idosos.	Encontro.	Descanso.	Passagem.	Lazer ativo (infantil).	Passagem e lazer ativo (crianças).
PAVIMENTAÇÃO	Pisos de concreto.	Lajotas de concreto.	Petit-pavet (imitando as "ondas do mar" de Copacabana) e lajotas de concreto.	Petit-pavet e pisos de concreto.	Lajotas de concreto.	Cascalho (conchas).
VEGETAÇÃO	Poucos canteiros com árvores de grande porte.	Árvores de grande porte cobrindo toda a praça com sombra.	Grandes canteiros e árvores de médio e grande porte.	Na parte nordeste, árvores de grande porte e no lado oposto, destaque para o grande canteiro ajardinado.	Canteiros com árvores de pequeno e médio porte, arbustos e flores.	Jardins com árvores de médio e grande porte, arbustos e flores.
ÁGUA	Chafariz desativado.	Inexistente	Inexistente.	Inexistente.	Inexistente	Chafariz desativado.
MOBILIÁRIO	Bancos, telefone público e lixeiras.	Bancos, telefone público, lixeiras e pia/bebedouro	Bancos, telefones públicos, lixeiras e paraciclo.	Bancos, telefone público e lixeiras.	Bancos, lixeiras, pias e caramanchões em alvenaria.	Bancos, telefones públicos e lixeiras.
EQUIPAMENTO	Banca de revista, lanchonete, lotérica e estacionamento para motos.	Banca de revista, ponto de táxi e floricultura.	Pontos de ônibus, sorveteria, banca de revista, quiosque e estacionamento.	Centro de cultura, pontos de ônibus, quiosque, pista de skate e estacionamento.	Banheiro, palco para apresentações e playground.	Estacionamento.
ARTE URBANA	Músico se apresentando com teclado.	Músico se apresentando com teclado.	Marcos e homenagens.	Obelisco e totem em homenagens.	Marcos e homenagens.	Marcos e homenagens.
LEGIBILIDADE	Regular - a praça não destaca-se muito no entorno.	Alta – marco simbólico na cidade com destaque para a massa de vegetação.	Alta – marco simbólico e ativo na cidade.	Alta – a praça se destaca pela dimensão e pelo Centro de Cultura.	Alta – a praça se destaca pela localização, pelo porte e pela imagem simbólica da população.	Alta – a praça se destaca pela localização em frente à Matriz e pelo imaginário da população.
PERSONALIDADE (IDENTIDADE)	Transição.	Oásis urbano.	Funcional.	Cultural.	Religiosa.	Histórica.

Quadro 2: Síntese das Praças Públicas Centrais selecionadas para estudo.

3.3.1 As praças analisadas na cidade de Tubarão:

PRAÇA DO CENTENÁRIO, PRAÇA SETE DE SETEMBRO, PRAÇA WALTER ZUMBLICK (PARTE I E II)

O município de Tubarão localiza-se no sul de Santa Catarina, tem uma área territorial de 300 Km² e apresenta uma população estimada de 94.292 (IBGE, 2005). A origem da cidade, em 1774, aconteceu na margem direita do rio e está relacionada ao porto fluvial e ao comércio. Era o ponto da rota terrestre que ligava Lages à Laguna, onde os tropeiros e cargueiros que desciam a serra transportando o charque, o couro e o queijo reabasteciam-se com os manufaturados e outros produtos que não se produziam no planalto.

Outro acontecimento que marcou o município foi a construção da Estrada de Ferro Dona Thereza Cristina, inaugurada em 1884. A EFDTTC foi criada e construída com a finalidade de transportar o carvão de minas para o porto de Imbituba e mais tarde passou também a transportar passageiros.

Os imigrantes que ocuparam as colônias do sul, aproximadamente 90% eram italianos, os demais alemães e, em escala diminuta, os poloneses. Em Tubarão, os imigrantes e seus filhos foram chegando aos poucos, integrando-se à cultura portuguesa predominante e provocando uma miscigenação entre os diversos colonizadores que chegavam à região.

Na década de 1950, os trilhos da Estrada de Ferro que passavam pelo centro causavam tumultos e transtornos e impediam o desenvolvimento econômico da cidade. Em 1969, houve a retirada desses trilhos, onde se abriu a Avenida Marcolino Martins Cabral. Logo depois, a expansão de todo o sítio se deu a partir da década de 1970 com a atração exercida pela BR-101.

Hoje, a UNISUL é o principal agente de desenvolvimento de vários setores, entre eles, comercial e serviços. Mas, apesar de ser uma cidade universitária, Tubarão é carente de serviços e atividades culturais que animem o espaço urbano, principalmente na região central. A seguir, na figura 13, apresenta-se o mapa com as praças públicas do centro de Tubarão com destaque para as praças que são analisadas nesta pesquisa: Praça do Centenário, Praça Sete de Setembro, Praça Sete de Setembro e Praça Walter Zumblick (partes I e II). Na imagem do Google Earth (figura 14) podemos verificar o traçado urbano do entorno imediato onde se encontra as praças em estudo.



Legenda

- 01. PRAÇA DO CENTENÁRIO
- 02. PRAÇA SETE DE SETEMBRO
- 03. PRAÇA WALTER ZUMBLICK (PARTE I)
- 04. PRAÇA WALTER ZUMBLICK (PARTE II)
- 05. PRAÇA PERY CAMISÃO

- 06. PRAÇA ORLANDO FRANCALACCI
- 07. PRAÇA JOÃO TEIXEIRA NUNES
- 08. PRAÇA DR. PEDRO MIRA GOMES
- 09. PRAÇA GEN. OSVALDO PINTO
- 10. PRAÇA D. TERESA CHRISTINA

--- LIMITE BAIRRO CENTRO

Figura 13: Mapa de localização das praças públicas centrais em Tubarão-SC, com destaque para a Praça do Centenário, Praça Sete de Setembro, Praça Walter Zumblick – parte I e II (objetos de estudo).
Fonte: Prefeitura Municipal de Tubarão adaptado pela autora, 2006.



LEGENDA

- 1 PRAÇA DO CENTENÁRIO
- 2 PRAÇA SETE DE SETEMBRO
- 3 PRAÇA WALTER ZUMBLICK I
- 4 PRAÇA WALTER ZUMBLICK II
- ←-→ PRINCIPAL EIXO VIÁRIO DA CIDADE

Figura 14: Mapa de localização das praças públicas de Tubarão-SC analisadas nesta pesquisa. Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2008.

1. PRAÇA DO CENTENÁRIO

A Praça do Centenário (ver figura 24) é mais conhecida como Praça do Chafariz, foi inaugurada em 1936 e é um espaço reduzido, como um pátio, com algumas árvores e equipado com mobiliário urbano – um chafariz, um telefone público, alguns bancos e iluminação, além da banca de revista e da lanchonete que também se localizam na praça. A circulação de pedestres é considerada a atividade predominante, sendo que a praça está localizada no principal local de passagem entre o terminal urbano e o centro da cidade. A Praça do Centenário é o principal ponto de encontro dos aposentados no centro da cidade que diariamente concentram-se nos bancos conversando e vendo o movimento do local.

• CONTEXTO URBANO DA PRAÇA DO CENTENÁRIO

Localizada na margem direita do Rio Tubarão e estrategicamente na transição do Centro tradicional para a margem esquerda e mais nova da cidade. O entorno construído, denso e contínuo, apresenta edifícios mistos de usos diversificados: pavimento térreo comercial e os pavimentos superiores residenciais e/ou serviços (ver figuras 15 e 16). O contexto urbano caracterizado pela proximidade com a principal ponte da cidade e o terminal urbano marca o local como ponto de passagem. Por se localizar em um dos principais e mais tradicionais eixos de comércio da cidade leva a uma alta concentração de pessoas, tanto de pedestres como de veículos. Além disso, o bloco de edificações de caráter simbólico e histórico da Rua Lauro Muller encontra-se no entorno imediato da praça. Esta rua limítrofe à praça apresenta sentido único de passagem para quem vem da Ponte Coronel Collaço.

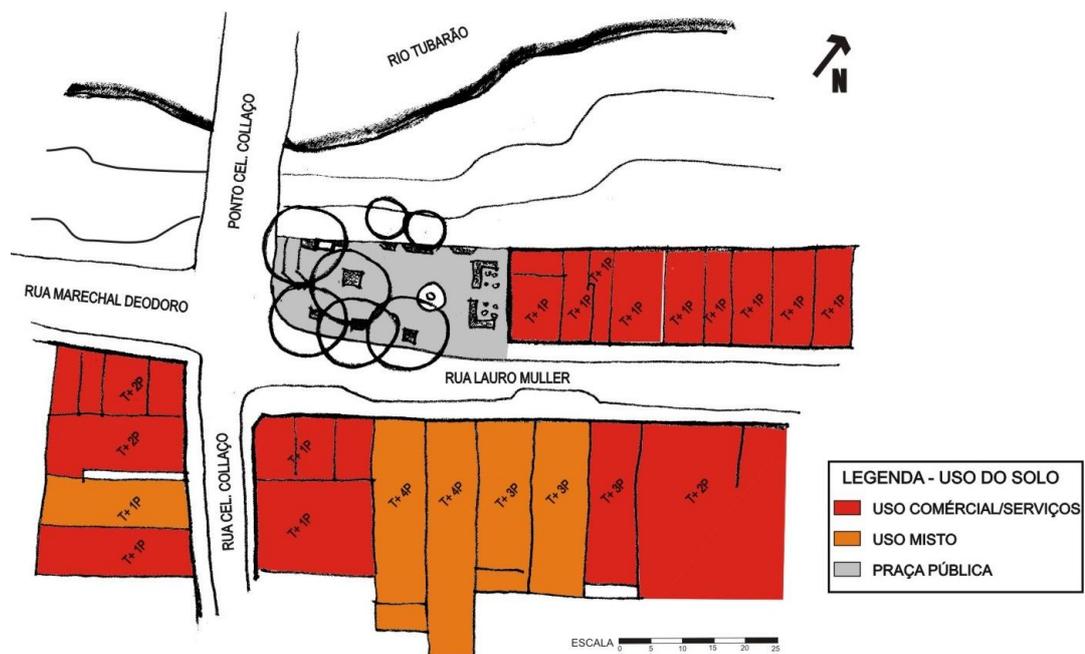


Figura 15: Entorno da Praça do Centenário. Fonte: Autora, 2008.



Figura 16: Entorno da Praça do Centenário – Rua Lauro Muller. Fonte: Autora, 2007.

2. PRAÇA SETE DE SETEMBRO

A Praça Sete de Setembro (ver figura 25) teve sua construção em 1916 como um jardim todo murado que se chamava, na época, Jardim 15 de Novembro. Na década de 1950, esse jardim teve um novo aspecto e passou a ser chamado de Praça Sete de Setembro, nela foram colocados bancos e uma grande figueira no seu centro por causa do centenário da cidade. A praça representa um ícone social do espaço urbano, além de representar a subjetividade da natureza na cidade onde as árvores oferecem uma ambiência mais aconchegante ao centro da cidade.

Assim, a Praça Sete de Setembro é a mais expressiva arborização do centro, as densas copas formam uma ampla cobertura e praticamente toda a área da praça é sombreada, sendo o verde aéreo muito maior que a área com tratamento vegetal do piso. Por esse fato, a praça tem a função de respiro, local de alívio da tensão e pressão exercida pela sensação aglomerada do tráfego de veículos nas ruas adjacentes.

3. PRAÇA WALTER ZUMBLICK (PARTE I)

A Praça Walter Zumblick – parte I (ver figura 26) fazia parte de uma grande praça linear adjacente à Praça Sete de Setembro. Na década de 1980 era um local bastante utilizado pelos habitantes da cidade, principalmente por pais e filhos, devido à presença de um playground onde as crianças se divertiam. Em 1999, por causa de alterações realizadas no trânsito da cidade, a praça foi dividida, retiraram o equipamento de lazer infantil e transformou-se em duas praças: uma parte onde ficou o Centro de Cultura Municipal (ainda em construção na época) e a outra parte a que denominamos, aqui, de Praça Walter Zumblick – parte I. Essa parte tornou-se mais funcional e ativa pela maior proximidade com edifícios comerciais e serviços e por ser o ponto de transporte coletivo mais amplo e que atende um maior número de linhas.

Por ter três abrigos e um recuo para a parada do transporte coletivo, a praça apresenta apropriação intensa dos moradores da periferia da cidade. A função de circulação e espera do transporte tornou-se

cada vez mais importante no local, além disso, três das quatro ruas que delimitam sua área são de tráfego intenso.

Em 2006, o SESC em parceria com o governo de Tubarão revitalizou a praça mobilizando a comunidade e grupos organizados. A revitalização alterou o traçado dos canteiros e renovou os jardins contribuindo para um melhor aproveitamento e acolhimento das diferentes formas de uso que o espaço pede. O traçado dos canteiros foi projetado pensando no fluxo predominante do local.

4. PRAÇA WALTER ZUMBlick (PARTE II)

A sua história foi explicada anteriormente, mas essa parte da praça - a Praça Walter Zumblick – parte II (ver figura 27) - perdeu o aspecto ativo por diversos motivos e um deles é a presença do Centro de Cultura Municipal (inaugurado no ano de 2000, com 1.800 metros quadrados abrigando a biblioteca pública e o Museu Willy Zumblick). O edifício é desproporcional em tamanho para o local e acabou dividindo a praça mais uma vez. Na frente deste equipamento o espaço existente é utilizado diariamente como local passagem e somente em dias eventuais serve de palco para manifestações artísticas, políticas e comemorativas. Nos fundos do Centro de Cultura a apropriação fica por parte dos grupos de jovens skatistas, devido a presença de uma pista de skate nessa área. A prática deste esporte é um acontecimento que contrasta com as outras práticas que poderiam acontecer no local, em razão da dinâmica deste esporte.

• CONTEXTO URBANO DAS PRAÇAS SETE DE SETEMBRO E WALTER ZUMBlick (PARTE I E II)

As três praças contínuas e lineares estão inseridas em um tecido urbano consolidado com ruas de traçado regular, embora os quarteirões onde estão conformadas sejam de tamanhos variados. A área apresenta uma situação caótica no que se refere ao trânsito, pois o escoamento dos fluxos atuais não foi previsto, refletindo situações inadequadas no controle do tráfego e condições físicas das vias, principalmente na Avenida Marcolino Martins Cabral, o principal eixo arterial da cidade. Com relação ao uso do solo, podemos observar uma maior concentração de comércio e serviços. Em respeito à forma e ocupação do solo, a maioria dos lotes na área já estão ocupados, mas isso não significa uma alta densidade, pois esta varia muito, apresentando desde ocupação com casas térreas até edifícios de 12 (doze) pavimentos.

A área onde se localiza a Praça Sete de Setembro é uma importante parcela do centro tradicional e comercial do município: entorno de edifícios comerciais, serviços e institucionais, com destaque para a

Casa da Cidadania de forte significado histórico e identificação do povo. A identificação das atividades com a praça estabelece vínculos promovendo uma rede de comunicação do uso do solo edificado com o espaço, favorecendo tanto a circulação quanto a permanência (ver figuras 17, 18 e 19).

Na praça localizada no meio das três – a Praça Walter Zumblick (parte I) – o entorno apresenta edifícios mistos de uso residencial, comercial e/ou serviços. O tecido urbano favorece o contato e o conjunto de atividades realizadas influi positivamente na apropriação dos usuários na praça. Além disso, a estrutura de circulação e as linhas de ônibus que passam pela praça reforçam a sua centralidade e a ligação com o comércio da cidade (ver figuras 17, 20 e 21).

A Praça Walter Zumblick (parte II) é a de maior dimensão das três e encontra-se na transição entre o Centro tradicional com quarteirões compactamente construídos e o Centro moderno, onde o uso dos edifícios vai se especializando em alguns serviços. Nessa área predominam dois tipos de paisagem: a extensão dos edifícios comerciais e as residências de classe média alta. O contexto urbano e o Centro de Cultura Municipal, no centro da praça, reprimem um pouco a apropriação por parte dos usuários (ver figuras 17, 22 e 23).



Figura 17: Entorno da Praça Sete de Setembro e Walter Zumblick (partes I e II). Fonte: Autora, 2008.



Figura 18: Entorno da Praça Sete de Setembro – Rua São Manoel. Fonte: Autora, 2007.



Figura 19: Entorno da Praça Sete de Setembro – Av. Marcolino Martins Cabral. Fonte: Autora, 2007.



Figura 20: Entorno da Praça Walter Zumblick (parte I) – Av. Marcolino Martins Cabral. Fonte: Autora, 2007.



Figura 21: Entorno da Praça Walter Zumblick (parte I) – Av. Rodovalho. Fonte: Autora, 2007.



Figura 22: Entorno da Praça Walter Zumblick (parte II) – Av. Marcolino Martins Cabral. Fonte: Autora, 2007.



Figura 23: Entorno da Praça Walter Zumblick (parte II) – Av. Rodovalho. Fonte: Autora, 2007.

PRAÇA DO CENTENÁRIO (CHAFARIZ) PERSONALIDADE: CIRCULAÇÃO*

MORFOLOGIA



A VEGETAÇÃO
poucas árvores de grande porte cobrindo a maior parte da praça e canteiros com flores, graminhas e arbustos

O QUARTEIRÃO
encontra-se na extremidade de um quarteirão linear situado na margem do Rio Tubarão

O LOTE
praça na forma de um retângulo irregular

A FACHADA
edifícios mistos (comercial/serviços e residências), predominando a arquitetura estilo art déco

O MONUMENTO
o monumento com forte significado existente é o seu chafariz

O MOBILIÁRIO
os mais significantes são os bancos

O SOLO
topografia plana revestida com pisos de concreto tipo trabalho rústico

O TRAÇADO
delimitada por duas ruas perpendiculares e pelo Rio Tubarão

ESCALA - praça de pequeno porte em harmonia com os edifícios de cinco pavimentos, na maioria, de um lado e o Rio Tubarão de outro.

DIMENSÃO SOCIAL - se estabelece na praça principalmente entre os aposentados que a frequentam diariamente para encontrar os amigos; esses encontros ocorrem principalmente no meio da manhã e da tarde.

DIMENSÃO CULTURAL - a troca cultural não é muito destacada, somente pelo músico que se apresenta esporadicamente na praça.

DIMENSÃO SIMBÓLICA - a Praça do Centenário deve seu simbolismo por ser a porta de entrada do centro da cidade

para quem chega da margem esquerda do Rio Tubarão.

DIMENSÃO AMBIENTAL - a amenização na estação quente acontece pelas densas copas das árvores, mas não representa uma mudança significativa no seu entorno, além disso, a penetração do ruído impede a permanência prolongada no espaço.

ACESSIBILIDADE - pela sua posição entre a margem esquerda e direita da cidade, apresenta um alto grau de acessibilidade a todos os cidadãos, principalmente quem chega pelo terminal de transporte coletivo.

* **CIRCULAÇÃO:** A SUA PRINCIPAL CARACTERÍSTICA É A CIRCULAÇÃO DE PESSOAS, DEVIDO A SUA POSIÇÃO ESTRATÉGICA ENTRE A MARGEM ESQUERDA DO RIO TUBARÃO E O CENTRO DA CIDADE



LEGENDA (CORES):
PAVIMENTO EQUIPAMENTO
MOBILIÁRIO ESTAR EQUIP. ÁGUA
MOBILIÁRIO APOIO VEGETAÇÃO



Figura 24: Informações relevantes sobre a Praça do Centenário. Fonte: Autora, 2008.

PRAÇA SETE DE SETEMBRO

PERSONALIDADE: OÁSIS URBANO*

MORFOLOGIA



- A VEGETAÇÃO**
a composição paisagística se destaca no entorno pela grande cobertura das copas das árvores
- O QUARTEIRÃO**
encontra-se isolada pelas ruas e avenidas circundantes
- O LOTE**
praça retangular entre dois eixos importantes do sistema viário
- A FACHADA**
edifícios mistos com arquitetura distinta (estilo art déco e moderno)
- O MONUMENTO**
a praça em si representa um monumento pela sua representatividade no município
- O MOBILIÁRIO**
os mais significantes são os bancos
- O SOLO**
topografia plana com lajotas de concreto revestindo a base
- O TRAÇADO**
delimitada por ruas e avenidas (uma delas é a avenida principal do município)

INDICADORES DE QUALIDADE

- ESCALA** - praça de pequeno porte com as copas das árvores se destacando no entorno.
- DIMENSÃO SOCIAL** - é marcada pelas conversas, principalmente nos bancos e no ponto de táxi; a sociabilidade é marcada principalmente entre os taxistas e os seus conhecidos.
- DIMENSÃO CULTURAL** - a convivência e as trocas culturais acontecem entre os taxista, na banca de revistas e, no Natal, o presépio montado confere à praça um lugar de espetáculo.
- DIMENSÃO SIMBÓLICA** - a praça Sete de Setembro representa um forte simbolismo no imaginário da

- população pelo seu significado histórico marcado até os dias de hoje, principalmente, pela figueira que foi plantada no seu centro em comemoração ao centenário da cidade.
- DIMENSÃO AMBIENTAL** - seu efeito ambiental na estação quente ameniza o microclima local e sua arborização define o sombreamento e o conforto térmico de toda a extensão da praça. Na estação fria, não proporciona boas condições para permanência prolongada.
- ACESSIBILIDADE** - pela sua posição central e proximidade com os principais equipamentos do Centro, a praça apresenta um alto grau de acessibilidade a todas as classes.

* OÁSIS URBANO: A SUA PRINCIPAL CARACTERÍSTICA É A MASSA DE VEGETAÇÃO, REPRESENTANDO UM OÁSIS URBANO EM MEIO A DOIS EIXOS IMPORTANTES DO SISTEMA VIÁRIO.



Figura 25: Informações relevantes sobre a Praça Sete de Setembro. Fonte: Autora, 2008.

PRAÇA WALTER ZUMBLICK (PARTE I) PERSONALIDADE: FUNCIONAL*

MORFOLOGIA...



INDICADORES DE QUALIDADE...

ESCALA - praça de pequeno porte, mas em harmonia com seu entorno apresentando, na sua maioria, edifícios de dois pavimentos.

DIMENSÃO SOCIAL - se estabelece fluindo na praça e nos espaços privados do seu entorno acontecendo principalmente nos três pontos de ônibus, nas duas sorveterias e nos bancos (CEF, Santander e Real).

DIMENSÃO CULTURAL - a convivência e as trocas culturais acontecem nos pontos de ônibus onde diversos personagens usufruem o espaço: os surfistas que vão para praia, as crianças que vão para a escola, os trabalhadores que vão e voltam de seus trabalhos, os aposentados que vêm aos bancos receber o salário, entre outros.

DIMENSÃO SIMBÓLICA - a praça Walter Zumblick muitas vezes é confundida como extensão da Praça Sete de Setembro portanto adquire um caráter simbólico forte pelo papel que esta outra representa.

DIMENSÃO AMBIENTAL - seus efeitos ambientais, principalmente nas estações quentes, amenizam o microclima local e sua arborea define o sombreamento, a temperatura e a umidade relativa do ar.

ACESSIBILIDADE - pela sua posição central e ponto de convergência das principais linhas de transporte coletivo a praça apresenta um alto grau de acessibilidade a todas as classes.

A VEGETAÇÃO	a composição paisagística se destaca no entorno pela grande cobertura das copas das árvores
O QUARTEIRÃO	encontra-se isolada por ruas e avenidas circundantes
O LOTE	praça linear entre dois eixos importantes do sistema viário
A FACHADA	edifícios comerciais e serviços com arquitetura distinta
O MONUMENTO	apresenta monumentos e marcos homenageando personalidades e entidades do município
O MOBILIÁRIO	os mais significantes são os pontos de ônibus e os bancos
O SOLO	topografia plana com revestimentos de petit-pavet e lajotas de concreto
O TRAÇADO	delimitada por ruas e sua face norte é recuada para permitir a parada de ônibus

* **FUNCIONAL: A SUA PRINCIPAL CARACTERÍSTICA É A FUNCIONALIDADE ADQUIRIDA PELOS DIVERSOS EQUIPAMENTOS (3 PONTOS DE ÔNIBUS, 1 LANCHONETE, 1 SORVETERIA E 1 BANCA DE REVISTA)**



Figura 26: Informações relevantes sobre a Praça Walter Zumblick (parte I). Fonte: Autora, 2008.

PRAÇA WALTER ZUMBLICK (PARTE II)

PERSONALIDADE: CULTURAL E LAZER*



MORFOLOGIA

- A VEGETAÇÃO**
a vegetação se destaca na parte NE da praça, com árvores de grande porte com as copas densas e fechadas
- O QUARTEIRÃO**
encontra-se isolada pelas ruas e avenidas circundantes
- O MONUMENTO**
o Centro de Cultura de linhas modernas é o principal monumento da praça
- A FACHADA**
arquitetura residencial, comercial e serviços de estilo contemporâneo, principalmente
- O MOBILIÁRIO**
os mais significativos são os pontos de ônibus e os bancos
- O LOTE**
praça linear entre dois eixos importantes do sistema viário

O TRAÇADO
delimitada por ruas e avenidas com duas laterais recuadas para estacionamento

O SOLO
topografia plana com revestimentos de petit-pavet e concreto asfáltico

INDICADORES DE QUALIDADE

ESCALA - praça de médio porte em harmonia com seu entorno apresentando, na sua maioria, edifícios de três pavimentos.

DIMENSÃO SOCIAL - pelo seu partido, a praça é dividida em duas partes; as relações sociais acontecem principalmente na parte NE desta, na pista de skate, entre os jovens que a utilizam.

DIMENSÃO CULTURAL - a convivência e as trocas culturais acontecem no Centro de Cultura que oferece diversas atividades: museu, biblioteca, oficinas e aulas de pintura; em contraste com os usuários da pista de skate; tornando-se a Praça Walter Zumblick - parte II - palco de diversos personagens culturais.

DIMENSÃO SIMBÓLICA - a praça Walter Zumblick é conhecida como "Praça do Museu", sendo este equipamento o principal responsável pelo seu simbolismo.

DIMENSÃO AMBIENTAL - seus efeitos ambientais, principalmente na parte NE, amenizam o microclima local e sua arborização define o seu sombreamento; na parte SO, a temperatura é igual a do entorno.

ACESSIBILIDADE - pela sua posição central e facilidade ao transporte coletivo, a praça apresenta um bom grau de acessibilidade a todas as classes sociais.

*** CULTURAL E LAZER: A SUA PRINCIPAL CARACTERÍSTICA É A SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL E DE LAZER PARA SEUS USUÁRIOS, REPRESENTADA PELA PRESENÇA DO CENTRO DE CULTURA E DE UMA PISTA DE SKATE NO SEU INTERIOR**

LEGENDA (CORES):
 PAVIMENTO
 MOBILIÁRIO ESTAR
 MOBILIÁRIO APOIO
 EQUIP. ESPORTES

EQUIPAMENTO
 ARTE URBANA
 VEGETAÇÃO



Figura 27: Informações relevantes sobre a Praça Walter Zumblick (parte II). Fonte: Autora, 2008.

3.3.2 A praça analisada na cidade de Braço do Norte:

PRAÇA PADRE ROHER

Localizado entre o mar e a serra, Braço do Norte conta uma área territorial de 221,31 Km² e uma população de 29.845 habitantes (IBGE, 2005). O início da colonização foi a partir de 1874, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães que, a requerimento, obtiveram permissão do Governo Imperial para estabelecerem-se nas margens do Braço do Norte. Cinqüenta e duas famílias encontraram naquele lugar, terra de superior fertilidade para cultivar produtos agrícolas.

Em 1879, consta-se o memorial de planta da sede do núcleo colonial de Braço do Norte onde se achava dividido em 89 lotes urbanos, ruas com 20m de largura e uma praça quadrada de 220m de lado.

Toda a população de colonizadores de religião católica romana e a administração espiritual eram exercidas pelo padre visitante Guilherme Roher. Onde a Igreja Matriz está erguida atualmente, construiu-se primeiramente uma capela de alvenaria que depois, por três vezes, foi ampliada antes de ceder o lugar à atual. A fé e a união eram grandes e ter um templo era uma necessidade, pois na igreja que alimentavam sua fé, se reuniam e se educavam moral e civicamente, além disso, era o único local de encontros.

Braço do Norte pertencia a Tubarão e somente em 1953 conseguiram a criação do município que hoje tem como principais atividades econômicas a produção rural, principalmente a suinocultura, bovinocultura e a avicultura, além do ramo das indústrias de molduras.

O município apresenta uma formação geográfica privilegiada, com a presença de morros que formam mirantes naturais e planícies, sendo a região do Centro, a principal delas. O perímetro urbano tem 10 km² e é formado por duas praças e doze bairros. A cidade tem um traçado urbanístico bastante adequado e regular, além de conservar a riqueza do traçado original, do engenheiro Carlos Othon. No centro da cidade há uma avenida ampla e arborizada: a Avenida Felipe Schmidt onde se situa a Praça Padre Roher com a igreja no seu centro. Podemos verificar, também, que o eixo da praça leva sua extensão ao Rio Braço do Norte.

Na figura 28, apresenta-se o mapa da região central de Braço do Norte localizando as duas praças públicas com destaque para a Praça Padre Roher (Praça da Matriz) que é objeto de estudo nesta pesquisa. Na imagem do Google Earth (figura 29) podemos verificar o traçado urbano do entorno imediato onde se encontra a praça em estudo.



Figura 28: Mapa de localização das praças públicas centrais em Braço do Norte-SC, com destaque para a Praça Padre Roher (objeto de estudo). Fonte: Prefeitura Municipal de Braço do Norte, adaptado pela autora, 2006.



Figura 29: Mapa de localização da praça pública analisada nesta pesquisa, em Braço do Norte-SC. Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2008.

1. PRAÇA PADRE ROHER

Em 1912, a Praça Padre Roher (ver figura 33) só tinha um carreirinho que ia para a Igreja, na época capela, só mato com um banhado grande e um pontilhãozinho de madeira onde as crianças a caminho da escola gostavam de empurrar os outros na água e à noite escutarem a saparada (DALL'ALBA,1973). A capela foi erguida nos primeiros tempos do povoado se tornando o marco zero da cidade que tem no traçado retilíneo a ordenação originalmente estabelecida e a Praça Padre Roher não poderia ser diferente, apresentando também conformação retilínea.

A praça com a igreja no centro tem uma identidade híbrida abrigando no seu interior símbolos religiosos e civis. No seu espaço ainda acontecem festas religiosas como era no princípio, mas sua função se multiplicou, adaptando-se às necessidades de hoje.

Quanto à localização central da igreja na praça, Sitte (1992) verifica essa característica em algumas localidades da Alemanha no tangente à disposição onde as igrejas eram colocadas isoladamente – quando não no centro da praça, ao menos circundadas por vielas. Na maioria dos casos, a origem de tal isolamento era a existência anterior de cemitérios que outrora rodeavam as igrejas. Essa característica pode ter sido repetida aqui pelos colonos alemães que colonizaram a cidade.

Hoje, a praça abriga toda a diversidade de pessoas que buscam momentos de alívio, lugar da convivência dos diferentes que buscam o comum, num acordo tácito da regra de ocupação dos espaços. Os bancos sombreados e os caramanchões nas laterais criam zonas de estar e são os locais privilegiados para o descanso e vista do movimento das pessoas, além de encontro com os amigos.

• CONTEXTO URBANO DA PRAÇA PADRE ROHER

A localização da praça no centro histórico e tradicional reflete um forte significado de identificação dos moradores da cidade. No entorno predominante misto, tem como principal símbolo a Igreja Matriz, além da casa paroquial e outros edifícios institucionais e de serviço (ver figuras 30, 31 e 32). Os edifícios formam um conjunto harmonioso, apresentando continuidade no conjunto e predominando a baixa densidade. Com relação ao sistema viário, duas importantes vias fazem limite com a praça enquanto seus outros dois lados são delimitados por vias locais que acabam sendo incorporadas à praça, através do seu uso.

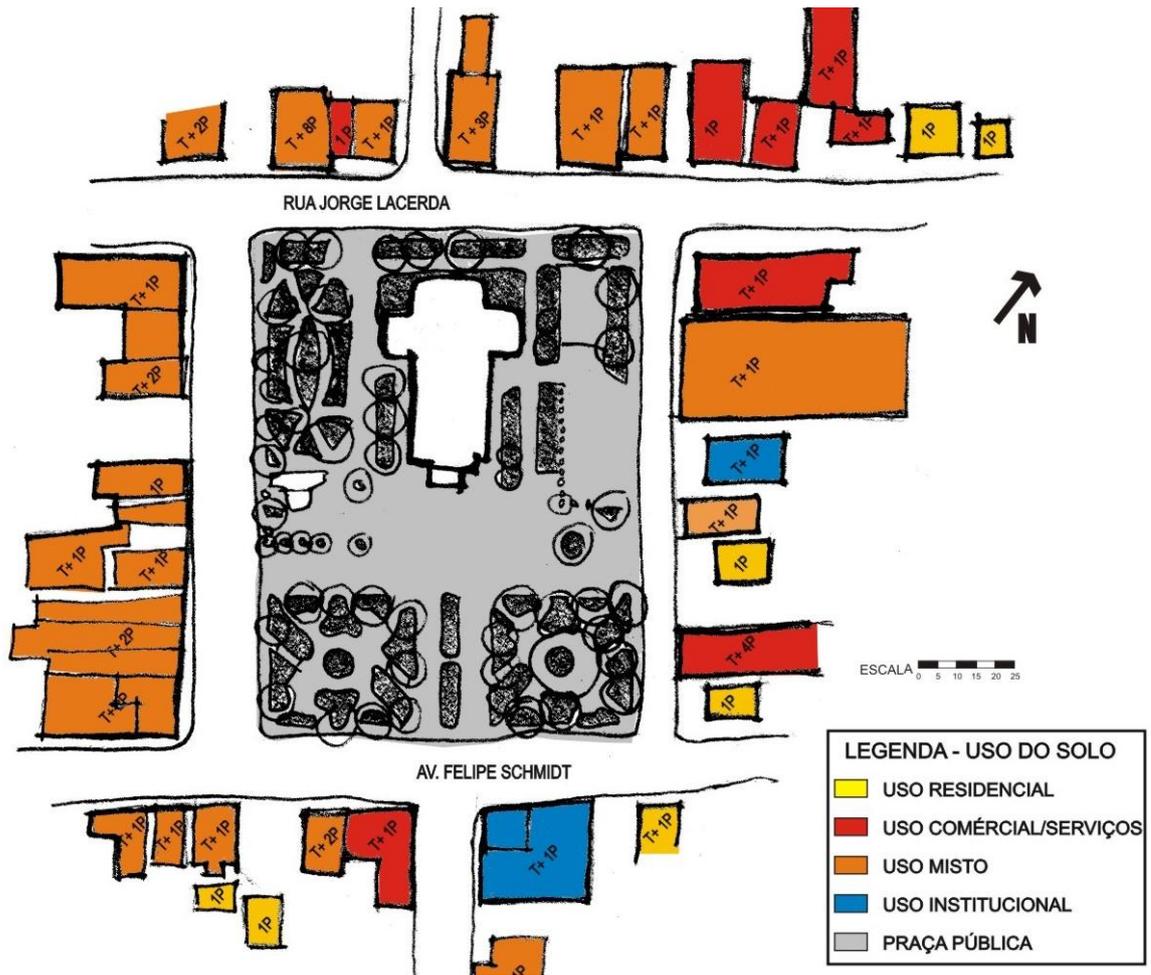


Figura 30: Entorno da Praça Padre Roher. Fonte: Autora, 2008.



Figura 31: Entorno da Praça Padre Roher – Rua Jorge Lacerda. Fonte: Autora, 2007.



Figura 32: Entorno da Praça Padre Roher – Rua Padre Roher. Fonte: Autora, 2007.

PRAÇA PADRE ROHER PERSONALIDADE: DINÂMICA*

MORFOLOGIA..



A VEGETAÇÃO
a composição paisagística é diversificada, apresentando áreas de pequeno, médio e grande porte, arbustos, gramíneas e flores

O QUARTEIRÃO
encontra-se isolada por ruas e avenidas circundantes

O LOTE
praça retangular entre dois eixos importantes do sistema viário

A FACHADA
edifícios comerciais, serviços e religiosos com arquitetura distinta

O MOBILIÁRIO
as áreas de estar representam claramente a identidade da praça: dinamismo e encontros

O MONUMENTO
principal monumento é a igreja no centro da praça de estilo gótico, além disso, marcos e monumentos homenageando entidades do município

O SOLO
topografia plana com revestimentos de lajotas de concreto e gramados

O TRAÇADO
delimitada por quatro ruas

ESCALA - praça de grandes dimensões com destaque para a igreja matriz no seu centro. No entorno predominam edifícios de 2 a 4 pavimentos.

DIMENSÃO SOCIAL - se estabelece fluindo na praça e acontecendo principalmente nas suas áreas de estar (caramanchões e bancos). Durante o dia, prevalecem idosos, crianças e adultos. À noite, os jovens se apropriam.

DIMENSÃO CULTURAL - a convivência e as trocas culturais acontecem na igreja, nos estares e no play ground: idosos que vão se encontrar, os moradores da zona rural que vão para o centro fazer suas compras e param na praça para conversar e encontrar os conhecidos, as mães levando os filhos para brincar e os jovens que vão para brincar e se reunirem.

DIMENSÃO SIMBÓLICA - a praça Padre Roher apresenta um forte simbolismo devido à presença da igreja no seu centro por conta da grande religiosidade dos habitantes do município.

DIMENSÃO AMBIENTAL - a praça atende bem as quatro estações do ano: as áreas arborizadas amenizam o microclima nas estações quentes, enquanto as áreas não sombreadas favorecem a permanência durante o outono e inverno.

ACESSIBILIDADE - apresenta um alto grau de acessibilidade a todas as classes, sendo referência para os moradores da área urbana e rural do município.

* **DINÂMICA:** A SUA PRINCIPAL CARACTERÍSTICA É O DINAMISMO DOS ENCONTROS E ATIVIDADES REALIZADOS NA IGREJA, NAS ÁREAS DE ESTAR E NO PLAYGROUND.

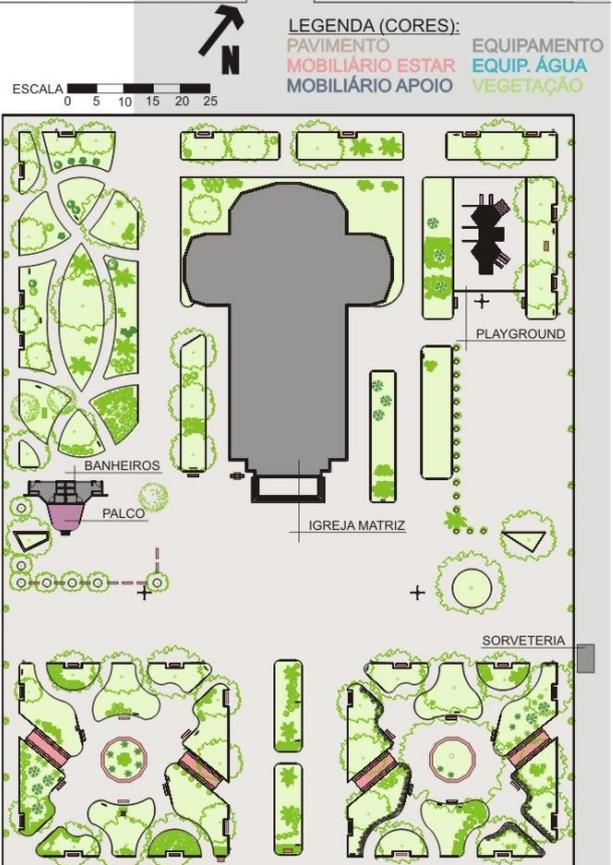


Figura 33: Informações relevantes sobre a Praça Padre Roher. Fonte: Autora, 2008.

3.3.3 A praça analisada na cidade de Laguna:

PRAÇA VIDAL RAMOS

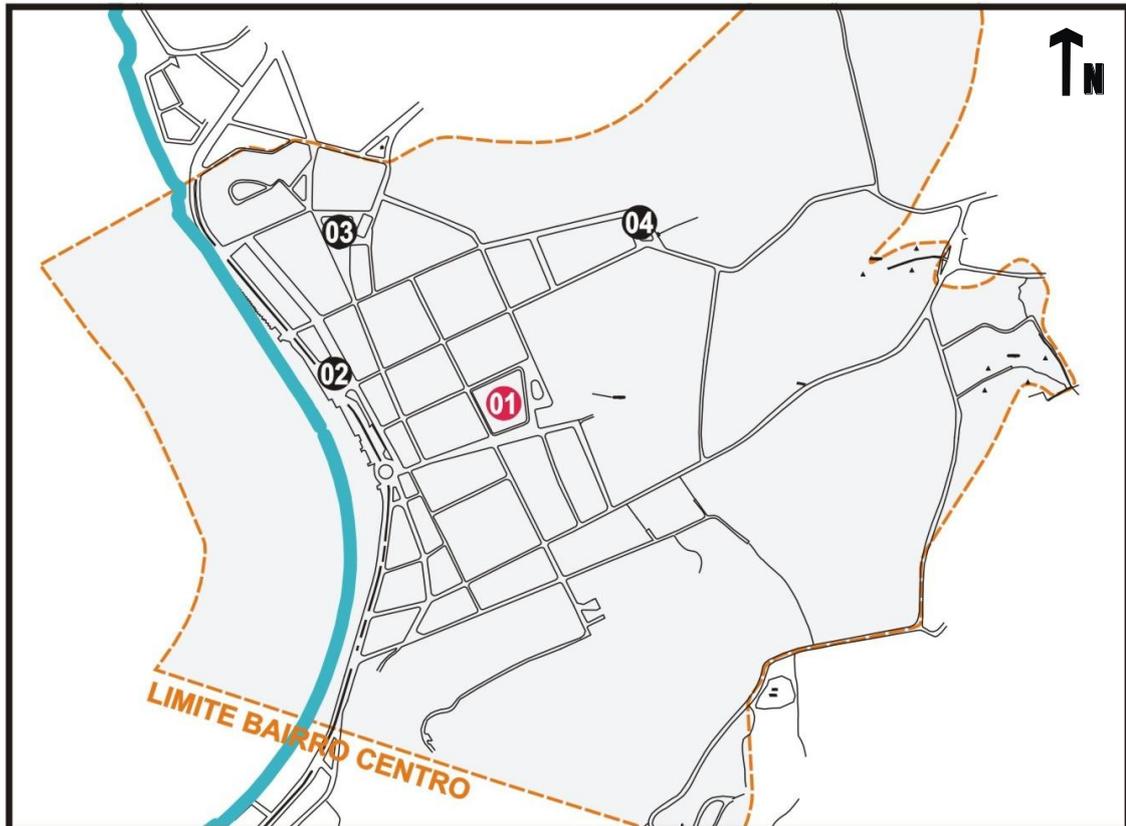
Laguna é uma cidade litorânea que apresenta uma área de 445,2 Km² e uma população urbana de 37.255 habitantes (IBGE, 2005). Fundada em 1676, foi por muito tempo limite sul da América Portuguesa. A escolha desse local pelos portugueses deve-se à existência de um porto natural protegido dos ventos, a uma faixa de terra plana junto à lagoa para facilitar o abastecimento de água e, principalmente, à posição geográfica estratégica sobre a imaginária linha do Tratado de Tordesilhas.

De 1748 a 1756 ocorreu o adensamento da vila com a chegada das famílias portuguesas que trouxeram consigo tradições culturais próprias, influenciando de maneira profunda a cultura de Laguna e do litoral catarinense (VIEIRA; SZCZUK; SIMON, 2001).

Com o aumento da produção do carvão no final do século XIX, Laguna inicia um novo ciclo econômico de grande prosperidade, ainda hoje reconhecido através da arquitetura eclética da cidade. No final desse século e início do século XX, Laguna vive o período de maior prosperidade de sua história. Segundo Vieira, Szczuk e Simon (2001), a implantação das edificações nos lotes vai se modificando: primeiro os porões altos, depois os jardins e os acessos laterais que modificam o espaço urbano e passam a incorporar os vazios entre as construções.

Estas edificações estão localizadas principalmente junto à Praça da Matriz, servindo como residência. Em 1985, Laguna teve seu centro histórico tombado federal pelo IPHAN e esse continua exercendo uma posição de centralidade, oriundo da escolha criteriosa do sítio que foi implantado com a intenção de configurar um espaço urbano permanente (VIEIRA; SZCZUK; SIMON, 2001).

Na figura 34, apresenta-se o mapa com as praças públicas centrais de Laguna com destaque para a Praça Vidal Ramos que é objeto de estudo nesta pesquisa. Em seguida, na figura 35, podemos verificar também a localização da Praça Vidal Ramos e do seu entorno imediato na imagem área do Google Earth.



Legenda

01. PRAÇA VIDAL RAMOS 03. PRAÇA REPÚBLICA JULIANA
 02. PRAÇA DR. PAULO CARNEIRO 04. PRAÇA LAURO MILLER --- LIMITE BAIRRO CENTRO

Figura 34: Mapa de localização das praças públicas centrais em Laguna-SC, com destaque para a Praça Vidal Ramos (objeto de estudo). Fonte: IPHAN, adaptado pela autora, 2006.



LEGENDA
 1 PRAÇA VIDAL RAMOS

Figura 35: Mapa de localização da praça pública analisada nesta pesquisa, em Laguna-SC. Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2008.

1. PRAÇA VIDAL RAMOS

A Praça Vidal Ramos (figura 39), inicialmente era somente um campo aberto chamado de Campo de Manejo e coberto por gramíneas e arbustos. Recebeu suas primeiras obras em 1903 com a sua delimitação através das ruas. Nessa época, passou a ter características de jardim murado e era o local onde aconteciam os encontros, passeios e lazer. Em 1913, passou por novas obras quando foram plantadas mudas de palmeiras imperiais vindas do Rio de Janeiro e instalado o chafariz no seu centro que hoje se encontra desativado.

A Praça Vidal Ramos (antiga Praça da Igreja) juntamente com a Praça onde se situava a Casa de Câmara e Cadeia (atual Praça República Juliana) foram geradoras do traçado urbano da via. A Praça Vidal Ramos, conforme a tradição, era delimitada em forma retangular e estendia-se até a borda da Lagoa Santo Antônio.

A redução do tráfego de veículos, por ser uma área mais residencial, confere ao local maior tranquilidade e as crianças podem correr à vontade, sem se preocupar com carros, além de proporcionar uma maior qualidade sonora. O piso rebaixado na área central tem a altura de um degrau que não chega a ser um obstáculo e serve de espaço de diversão para as crianças que brincam em torno do chafariz ali instalado.

A praça hoje é apropriada mais por idosos, crianças e casais de namorados, assumindo a função principal de encontro e de ritos religiosos. Alguns eventos esporádicos acentuam a variedade dos usuários da praça, como as festas populares e outras celebrações que alteram normalmente a rotina se repercutem na paisagem.

• CONTEXTO URBANO DA PRAÇA VIDAL RAMOS

A localização da praça no Centro histórico e tradicional reflete um forte significado de identificação dos moradores da cidade. No entorno predominante residencial, tem como principal símbolo a Igreja Matriz, além da casa paroquial e outros edifícios institucionais e de serviço (ver figuras 36, 37 e 38). Podemos encontrar diversas tipologias arquitetônicas, mas mesmo assim formam um conjunto homogêneo. Os edifícios implantados no alinhamento predial caracterizam as edificações luso-brasileiras de pé-direito baixo, mas as edificações que mais predominam no entorno da praça são as de estilo eclético que, entre outras características, apresentam porões altos e afastamentos laterais. Essas edificações apresentam uma escala compatível com o conjunto urbano e conferem homogeneidade nas escalas das edificações. Com o tombamento do sítio, conteve-se a verticalização,

a ocupação das encostas e a implantação de atividades que poderiam desqualificar a malha urbana e as edificações históricas. Com relação ao sistema viário, é delimitada por ruas coletoras e locais que qualificam a área como tranqüila e sem ruídos.

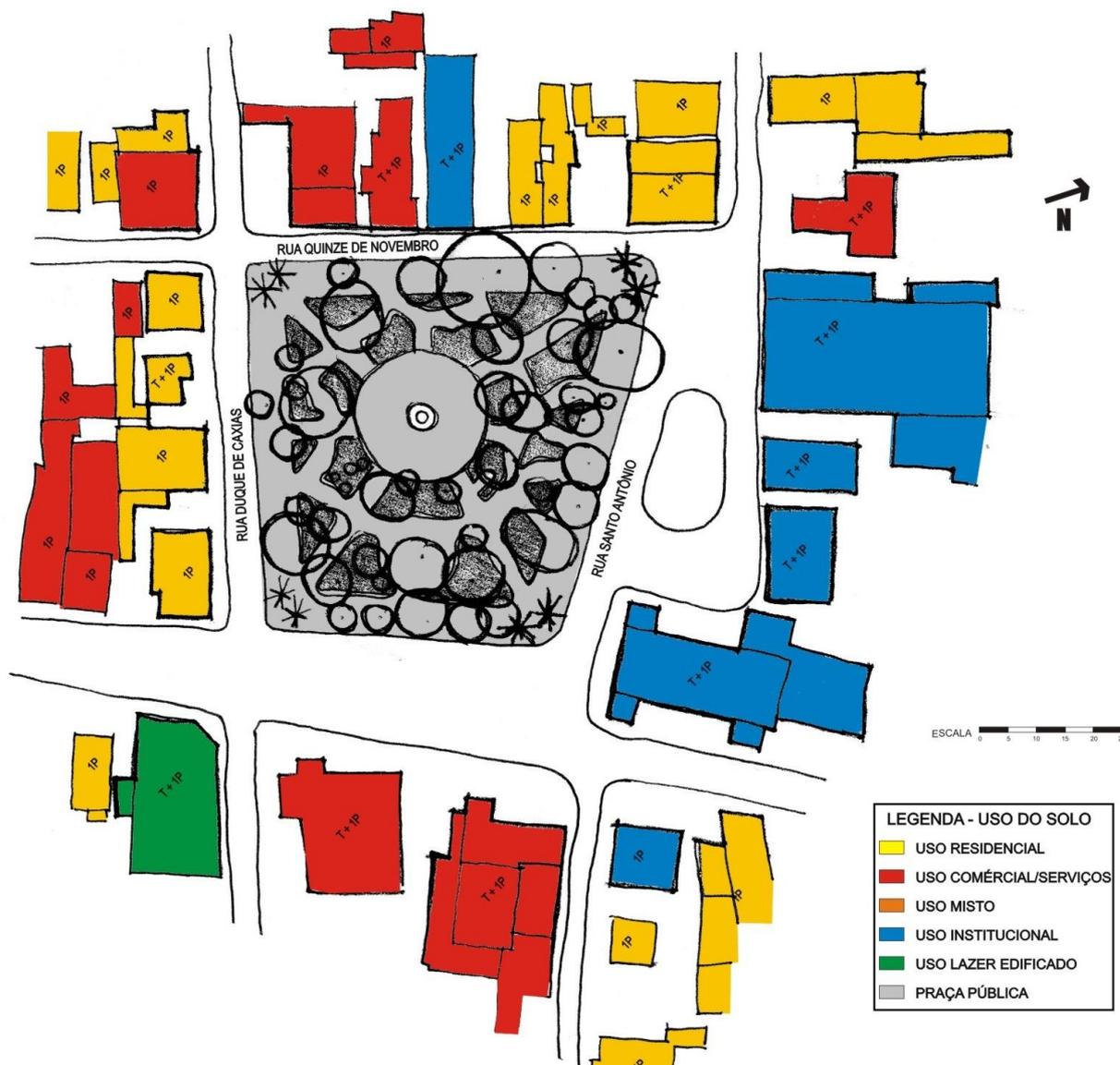


Figura 36: Entorno da Praça Vidal Ramos. Fonte: Autora, 2008.



Figura 37: Entorno da Praça Vidal Ramos – Rua Quinze de Novembro. Fonte: Autora, 2008.



Figura 38: Entorno da Praça Vidal Ramos – Rua Santo Antônio. Fonte: Autora, 2008.

PRAÇA VIDAL RAMOS PERSONALIDADE: MEMÓRIA*

MORFOLOGIA



A VEGETAÇÃO
a composição paisagística é diversificada, apresentando, na sua maioria, árvores ornamentais de grande porte, arbustos e gramíneas

O QUARTEIRÃO
encontra-se isolada por ruas circundantes

O LOTE
praça trapezoidal entre quatro ruas do Centro Histórico

A FACHADA
edifícios residenciais e serviços de arquitetura eclética, na maioria, e a Igreja Matriz de estilo barroco

O MONUMENTO
principal monumento é o chafariz no centro da praça, mesmo desativado atualmente

O MOBILIÁRIO
as áreas de estar representam claramente a identidade da praça: encontros

O SOLO
topografia plana com areia e cascalho e um desnível no centro revestido de granito

O TRAÇADO
delimitada por quatro ruas

* MEMÓRIA: A SUA PRINCIPAL CARACTERÍSTICA É O SEU SIGNIFICADO E IMPORTÂNCIA HISTÓRICA EM CONSTANTE PRESENÇA NO IMAGINÁRIO DOS SEUS USUÁRIOS

ESCALA - praça de médio porte com destaque para o chafariz no seu centro e a Igreja Matriz no seu entorno imediato, além de edifícios de 2 a 3 pavimentos.

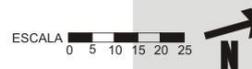
DIMENSÃO SOCIAL - se estabelece fluindo na praça e acontecendo principalmente nos bancos, passeios e no seu centro (chafariz). Durante o dia, prevalecem idosos, crianças e adultos. No final da tarde, casais de namorados se apropriam.

DIMENSÃO CULTURAL - a convivência e as trocas culturais acontecem principalmente entre os idosos, mães e crianças que vão se encontrar para conversar, relembrar o passado e brincar. Além disso, festas e tradições religiosas acontecem na praça durante todo o ano.

DIMENSÃO SIMBÓLICA - a praça Vidal Ramos apresenta um forte simbolismo devido ao seu significado histórico, além disso, seus usuários recordam frequentemente como era a vida e agitação ali.

DIMENSÃO AMBIENTAL - a praça atende bem às quatro estações do ano: as áreas arborizadas amenizam o microclima nas estações quentes, enquanto as áreas não sombreadas favorecem a permanência durante o outono e inverno. O maior conflito fica por conta dos ventos predominantes de inverno que não encontram barreiras, tornando-se desagradável a permanência na praça.

ACESSIBILIDADE - apresenta um alto grau de acessibilidade a todas as classes, sendo referência para os moradores do centro histórico, além dos turistas que a visitam.



LEGENDA (CORES):

PAVIMENTO
MOBILIÁRIO APOIO
MOBILIÁRIO APOIO

EQUIPAMENTO
EQUIP. ÁGUA
VEGETAÇÃO



INDICADORES DE QUALIDADE



Figura 39: Informações relevantes sobre a Praça Vidal Ramos. Fonte: Autora, 2008.



capítulo 4
PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Nesta pesquisa procurou-se abordar a forma das praças públicas centrais de uma maneira complexa onde as interferências funcionais e sociais do espaço se refletiram no padrão das relações estabelecidas.

Foram três categorias de análise que determinaram esse trabalho de investigação: adequação funcional dos equipamentos e/ou mobiliários (localização no sítio urbano, dimensão e disposição); adequação físico-ambiental (condições de salubridade e conforto para a utilização do espaço) e; adequação comportamental (padrões de comportamento do usuário).

Os lugares, nesta pesquisa, representados pelas praças públicas centrais, apresentam-se no que se chama espaço urbano real e é uma totalidade complexa formada por atividades, formas, significados e práticas sociais sensivelmente captáveis e onde convivem variáveis incapazes de revelar suas leis essenciais. Essas variáveis, segundo Kohlsdorf (1996) podem conduzir às relações que aparecem, à primeira vista, escamoteadas; identificar tais informações, como pertencentes a uma ou outra categoria é a primeira atitude de coleta de dados para análise e depende do referencial teórico assumido.

Pretende-se considerar aqui os valores que os dados visuais do contexto urbano podem assumir em cada indivíduo e dos significados que a cidade assume para cada um de seus habitantes. Segundo Laurie (1975), os processos de seleção e atribuição de significado ou simbolismo a um entorno ou o desenvolvimento de uma resposta emocional a facetas do entorno variam claramente de um indivíduo para outro.

Além disso, examinamos as formas de apropriação social das praças centrais de uso público analisando-as comparativamente com áreas de diferentes morfologias (por isso, diferentes estudos de casos). Com as análises, as praças podem ser qualificadas como hospitaleiras, alegres, frias, agressivas, estimulantes ou monótonas. A explicação dos fenômenos passará, segundo Kohlsdorf (1996), primeiramente, pela definição da sociedade que os contém.

Assim, no decorrer deste capítulo, são apresentados os métodos utilizados no desenvolvimento desta dissertação: análise documental, observações (do desempenho físico e do comportamento dos usuários), entrevista e jogo. Esses métodos visam reunir as informações necessárias ao desenvolvimento dos raciocínios previstos nos objetivos da pesquisa. Justifica-se a escolha de cada método, explicitam-se as técnicas, a maneira como foi aplicado e o tratamento dos dados.

Além disso, os métodos e técnicas que são apresentados aqui provam ser muito úteis na análise dos espaços abertos e para a identificação dos fatores que contribuem com a qualidade satisfatória do

ambiente, em especial porque levam em conta o comportamento do usuário e a verificação da forma de apropriação do espaço.

A abordagem teórica parte do princípio de que a complexidade urbana deriva dos condicionalismos do espaço cuja ordem e expressão formal é adquirida em função de um processo social. Nesta perspectiva, de acordo com Heitor (2001), a leitura morfológica da cidade só é estabelecida a partir do relacionamento das características formais do espaço com as práticas sociais e há, portanto, que identificar e interpretar na forma urbana as regras implícitas da sua organização.

Segundo Heitor (2001), deve-se representar objetiva e rigorosamente o padrão espacial em estudo, identificar as constantes formais presentes na forma urbana, estabelecer comparações entre as distintas situações, detectar as estratégias espaciais adotadas na sua ordenação morfológica, explorar as implicações funcionais e sociais da forma urbana e a sua relação com a atividade e a presença de indicadores de negligência/transgressão, além de avaliar as implicações de intervenções espaciais pontuais.

Para isso, buscamos embasamento na psicologia ambiental que como disciplina trata das relações entre o comportamento humano e o ambiente físico do homem (OKAMOTO, 2002). Além disso, o estudo e a investigação sobre a relação que une os fatores sociais com os projetos requerem conhecer de antemão trabalhos científicos realizados no campo da conduta e da percepção. Serpa (2007) afirma que a idéia de que espaços livres urbanos podem gerar associações inconscientes, influenciando a relação homem-espaço e servindo de mote para o desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa que valorize o caráter subjetivo das questões perceptivas.

4.1 A importância das questões perceptivas

O que fazemos com a paisagem está estritamente relacionado com a forma como a percebemos (SERPA, 1995, p.104).

A percepção é um aprendizado social e cultural, além de ser simplesmente um processo biológico. Além disso, o ambiente pode ser considerado como uma construção mental, uma imagem ambiental, criado e avaliado diferentemente por cada indivíduo (CARMONA et al., 2003).

Para Cullen (1983), o ponto de referência da abordagem paisagística é a capacidade individual de percepção visual e a cidade como objeto da percepção dos seus habitantes. Segundo Ferrara (2000), o significado criado pela unidade imagem/imaginário não é outro senão a real percepção da experiência urbana travestida no uso do espaço e seus lugares; o uso é o significado da experiência e sua manifestação consistindo na apropriação do espaço construído.

São selecionados os aspectos de interesse e só aí é que ocorre a percepção (imagem) e a consciência (pensamento, sentimento) resultando em uma resposta que conduz a um comportamento (OKAMOTO, 2002). Logo, o usuário observador capaz de se surpreender e interessar-se pelo que experimenta é o necessário para compreender a forma urbana. Na análise de lugares urbanos é imprescindível estabelecer um diálogo entre o espaço urbano e os elementos que caracterizam a sua vida (CULLEN, 1983).

Através de observações e análises de relacionamento entre atividades e espaços buscamos compreender os processos naturais que compõem e estruturam a paisagem, além dos processos sociais que se resultam, assim como a forma que os usuários percebem. As condicionantes que restringem ou direcionam o interesse intervêm nas suas tendências comportamentais e aspirações, além disso, sentimentos, emoção e afetividade devem estar ligados com o topos (sentido de lugar).

Segundo Cunha (2002), os ambientes afetam o comportamento humano e são pelo mesmo afetado, além de estarem ligados aos fatores denominados sociofugal e sociopetal: o primeiro refere-se aos arranjos dos mobiliários, equipamentos, edifícios ou fatores sociais que desestimulam ou inibem as relações entre as pessoas e; o segundo faz congrega e direcionar as relações interpessoais.

4.2 Metodologia de pesquisa adotada: Estudo de Caso

Para a análise das praças selecionadas foi utilizado o método de pesquisa Estudo de Caso, adequado para os fenômenos contemporâneos dentro do contexto da vida real, pouco explorados pelos pesquisadores e quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2001).

A pesquisa exploratória, categoria na qual se situa o Estudo de Caso, propõe uma busca e não uma verificação de informações, além da articulação com o caráter técnico que investiga a realidade e devem estar apoiados em referências teóricas. O investigador tem um caminho a trilhar diante do objeto a ser pesquisado, utilizando-se de recursos metodológicos e pressupostos teóricos, procurando compreender e explicar a realidade que ele torna explicável a partir dos procedimentos adotados (DINIZ, 1999).

No Estudo de Caso, conforme Diniz (1999), o pesquisador aproveita as evidências empíricas e as inferências produzidas, correlacionando-as para alcançar a interpretação dos fatos dentro de um sistema explicativo mais amplo, além disso, o enfoque qualitativo do Estudo de Caso propõe liberdade relativa na tarefa de apreender o objeto no emaranhado das inter-relações.

As metodologias de pesquisa qualitativa são entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes ao ato, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação como construções humanas significativas (MINAYO, 2004).

Ainda, por qualidade entende-se o relacionamento entre um indivíduo ou um grupo de pessoas e uma paisagem; este relacionamento envolve percepção humana, compreensão e reação com um processo que mede a qualidade. A essência desta qualidade não é na própria paisagem nem nas pessoas, mas preferivelmente na natureza do relacionamento que elas estabelecem entre elas podendo variar com o tempo e o lugar, com a natureza humana e com a natureza da paisagem em que elas se encontram (JELLICOE; JELLICOE, 1975).

Nesta pesquisa pretende-se compreender não apenas a apropriação e uso das praças públicas centrais, mas também as motivações e os elementos presentes nelas que levam os usuários a preferir determinadas áreas ao invés de outras. Portanto, foi necessário descobrir a maior quantidade possível de fatores que intervêm no uso das praças públicas centrais, por usuários de diferentes categorias sociais e em contextos distintos. Esta investigação social, segundo Minayo (2004), deve contemplar o aspecto qualitativo, considerando as pessoas de diferentes condições sociais, com suas crenças, valores e significados.

Assim, os métodos seguidos nesta pesquisa permitiram identificar a tipologia das praças públicas centrais analisadas, de forma a considerar as necessidades da população no presente e no suprimento futuro. Esses aspectos foram importantes na interpretação do centro da cidade e na qualidade de vida dos cidadãos. A seguir, são explicados os métodos utilizados na pesquisa, sua forma de aplicação e tratamento dos dados.

4.2.1 Análise documental

A análise documental consistiu na busca de informações para o levantamento de cada praça, realizada através de materiais que ainda não tinham um tratamento analítico ou que podiam ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa: documentos escritos, mapas e imagens relacionados às praças públicas centrais em análise.

O método de análise documental é empregado de duas maneiras: primeiro, no intuito de levantar o histórico de cada praça (levantamento sucinto da memória do projeto) e posteriormente, para definir a situação atual de cada uma delas (levantamento de campo).

Levantamento da memória do projeto: buscar projeto original, fotos e/ou documentos do período de implantação das praças públicas analisadas.

Levantamento de campo: atualização do cadastro das seis praças públicas em análise incluindo funções, vocação do local, dimensão, traçado, infra-estrutura, mobiliário, cobertura e composição vegetal, pavimentação, entorno, estado de conservação, arte urbana, festas e tradições e legislação.

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

A análise documental (levantamento da memória do projeto e levantamento de campo) permitiu obter informações e conhecimentos sobre os objetos de estudo. A prática desse trabalho se dedicou, fundamentalmente, à construção de dados empíricos de um estudo, seja ele de pesquisa voltada para a produção e/ou para a avaliação de conhecimento.

O levantamento da memória do projeto foi feito através de buscas de documentos nas prefeituras, arquivos históricos e conversas com moradores antigos nas cidades onde foram analisadas as praças públicas. O levantamento de campo foi realizado através de visitas exploratórias, medições e croquis realizados em cada uma das praças analisadas e complementado com levantamento fotográfico.

Tratamento dos dados

Os dados coletados neste método serviram de base para a aplicação dos demais métodos da pesquisa e, para facilitar a verificação dos dados, se sistematizou os dados e elaborou-se fichas documentais produzidas com as informações de cada uma das 6 (seis) praças selecionadas para análise.

Estas fichas, apresentadas no capítulo 5, permitiram verificar o entendimento de cada praça pública desde seu projeto original e contexto histórico até as informações atualizadas como funções, vocação do local, dimensões, traçado, infra-estrutura, mobiliário, cobertura e composição vegetal, pavimentação, entorno, estado de conservação, arte urbana, festas e tradições e legislação.

O modelo da ficha documental encontra-se no apêndice 1 e a seguir são explicados os critérios selecionados para análise nesta ficha.

- a. Nome/endereço: denominação atual, denominação popular e endereço (rua, avenida, bairro, cidade, estado).
- b. Funções: principal e secundária – circulação, permanência, lazer, esporte e cultura, passeios e visitação e/ou área de preservação ambiental.

- c. Vocação do local: principal característica de uso da praça.
- d. Dimensões e traçado: área, limites e forma.
- e. Infra-estrutura: descrição da infra-estrutura existente – iluminação, acessibilidade e pavimentação.
- f. Mobiliário: descrição do mobiliário urbano existente – luminária, banco, lixeira, telefone público, informações, bicicletário/paraciclo, bebedouro, pia, mesa de jogos, playground, quadra de esportes e/ou pista de skate.
- g. Equipamento: descrição dos equipamentos existentes – café/bar/lanchonete, comércio de pequeno porte, feiras e/ou ponto de ônibus.
- h. Pavimentação: área de cobertura do pavimento.
- i. Cobertura vegetal/composição vegetal: especificação dos tipos de vegetação - árvores, arbustos, bosques – e da área de cobertura.
- j. Água: descrição da presença de água em algum elemento.
- k. Legislação: leis pertinentes à área onde está inserida a praça.
- l. Entorno imediato: descrição de uso e skyline dos edifícios do entorno imediato e fluxo dos automóveis e pedestres na área.
- m. Estado de conservação: condições dos mobiliários, equipamentos e/ou pavimentação (bom, razoável ou ruim).
- n. Arte urbana: descrição dos elementos e/ou acontecimentos artísticos que acontecem na praça.
- o. Festas e tradições: eventos que acontecem na praça (tipos, datas e periodicidade).
- p. Histórico: descrição do uso original, sucessivo e atual, data de início da construção e intervenções e autores (paisagista, arquiteto e/ou poder público).
- q. Documentos: projeto original (quando existente), fotografias antigas, projeto atual e fotografias atuais.

4.2.2 Observações

O método de observações foi empregado com duas funções: primeiro, para levantar as informações do desempenho físico das praças sem a interferência dos usuários (observação e anotação do desempenho físico) e segundo, para levantar informações sobre o comportamento dos usuários (observação do comportamento dos usuários).

O método de observação se apresenta bastante vantajoso, pois se baseia nos acontecimentos reais de um espaço. Além disso, segundo Cunha (2002), a observação não é intrusiva como nos outros métodos e o observador pode apreender o que as pessoas fazem no ambiente sem influenciar suas ações, desde que sejam discretos.

“O objetivo das observações é obter dados sobre as atividades das pessoas (o que fazem e como fazem), regularidades de comportamento (frequências de uso dos espaços), bem como as restrições ou oportunidades de uso proporcionadas pelo projeto” (CUNHA, 2002, p.109). Portanto, a sistematização da observação é importante, pois, segundo Sanoff (1991 apud CUNHA, 2002), apesar de válida, a observação casual pode resultar em achados incompletos ou muito óbvios.

Nesta pesquisa, registraram-se anotações diagramáticas (utilização de símbolos anotados sobre plantas, esquemas ou croquis das praças), fotografias e descrição dos elementos encontrados. Os traços físicos observados de uso e/ou adaptação dos elementos físicos a fim de aumentar a resposta ambiental de cada praça pública analisada.

4.2.2.1 Observação e anotação do desempenho físico

Este método foi utilizado para obter informações sobre os elementos físico-ambientais e espaciais referentes ao entorno, base e fronteira e ambientais referentes ao clima, som, luz e cor dos espaços.

As observações nesta pesquisa foram sistemáticas, realizadas com um determinado propósito, e sua sistematização previu a utilização de alguns instrumentos reguladores e organizadores das informações obtidas durante sua aplicação, como quadros, esquemas e fotografias. Segundo Lakatos e Marconi (2003), neste tipo de observação, o observador sabe o que procura e o que apresenta ou não importância em cada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe.

Os critérios analisados, de acordo com os sítios escolhidos e com a morfologia do tecido urbano existente conformam: características do entorno - orientação, continuidade da massa, grau de

adjacência/compacidade, altura do espaço, condução dos ventos; características da base - equilíbrio da radiação e luz natural, natureza dos elementos superficiais, albedo, elementos componentes do espaço (coberturas, pavimentos, vegetação, mobiliário e água); características da superfície fronteira - convexidade, continuidade da superfície, detalhes edificatórios, textura, propriedade físicas dos materiais, aberturas, tensão, progressão e regressão da fachada, tipologia arquitetônica, cores, transparência, opalência, área total da envoltura, céu, número de lados e grau de confinamento (ROMERO, 2001).

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

Para elaboração deste método, contou-se com visitas às seis praças públicas em estudo e dados coletados de maneira empírica através de observações e anotações do desempenho de cada praça. Para uma melhor sistematização destes dados, foi elaborado um roteiro de análise que foi seguido, contendo as características relevantes para a pesquisa: A) localização e entorno; B) planta da praça; C) fotografias; D) elementos; E) sol, vento, luz e som. Estes dados foram coletados no local visando à caracterização em duas categorias, a espacial e a ambiental, e as características relevantes foram registradas por meio de fotografias para uma análise posterior aprofundada.

O primeiro dado do roteiro é sua localização e caracterização do seu entorno, onde foi observado o microclima local, as características espaciais do terreno e entorno, a volumetria, os materiais e as cores dos edifícios (entorno e fronteira). No critério planta da praça, é apresentado um croqui ilustrativo da praça, com as circulações principais, a localização de alguns equipamentos e um estudo sobre a corrente de ventos e insolação no espaço. As fotografias serviram para complementar as informações observadas no local.

Em elementos, foi verificada a presença de mobiliários (luminária, banco, lixeira, telefone público, informações, bicicletário/paraciclo, bebedouro, pia, mesa de jogos, playground, quadra de esportes e/ou pista de skate), a presença de água, os materiais utilizados na pavimentação e os tipos de vegetação (árvores, palmeiras, arbustos, trepadeiras e forrações).

No item sol, vento, luz e som, foi observado a atuação destes elementos climáticos em espaços específicos e em diversos horários do dia e em diferentes estações do ano. Há uma descrição espacial destes espaços e a relação da atuação do sol, vento, luz e som, como horas de sombreamento, áreas protegidas ou não do vento, áreas mais ou menos iluminadas, áreas com maior ruído e, além disso, a percepção que estes elementos proporcionam no espaço.

Tratamento dos dados

Depois de aplicar o roteiro para recolhimento das informações necessárias, os dados foram sistematizados e produzidas as fichas físico-ambientais das praças em estudo, montadas a partir do quadro elaborado por Romero (2001, p.158) “Quadro XVII: Ficha bioclimática do espaço público”.

Estas fichas, nomeadas de “Ficha Físico-Ambiental”, são produzidas com os dados coletados em cada uma das praças públicas em estudo e serviram para sobrepor com as informações coletadas no método observações do comportamento dos usuários e entrevistas. Os critérios analisados nesta ficha (apêndice 2) encontram-se explicitados abaixo:

- a. Nome/endereço: denominação atual, denominação popular e endereço (rua, avenida, bairro, cidade e estado).
- b. Características espaciais do entorno: os acessos (qual influência que a localização dos acessos interfere na atuação do sol, vento e som), continuidade da massa e condução dos ventos.
- c. Características espaciais da base: área, tipos de pavimento, tipos de vegetação (área de cobertura no solo e das copas), presença de água (natural – rios, lagoas e fontes – e artificial – chafariz, espelho d’água e fonte) e mobiliário urbano.
- d. Características espaciais da fronteira: descrição da continuidade ou não da superfície (em todos os lados da praça), tipologia arquitetônica dos edifícios, presença de aberturas (portas, janelas, panos de vidro), detalhes arquitetônicos (detalhes e comunicação visual), número de lados, altura e área total da superfície.
- e. Características ambientais do entorno: análises quanto às cores (descrição da sensação que as cores do ambiente provoca), quanto ao som (ressonância do recinto e sombra acústica) e quanto ao clima (tipo de radiação solar, umidade relativa, temperatura do ar e velocidade do vento).
- f. Características ambientais da base: análises quanto ao clima (temperaturas superficiais apresentadas e albedo), quanto ao som (descrição do ambiente sonoro), quanto à cor (variação sazonal, conjunto de cores e tonalidade) e quanto à luz (presença de manchas de luz e estética da luz).

- g. Características ambientais da fronteira: análises quanto à luz (luminância), quanto ao clima (capacidade de absorção e reflexão), quanto à cor (matizes e claridade), quanto ao som (personalidade acústica) e qualidade superficial dos materiais.

4.2.2.2 Observação do comportamento dos usuários

O comportamento é profundamente influenciado pelo ambiente físico, sendo assim, torna-se necessário “um conhecimento deste processo de condicionamento, para compreender mais completamente porque o homem se comporta desta ou daquela maneira e para melhor se esboçar o ambiente com o qual o homem entra em relacionamento” (HEIMSTRA; MCFARLING, 1978, p. XI).

O estudo da comunicação não-verbal dos indivíduos serve para identificar os estímulos do ambiente e as respostas do ser humano a ele, sendo os aspectos sócio-culturais determinantes. Segundo Rapoport (1982 apud ORNSTEIN, 1992), o processo de comunicação apresenta apenas 30 a 35% do seu significado social ocorrido por sistemas verbais, por isso, a necessidade de análise através da comunicação não-verbal, representada por expressões faciais, posturas do corpo, tato, sons, gestos, arranjos espaciais e ritmos temporais, para a abordagem das relações interpessoais no ambiente.

Ir a campo e ver como as pessoas estão usando as instalações e o que pensam delas dá um bom conjunto de soluções de projetos individuais. Se existe grande coerência na maneira das pessoas reagirem a alguns aspectos dos projetos ou a algum elemento arquitetônico mais amplo, é possível certa generalização (SOMMER, 1973).

Ainda, a observação é um método que consiste de uma avaliação visual do ambiente e como funciona um dado espaço aberto. Segundo Coradini (1995, p.11), “o espaço adquire vários significados, conforme indivíduos e grupos, tipos de apropriação e tempo, constituindo-se em um campo privilegiado de estudos de representações sociais e, portanto, de análise antropológica”.

Além disso, os aspectos comportamentais são ligados a padrões de comportamento de ordem sócio-cultural e psicológica que indicam os ajustes e desajustes do ambiente e sua relação com as pessoas, portanto, também relacionados com a apropriação dos lugares (CUNHA, 2002). A observação sobre as praças e sobre como nelas se situam as pessoas que as utilizam permite se aprender como são usadas atualmente, em vez de pensar simplesmente como é usada.

Outro ponto a ser observado são as funções referentes ao conjunto de atividades que suportam e a capacidade de congregação de usuários, de acordo com as suas características. Ao classificar as funções

das praças públicas estudadas, foram observadas aquelas que mais chamam a atenção pela observação direta, destacando-se as principais e as secundárias.

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

Nessa etapa foram caracterizados os pontos de amostra com seus períodos, identificação e caracterização dos grupos. Para a realização deste método, que visou identificar o comportamento e o envolvimento dos usuários nas praças, contou-se com visitas sistematizadas de duas em duas horas das 8hs às 18hs em dias de semana, sábados e domingos.

Os dados foram levantados em cima de uma planta baixa atualizada das praças analisadas e complementados com registros fotográficos do comportamento dos usuários. Esses registros serviram para ilustrar o comportamento dos usuários e possibilitar a análise posterior de detalhes não captados de imediato (CUNHA, 2002).

Assim, o método serviu para observar o comportamento e a utilização do mobiliário urbano e/ou equipamentos assim como dados quantitativos dos usuários que permanecem ou somente circulam pelas praças públicas em estudo. Algumas considerações com relação à aplicação deste método:

- a. Por motivos de conforto não foram considerados dias em que a temperatura fosse inferior a 10°C ou superior a 30°C, nem dias chuvosos;
3. Visando obter dados a respeito da utilização cotidiana das praças não foram considerados dias especiais como feriados.

Tratamento dos dados

Após a coleta de dados, realizada de acordo com os procedimentos indicados anteriormente, estes foram elaborados e classificados de forma sistemática. A tabulação deste método consistiu em programar uma representação gráfica adequada para registrar os comportamentos observados.

A tabulação dos dados foi realizada primeiramente através dos mapas comportamentais onde o comportamento dos usuários que foi observado é registrado em uma planta atualizada dos espaços. Foram anotados tempo de ocupação, envolvimento no espaço e variedade de comportamentos possíveis, além de classificar as formas de interação do indivíduo com o espaço: passivo isolado, isolado ativo ou social.

Com essas informações coletadas, pôde-se observar os horários mais utilizados da praça e os aspectos mais relevantes do comportamento dos usuários. Os dados foram divididos em categorias

para serem analisados e apresentados em termos quantitativos, baseados na frequência e quantidade de uso dos aspectos observados.

Posteriormente ao “Mapa comportamental dos usuários”, cada praça teve seus dados considerados mais relevantes, sistematizados na “Ficha do usuário” (apêndice 3) juntamente com as informações coletadas nas entrevistas e nos jogos aplicados com os usuários de cada praça. Essa ficha foi adaptada de acordo com a configuração e atividades consideradas necessárias para o entendimento do fenômeno da apropriação e/ou desapropriação das praças. A tabulação dispôs os dados na ficha, facilitando a verificação das inter-relações entre eles.

4.2.3 Entrevista

As entrevistas complementam o método das observações e são praticamente o traço de união entre os registros e documentos oficiais e a versão da população usuária sobre as condições do ambiente analisado (ORNSTEIN, 1992).

A intenção deste método é questionar os usuários e os não-usuários quanto à utilização das praças públicas em estudo. Para isto, buscam-se informações quanto às sensações e às expectativas que têm em relação aos espaços.

As entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria trata de questões humanas (YIN, 2001). Além disso, as entrevistas são semi-estruturadas assumindo o caráter de uma curta conversa informal seguindo um roteiro prévio das questões que se deseja descobrir.

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

O objetivo principal deste método foi compreender, a partir dos depoimentos e experiências pessoais dos usuários, por que utilizam ou não utilizam as praças públicas. Para tanto, foram verificadas com os usuários e os não usuários a frequência e o porquê da utilização ou não da praça; qual o espaço mais utilizado dentro dela e por que; o que acham ruim e o que acham bom na praça; a descrição das sensações sentidas nela e; finalmente, quais sugestões do que poderia ser melhorado.

Tratou-se de uma entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas, ou seja, com um roteiro de perguntas pré-estabelecido que podia ser modificado conforme o andamento da entrevista. Além disso, as perguntas foram feitas de maneira simples e direta não tomando muito tempo dos entrevistados.

Inicialmente foram elaboradas as perguntas principais, pré-estabelecidas, que foram utilizadas durante o experimento e apresentadas a seguir. Perguntas realizadas com os usuários:

- a. Qual a frequência de uso?
- b. Por que utiliza a praça?
- c. Qual espaço que mais utiliza na praça? E por que?
- d. O que é ruim na praça?
- e. O que é bom na praça?
- f. Quais as sensações que a praça lhe passa (calor, frieza, alegria, tristeza, entre outras)?
- g. O que poderia ser melhorado?

E com os não-usuários foram feitas as seguintes perguntas:

- a. Por que não utiliza a praça?
- b. Quais sensações que a praça lhe passa para que não a use?
- c. O que poderia ser melhorado para que usasse a praça?

Nas perguntas com os usuários, a intenção da pergunta (a) era saber qual a intensidade de uso das praças. Na pergunta (b) a intenção foi descobrir os motivos da utilização das praças, ressaltando assim, seus pontos positivos. O objetivo da questão (d) foi descobrir o que está ruim ou o que falta na praça, e na pergunta (e) o que está bom. Na questão (f) o usuário deve identificar as sensações que a praça lhe passa, como calor, frieza, tristeza, alegria, paz, entre outras que ele possa identificar. E, na última questão, a (g), pretendeu-se descobrir quais as melhorias que poderiam ser realizadas na praça.

Nas perguntas com os não-usuários (do comércio e residências do entorno imediato), a intenção da pergunta (a) foi saber por que o entrevistado não utiliza a praça. A pergunta (b) teve objetivo de descobrir as sensações ruins que a praça lhe passa para que não a use. E, na última questão, a (c), pretendeu-se descobrir quais as melhorias que poderiam ser realizadas na praça para que o entrevistado passasse a usá-la.

Para finalizar, algumas considerações com relação à aplicação deste método:

- a. Universo – usuários das praças selecionadas e não-usuários que residam ou trabalhem no entorno imediato desses espaços;
- b. Amostra – como a abordagem é qualitativa, foi uma amostra não representativa, sendo 10 (dez) entrevistas com usuários presentes em cada praça e 10 (dez) entrevistas com funcionários do comércio e/ou moradores no entorno, totalizando 120 (cento e vinte) entrevistas ao todo nas seis praças analisadas.

Tratamento dos dados

Após a realização do experimento, foi realizada uma análise geral, interpretação e aglutinação dos dados na “Ficha do usuário” apresentada no apêndice 3. Há uma generalização das respostas na tabulação dos dados, apresentando somente as respostas mais colocadas pelos usuários e pelos não-usuários das praças públicas.

4.2.4 Jogo

Este método, elaborado pela autora, permitiu que os pesquisadores de Estudo de Caso fossem capazes de captar uma perspectiva mais ampla em relação às possíveis expectativas que os usuários apresentam com relação às praças públicas analisadas.

Consistiu em colocar aos usuários uma gama diversificada dos aspectos envolvidos nas praças públicas (atividades, pavimentação, vegetação, água, mobiliário de estar e apoio, mobiliário/equipamento de lazer, equipamento e arte urbana) através de cartelas com fotografias de diversos lugares separadas pelos temas e os usuários deveriam classificá-los de acordo com ordem de preferência.

Tal jogo permitiu um melhor entendimento das atitudes e valores dos usuários das praças públicas, detendo o usuário em imagens daquilo que gostaria de encontrar junto à praça. Essas imagens são signos que representam um conjunto de características concentrando, adensando e apenas sugerindo a situação ideal para cada usuário. Segundo Del Rio (1999, p.3), “esses mecanismos cognitivos incluem motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas”.

Elaboração do experimento e caracterização da amostra

Para a aplicação deste método foram selecionadas através de bibliografia especializada imagens de praças públicas que pudessem caracterizar os diferentes aspectos que se buscou classificar nesta

pesquisa. As imagens foram separadas por temas para facilitar a classificação na hora da aplicação do experimento: atividades, pavimentação, vegetação, água, mobiliário de estar, mobiliário de apoio, mobiliário/equipamento de lazer, equipamento e arte urbana.

O método foi aplicado aos usuários e aos não-usuários selecionados para as entrevistas (no total de 20 para cada praça), sendo realizado logo após a aplicação das entrevistas. O usuário teve que primeiramente classificar a situação que mais lhe agrada ou considerava importante dentro de cada tema e posteriormente dentre as 9 (nove) opções que escolheu devia selecionar quais eram os 3 (três) aspectos considerados mais relevantes para uma praça pública central.

A seguir, são apresentados os temas com suas respectivas imagens e explicações dadas aos usuários que participaram do experimento (ver as figuras de 40 a 48).



Figura 40: Cartela do jogo – tema atividade (conversar, passear, jogar/brincar e namorar).
Fonte: Autora, 2007



Figura 41: Cartela do jogo – tema pavimentação (informativa, geométrica, diversificada e pureza das linhas).
Fonte: Autora, 2007.

VEGETAÇÃO				
	DENSA	MESCLADA	GRAMADA	RAREFEITA
	<u>NO VERSO</u> PLACE DE LA BOURSE (LYON, FRANÇA) FOTO: GEHL, GEMZOE, 2001	<u>NO VERSO</u> VILLAGE OF YORKVILLE PARK (TORONTO, CANADÁ) FOTO: GEHL, GEMZOE, 2001	<u>NO VERSO</u> PLACE BERRI (QUEBEC, CANADÁ) FOTO: GEHL, GEMZOE, 2001	<u>NO VERSO</u> WELCOME PARK (FILADÉLFIA, EUA) FOTO: GEHL, GEMZOE, 2001
	DENSA: O ELEMENTO PRINCIPAL É VEGETAÇÃO	MESCLADA: COMBINAÇÃO DE DIFERENTES TIPOS DE VEGETAÇÃO E PAVIMENTOS	GRAMADA: CAMPOS SEM PAVIMENTAÇÃO	RAREFEITA: SUPERFÍCIE PAVIMENTADO E COM POUCA VEGETAÇÃO EM CANTEIROS

Figura 42: Cartela do jogo – tema vegetação (densa, mesclada, gramada e rarefeita).
Fonte: Autora, 2007.

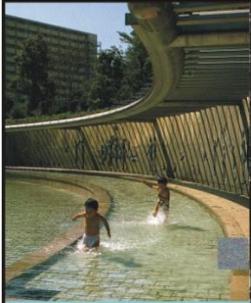
ÁGUA				
	INTERAÇÃO	CONTEMPLAÇÃO	ESPELHO D'ÁGUA	TRADIÇÃO
	<u>NO VERSO</u> RAINBOW SQUARE (TOKYO, JAPÃO) FOTO: MASUDA, 2001	<u>NO VERSO</u> HAMAOTSU WEST (SHIGA, JAPÃO) FOTO: MASUDA, 2001	<u>NO VERSO</u> CENTRAL SQUARE GARDEN (YAMANASHI, JAPÃO) FOTO: MASUDA, 2001	<u>NO VERSO</u> PRAÇA ARI COELHO (CAMPO GRANDE, MS, BRASIL) FOTO: ROBBA; MACEDO, 2002
	INTERAÇÃO: A ÁGUA PODENDO SER UTILIZADA COMO FORMA DE LAZER	CONTEMPLAÇÃO: FONTE ORNAMENTAL	ESPELHO D'ÁGUA: ÁGUA COMO ELEMENTO NO PISO	TRADIÇÃO: FONTES TRADICIONAIS COMO OS CHAFARIZES

Figura 43: Cartela do jogo – tema água (interação, contemplação, espelho d'água e tradição).
Fonte: Autora, 2007.

MOBILIÁRIO ESTAR				
	INFORMAL	PROTEGIDO	CONFORTO	DESCONTRAÍDO
	<u>NO VERSO</u> OLE BULS PLASS (BERGEN, NORUEGA) FOTO: GEHL, GEMZOE, 2001	<u>NO VERSO</u> PASSEIO MANSKI (KOULOVA, FINLÂNDIA) FOTO: GEHL, GEMZOE, 2001	<u>NO VERSO</u> SCHOUWBURGPLEIN (ROTerdÁ, HOLANDA) FOTO: GEHL, GEMZOE, 2001	<u>NO VERSO</u> BENCH (TOKIO, JAPÃO) FOTO: MASUDA, 2001
	INFORMAL: OS BANCOS PODEM SER OUTROS ELEMENTOS ADAPTADOS PARA TAL USO	PROTEGIDA: BANCO COM COBERTURA	CONFORTO: O CONFORTO É A CARACTERÍSTICA PRINCIPAL	DESCONTRAÍDO: FORMA LÚDICA NO MOBILIÁRIO

Figura 44: Cartela do jogo – tema mobiliário de estar (informal, protegido, confortável, descontraído). Fonte: Autora, 2007.



Figura 45: Cartela do jogo – tema mobiliário de apoio (bicicletário/paraciclo, banheiro, bebedouro, informações/telefone). Fonte: Autora, 2007.



Figura 46: Cartela do jogo – tema mobiliário/equipamento de lazer (mesa de jogos, playground, pista de skate e quadra de esportes). Fonte: Autora, 2007.



Figura 47: Cartela do jogo – tema equipamento (café/bar/lanchonete, comércio de pequeno porte, feiras e ponto de ônibus). Fonte: Autora, 2007.



Figura 48: Cartela do jogo – tema arte urbana (apresentações, escultura moderna, escultura clássica e interativa). Fonte: Autora, 2007.

Tratamento dos dados

Após a coleta de dados, através do método observação do comportamento dos usuários, entrevista e jogo, os dados foram sistematizados e foi produzida a “Ficha do Usuário”. Estas fichas foram produzidas com o material coletado em cada uma das praças públicas em estudo. Os dados analisados nesta ficha (apêndice 3) encontram-se explicitados a seguir:

- a. Uso (relativo aos usuários): são apresentados dois gráficos elaborados a partir do mapa comportamental, destacando as duas principais características e/ou vocações de cada praça analisada.
- b. Questionamentos (relativos aos usuários e aos não usuários): são apresentadas as perguntas realizadas no método entrevistas aos usuários e aos não usuários a resposta mais encontrada em cada uma delas além da, a ilustração com fotografia que auxilia a visualização da resposta.
- c. Expectativa/preferências (relativos aos usuários e aos não-usuários): são apresentados os resultados obtidos através do método jogo. Os aspectos apresentados na ficha foram os mais foram escolhidos dentro de cada tema pelos usuários e não-usuários e os três primeiros foram os aspectos mais importantes classificados por eles.
- d. Observações: explicação dos aspectos da ficha e qual método foi utilizado para obtenção de cada resultado apresentado.

Essa sistematização dos dados coletados não visou à construção de modelos, teve apenas a preocupação em não fragmentar a realidade investigativa, além da proposta de sistematização através das fichas facilitar o entendimento do fenômeno numa concepção mais geral.



capítulo 5

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são apresentados os resultados dos métodos utilizados para na pesquisa de campo conforme explicado no capítulo 04 – Procedimentos de pesquisa. Para cada método, há uma descrição dos resultados obtidos e uma posterior comparação e análise. Para finalizar este capítulo apresenta-se uma discussão dos resultados dos métodos utilizados (item 5.6), que procura enfatizar os aspectos positivos e negativos que influenciam na apropriação das praças públicas centrais.

5.1 Resultado da análise documental

A análise documental realizada nas praças públicas centrais em estudo teve como objetivo explicitar as características físicas e históricas de cada uma delas, assim como fornecer uma base para a aplicação dos demais métodos. A seguir, as principais características apontadas em cada uma das praças e posteriormente a apresentação das fichas documentais com os dados de cada praça sistematizados para melhor compreensão.

A Praça do Centenário (figura 49) destaca-se pela sua posição estratégica, de um lado a presença das edificações comerciais mais tradicionais e antigas do Centro e de outro, o Rio Tubarão, além de situar-se na cabeceira da principal ponte de ligação entre a margem esquerda e a margem direita da cidade. Esse fato faz com que a Praça do Centenário se torne uma das mais populares da região central, mesmo apresentando pequena dimensão e precariedade com relação ao mobiliário e aos equipamentos. A história da praça baseia-se na sua criação para comemorar festejos alusivos ao centenário de Tubarão, sendo melhorada aos poucos. Além disso, conta com um equipamento simbólico para os moradores que é o chafariz, atualmente desativado e que lhe confere o seu nome popular “Praça do Chafariz”. Outro fato que conta bastante para sua apropriação é a presença de uma lanchonete localizada na fronteira da praça.

A Praça Sete de Setembro (figura 50) tem como característica de maior relevância a grande cobertura das copas das árvores ornamentais de médio e grande porte, que além de garantir uma área agradável, com sombra, tem função de se destacar no maciço urbano onde está inserida, basicamente composto por comércios e serviços. Seus elementos como mobiliários, pisos e iluminação estão razoavelmente conservados. A atividade que mais se destaca é a permanência das pessoas que vão ao centro e encontram ali um lugar para pausa. A praça tem como destaque uma figueira plantada no seu centro por causa do centenário da cidade. Além disso, é o local mais tradicional das comemorações de Sete de Setembro.

A Praça Walter Zumblick – parte I (figura 51) destaca-se pela disponibilidade de acesso aos transportes públicos. Outro ponto importante para fortalecer sua identidade funcional é a presença de uma banca

de revista e duas barracas, uma de doces e uma sorveteria. O intenso fluxo dos usuários dá-se pela presença dos pontos de ônibus e dos bancos (instituições financeiras) que se encontram no seu entorno imediato. O mobiliário se encontra em razoável estado de conservação e os pisos de petit-pavet apresentam algumas irregularidades. A presença da vegetação é marcante visualmente pelo porte e pela diversidade. A praça inicialmente era mais extensa e incorporava também a parte II que veremos a seguir, sendo dividida em 1999 devido às alterações no sistema viário da cidade.

A Praça Walter Zumblick – parte II (figura 52) destaca-se pela grande quantidade de espaços livres específicos e a presença do Centro Cultural Willy Zumblick, além da pista de skate, único espaço público de lazer para os jovens no centro da cidade. Esta praça destina-se predominantemente à prática esportiva e atividades culturais. A vegetação é escassa na maior parte da praça, com exceção da face nordeste onde as copas representam um intenso maciço verde. Além disso, é carente no que diz respeito aos arranjos espaciais das áreas de estar, pois os bancos foram implantados isoladamente ao longo das circulações, não estimulando a comunicação e permanência dos usuários. A falta de visibilidade entre diversos pontos da praça estimula, muitas vezes, o vandalismo evidenciado na deterioração de alguns elementos, além do descaso da gestão municipal na manutenção da praça.

A Praça Padre Roher (figura 53), em Braço do Norte, conta com três tipos de espaços específicos: as áreas de estar com bancos e caramanchões, a área de lazer infantil e a área da Igreja Matriz que permite estacionamento de veículos nos horários de missa. Seus elementos estão em bom estado de conservação e apresentam diversos arranjos espaciais através dos canteiros com flores, gramíneas e arbustos, além de boa visibilidade entre as distintas áreas. Foram identificadas cinco atividades que funcionam na praça: circulação, permanência, lazer, esportes e cultura, passeios e visitação. Como aspecto negativo, constatou-se, principalmente, a ausência de encostos nos bancos, que prejudicam a postura dos usuários.

A Praça Vidal Ramos (figura 54) apresenta dois espaços específicos: as áreas de caminhada com bancos ao longo delas e a área central com o chafariz, atualmente desativado. Periodicamente, a praça abriga festas e feiras tradicionais do município atraindo grande diversidade de usuários. Os elementos de iluminação, bancos e pisos apresentam mau estado de conservação. A principal característica da praça é a histórica, com o espaço já reservado em 1696 e recebendo suas primeiras obras em 1903. A memória dos usuários com relação à praça é o principal motivo para sua apropriação, além disso, conta com a Igreja Matriz no seu entorno imediato.

1 FICHA DOCUMENTAL

PRAÇA CENTENÁRIO . TUBARÃO / SC

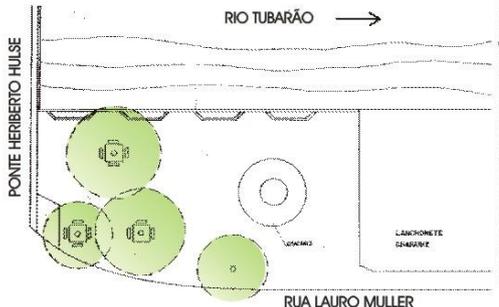
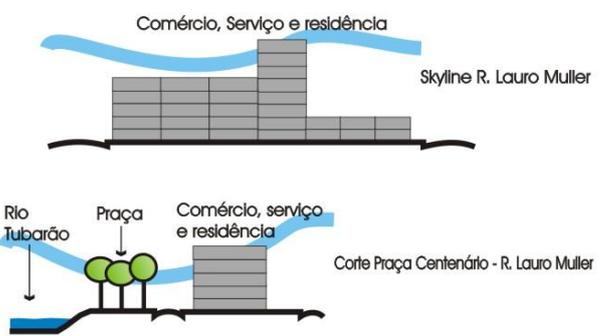
Nome: Praça Centenário (Praça do Chafariz)	Ficha nº: 01
Endereço: Rua Lauro Muller - Centro - Tubarão / SC	
Funções: ● circulação ● permanência ○ lazer ○ esporte e cultura ○ passeios e visitação ○ área de preservação ambiental	Histórico: inaugurada em 1936 quando promoveram festejos alusivos ao centenário de Tubarão. A praça foi realizada sem um projeto e sendo melhorada aos poucos
Vocação do local: passagem e descanso	Projeto (Reforma 1990) - s/esc.
Dimensões: 75x32m	
Traçado: retangular	Fotos antigas:
Infra-estrutura: possui iluminação, acesso deficientes e pavimentação com lajotas de concreto	
Mobiliário/equipamentos: luminárias (ferro com 2 unidade) = 4 luminárias (ferro com 1 unidade) = 5 bancos com encosto (ferro e madeira) = 6 lixeira plástica = 3 banca de revista = 1 telefone público = 1	Praça atual:
Pavimentação: cobre 90% da área	
Cobertura vegetal: cobre 10% da área	Fotos atuais:
Composição vegetal: palmeiras de pequeno porte e árvores ornamentais de grande porte	
Legislação: Pelo Plano Diretor de Tubarão (1992) a Praça Centenário encontra-se na Zona Comercial 1 onde estimula-se a variedade de serviços, comércio e encontros sociais	
Entorno imediato: serviços, comércio e residências e fluxo alto de veículos particulares e pedestres	
	
Estado de conservação do mobiliário: ○ bom ● razoável ○ ruim	
Arte urbana: um músico se apresenta na praça diariamente	
Festas e tradições: decoração natalina	

Figura 49: Ficha documental da Praça do Centenário, em Tubarão – SC. Fonte: Autora, 2007.

1 FICHA DOCUMENTAL

PRACA SETE DE SETEMBRO . TUBARÃO / SC

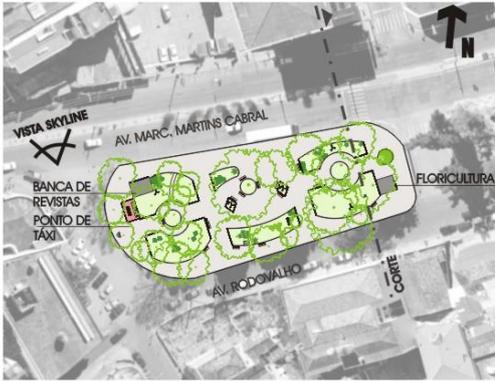
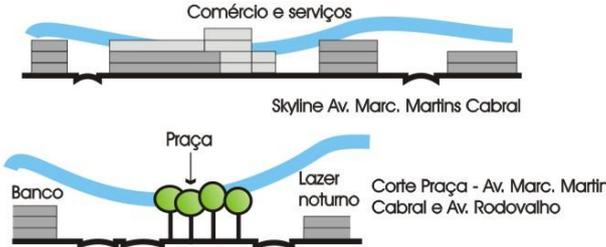
Nome: Praça Sete de Setembro	Ficha nº: 02
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC	
Funções: O circulação ● permanência O lazer O esporte e cultura ● passeios e visitação O área de preservação ambiental	Histórico: em 1916 iniciou-se a construção de um jardim todo murado, chamado "15 de Novembro", atual Praça Sete de Setembro. Na década de 1950, esse Jardim teve novo aspecto, onde foram colocados novos bancos e no centro uma grande figueira por causa do centenário do município (VETTORETTI, 1992).
Vocação do local: descanso e encontro	Projeto Original: não encontrado
Dimensões: 68x25m	Fotos antigas:
Traçado: retangular irregular	
Infra-estrutura: possui iluminação, acesso de deficientes e pavimentação com lajotas de concreto	Prça atual:
Mobiliário/equipamentos: luminárias (ferro com 3 unidades) = 05 banco com encosto (ferro e madeira) = 01 bancos com encosto (concreto) = 16 lixeira plástica = 01 paraciclo = 04 vagas telefone público = 01 banca de revista = 01 floricultura = 01	
Pavimentação: cobre 75% da área	Fotos atuais:
Cobertura vegetal: cobre 25% da área	
Composição vegetal: arbustos e árvores ornamentais de médio e grande porte	
Legislação: Pelo Plano Diretor de Tubarão (1992), a Praça Sete de Setembro encontra-se na Zona Comercial 1 onde estimula-se a variedade de serviços, comércio e encontros sociais	
Entorno imediato: misto (serviços/comércio com residências) e edifícios institucionais, além de alto fluxo de veículos particulares	
	
Estado de conservação do mobiliário: O bom ● razoável O ruim	
Arte urbana: apresentação de músico às vezes e escultura	
Festas e tradições: decoração natalina e comemoração de 7 de Setembro	

Figura 50: Ficha documental da Praça Sete de Setembro, em Tubarão-SC. Fonte: Autora, 2007.

1 FICHA DOCUMENTAL

PRAÇA WALTER ZUMBLICK I. TUBARÃO / SC

Nome: Praça Walter Zumblick (Parte I)		Ficha nº: 03
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC		
Funções: ● circulação ● permanência ○ lazer ○ esporte e cultura ● passeios e visitação ○ área de preservação ambiental		Histórico: Era uma grande praça linear com destaque para o playground e em 1999 foi aberta uma rua dividindo a praça. Essa parte, denominada com a Praça Walter Zumblick (parte I), tornou-se mais funcional e ativa que a parte II, onde situa-se o Centro de Cultura, pela maior proximidade com edifícios comerciais e serviços do centro da cidade.
Vocação do local: funcionalidade (transporte coletivo)		
Dimensões: 100x25m		
Traçado: retangular irregular		
Infra-estrutura: possui iluminação, acesso de deficientes e pavimentação com lajotas de concreto e peff-pavet		
Mobiliário/equipamentos: luminárias (ferro com 2 unidades) = 08 luminárias refletores = 12 banco com encosto (concreto) = 09 floreira com bancos = 01 lixeira plástica = 02 para-ciclo = 15 vagas telefone público = 02 banca de revista = 01 lanchonete/sorveteria = 02 ponto de ônibus = 03		Projeto Original: não encontrado Fotos antigas:
Pavimentação: cobre 62% da área		Praça atual:
Cobertura vegetal: cobre 38% da área		
Composição vegetal: arbustos, árvores ornamentais de médio e grande porte e forração		
Legislação: Pelo Plano Diretor de Tubarão (1992), a Praça Walter Zumblick encontra-se na Zona Comercial 1 onde estimula-se a variedade de serviços, comércio e encontros sociais		
Entorno imediato: serviços, comércio e residência com alto fluxo de pedestres, veículos particulares e transporte coletivo		
Estado de conservação do mobiliário: ○ bom ● razoável ○ ruim		Fotos atuais:
Arte urbana: esculturas e marcos		
Festas e tradições: decoração natalina		

Figura 51: Ficha documental da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão-SC. Fonte: Autora, 2007.

1 FICHA DOCUMENTAL

PRAÇA WALTER ZUMBICK II. TUBARÃO / SC

Nome: Praça Walter Zumblick (Parte II)	Ficha nº: 04
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC	
Funções: O circulação O permanência O lazer ● esporte e cultura O passeios e visitação O área de preservação ambiental	Histórico: Era uma grande praça linear com destaque para o playground que ali existia e em 1999 foi aberta uma rua dividindo a praça. Em 2000, inaugurou-se o Centro Municipal de Cultura eliminando boa parte do espaço livre da praça.
Vocação do local: cultural e esportiva	Projeto Original: não encontrado
Dimensões: 184x39m	Fotos antigas:
Traçado: trapézio irregular	<p>LOCAL DA ATUAL PRAÇA WALTER ZUMBICK (1933)</p>  <p>FONTE: ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL</p>
Infra-estrutura: possui iluminação, acesso de deficientes e pavimentação com concreto e petit-pavet	Praça atual:
Mobiliário/equipamentos: luminárias (ferro com 3 unidades) = 04 luminárias (ferro com 1 unidade) = 02 poste com holofote = 01 banco com encosto (concreto) = 05 lixeira plástica = 05 telefone público = 01 lanchonete/sorveteria = 01 ponto de ônibus = 04 pista de skate = 01 equipamento cultural = 01	 <p>FONTE: AUTORA, 2007. IMAGEM AÉREA. PNM</p>
Pavimentação: cobre 44% da área	Fotos atuais:
Cobertura vegetal: cobre 47% da área	 <p>FONTE: AUTORA, 2007.</p>
Construção: cobre 9% da área	
Composição vegetal: arbustos, árvores ornamentais de médio e grande porte e forração	
Legislação: Pelo Plano Diretor de Tubarão (1992), a Praça Walter Zumblick encontra-se na Zona Comercial 1 onde estimula-se a variedade de serviços, comércio e encontros sociais	
Entorno imediato: residências, serviços e comércio com alto fluxo de veículos particulares e transporte coletivo	
	
Estado de conservação do mobiliário: O bom ● razoável O ruim	
Arte urbana: esculturas e marcos	
Festas e tradições: shows e eventos em ocasiões especiais	

Figura 52: Ficha documental da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão-SC. Fonte: Autora, 2007.

1 FICHA DOCUMENTAL

PRAÇA PE. ROHER . BRAÇO DO NORTE / SC

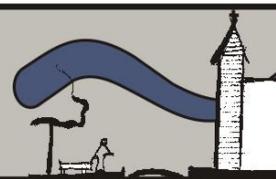
Nome: Praça Padre Roher (Praça da Matriz)	Ficha nº:
Endereço: Av. Felipe Schmidt - Braço do Norte / SC	05
Funções: ● circulação ● permanência ● lazer ● esporte e cultura ● passeios e visitação ○ área de preservação ambiental	Histórico: o espaço para a praça foi reservado em 1879, sendo as obras realizadas depois da construção da atual igreja em 1931. A igreja localiza-se no centro da praça, característica presente também em algumas localidades da Alemanha - país de origem dos colonos de Braço do Norte (DALL'ALBA, 1973).
Vocação do local: cultural (religiosidade) e lazer	Projeto Original: não encontrado
Dimensões: 101x135m	Fotos antigas:
Traçado: retangular	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div data-bbox="895 808 1145 1016"> <p>PRAÇA PADRE ROHER (1970)</p>  </div> <div data-bbox="1150 808 1402 1016"> <p>FESTA DA JUSTIÇA NA PRAÇA (1960)</p>  </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div data-bbox="895 1032 1145 1205">  </div> <div data-bbox="1150 1032 1402 1205"> <p>DESFILE DE CARNAVAL PELA PRAÇA (SEM DATA)</p> </div> </div>
Infra-estrutura: possui iluminação, acesso de deficientes e pavimentação com lajotas de concreto	Praça atual:
Mobiliário/equipamentos: luminárias (ferro com 3 unidades) = 33 poste com holofote = 03 banco sem encosto (concreto c/ cerâmica e madeira) = 49 floreira com banco = 03 caramanchão em alvenaria = 04 pia = 02 lixeira metálica = 13 lanchonete/sorveteria (móvel) = 01 play ground = 01 equipamento cultural (Igreja matriz) = 01 banheiro = 01 feminino e 01 masculino palco para apresentações = 01	
Pavimentação: cobre 64% da área	Fotos atuais: 
Cobertura vegetal: cobre 27% da área	Estado de conservação do mobiliário:
Construção: cobre 9% da área	● bom ○ razoável ○ ruim
Composição vegetal: arbustos, árvores ornamentais de médio e grande porte, flores e forração	Arte urbana: esculturas e marcos
Legislação: Pelo Plano Diretor de Braço do Norte (2007), a Praça Padre Roher encontra-se na Zona Urbana Mista Central onde estimula-se manter o caráter misto de usos, preservando a integração entre as funções de comércio, moradia, serviços e institucionais.	Festas e tradições: festas religiosas
Entorno imediato: residências, serviços e comércio com alto fluxo de pedestres e veículos particulares	
	

Figura 53: Ficha documental da Praça Padre Roher, em Braço do Norte-SC. Fonte: Autora, 2007.

1

FICHA DOCUMENTAL

PRAÇA VIDAL RAMOS . LAGUNA / SC



Nome: Praça Vidal Ramos (Praça da Matriz) Endereço: Rua Santo Antônio - Laguna / SC	Ficha nº: 06
Funções: ● circulação ● permanência ● lazer O esporte e cultura ● passeios e visitação O área de preservação ambiental	Histórico: O espaço foi reservado em 1696 e recebeu suas primeiras obras em 1903 com a delimitação das ruas e o cercamento da praça para passeios, encontros e footings. Nessa época tornou-se o espaço mais requintado do Centro: local do lazer, das festas e do convívio social. Em 1913, recebe nova urbanização quando foram plantadas mudas de palmeiras imperiais vindas do Rio de Janeiro, a praça ficou cercada até 1930 (LUCENA, 1998).
Vocação do local: cultural (histórica) e encontros	Projeto Original: não encontrado
Dimensões: 53-70x66m	Fotos antigas:
Traçado: trapézio	<p>PRAÇA DA MATRIZ (1930) PRAÇA DA MATRIZ (1901)</p> <p>PRAÇA DA MATRIZ (1920) PRAÇA DA MATRIZ (1920)</p>
Infra-estrutura: possui iluminação e pavimentação com pedras e cascalho - não possui acesso de deficientes	Praça atual:
Mobiliário/equipamentos: luminárias (ferro com 2 unidades) = 29 banco sem encosto (concreto c/ granilha) = 23 banco com encosto (ferro e madeira) = 17 lixeira plástica = 06 telefone público = 02 chafariz = 01	
Pavimentação: cobre 70% da área	Fotos atuais:
Cobertura vegetal: cobre 30% da área	
Composição vegetal: arbustos, árvores ornamentais de médio e grande porte, palmeiras, flores e forração	Estado de conservação do mobiliário: ○ bom ● razoável ○ ruim
Legislação: A Praça Vidal Ramos encontra-se preservada pelo Tombamento Federal por conjunto realizado pelo IPHAN em 1985. Faz parte do conjunto que historicamente acolhe o centro cívico, comercial e religioso, abrigando os espaços e as edificações simbólicas da urbe.	Arte urbana: esculturas e marcos
Entorno imediato: residências, serviços e edifícios institucionais	Festas e tradições: festas religiosas, feiras, apresentações artísticas, semana cultural e carnaval
<p>Residência e serviços</p> <p>Skyline Rua XV de Novembro</p> <p>Institucional Praça Residência</p> <p>Corte Praça - Rua Santo Antônio (Igreja Matriz) e Rua Duque de Caxias</p>	

Figura 54: Ficha documental da Praça Vidal Ramos, em Laguna-SC. Fonte: Autora, 2007.

5.2 Resultado da observação do desempenho físico-ambiental

Este método serviu para avaliar o desempenho físico e ambiental das praças públicas selecionadas para estudo. Para esta avaliação descritiva foram necessárias observações no local complementadas com as informações coletadas na análise documental.

Estes dados servem como complementares para cruzar com as informações buscadas junto aos usuários sobre as percepções e expectativas que têm com relação às praças públicas analisadas. Segundo Ornstein (1995), avaliar essas condições de conforto torna-se importante à medida que provocam nos usuários dos espaços, sensações e conseqüentes atitudes positivas ou negativas.

Foram buscados os aspectos espaciais referentes ao entorno, a base e a fronteira de cada praça e o desempenho ambiental (cor, som, clima e luz) produzidos por cada um destes aspectos. A seguir apresentaremos uma descrição dos aspectos mais relevantes e em seguida a classificação e sistematização dos dados através das fichas físico-ambientais de cada praça. A metodologia de análise das fichas é apresentar a informação relativa através de esquemas, fotografias e discursivamente relacionando às três categorias descritivas da praça pública que analisamos: entorno, base e superfície fronteira.

A Praça do Centenário (figura 55) apresenta uma superfície fronteira definida em apenas um dos lados, sendo que esta atua como barreira aos ventos predominantes de verão, tornando-se um ponto negativo. Seu entorno imediato é vedado por edifícios mistos de comércio/serviços e residências, cujos usuários utilizam a praça como local de descanso, especialmente no meio da manhã e da tarde, uma vez que a vegetação da praça oferece diversos matizes de sombra, apresentando-se conveniente em todos os horários do dia e estações do ano. O mobiliário urbano é constituído de bancos de madeira colocados em diversos pontos da praça e de postes de iluminação.

Na Praça Sete de Setembro (figura 56), a arborização adquire um protagonismo incontestável graças à densidade e ao tamanho que alcançam as copas das árvores. Essa cobertura vegetal propicia um microclima suave e estável. Além disso, os materiais que compõem a superfície da praça são absorventes do impacto calorífico e sonoro, apresentando uma personalidade acústica e térmica diferenciada do entorno imediato. Para a noite foram projetados os elementos luminosos que proporcionam uma estética de luz agradável aos sentidos.

Na Praça Walter Zumblick – parte I (figura 57), o entorno condiciona seu espaço, ela não conta apenas com seu espaço próprio, mas também com a arquitetura do entorno que protagoniza o seu espaço e a

sua apropriação. Os materiais constituintes desse entorno apresentam uma alta capacidade de reflexão da radiação solar; o mesmo ocorre com o material articulado de parte da base, o petit-pavet. A porosidade das copas das árvores gera espaços com microclima favorável.

A Praça Walter Zumblick – parte II (figura 58), pelo fato de estar totalmente exposta em um dos seus lados, apresenta grandes superfícies de intercâmbio térmico. Por outro lado, não apresenta uma superfície fronteira definida e as árvores da face nordeste com suas frondosas copas oferecem sombra abundante em todos os períodos do ano. O lado sudoeste está totalmente exposto aos ventos de inverno que vêm em sentido sul, afetando a utilização do público. O entorno não constitui barreira acústica, pois falta continuidade e altura, sendo assim, a praça é exposta aos ruídos em todos os lados.

A Praça Padre Roher (figura 59) apresenta grande sensação de cor e espaços permanentemente iluminados pela luz do Sol, assim como espaços sombreados. A vegetação também proporciona proteção contra os ventos em algumas áreas da praça. O edifício de destaque na praça, a Igreja Matriz, adquire protagonismo à noite graças à iluminação proporcionada pelos focos localizados. Além disso, o albedo³ baixo e condutibilidade alta criam microclima suave e estável graças à ação da pavimentação e da vegetação. Essa vegetação, a sombra e o pavimento articulado adequado fazem da praça na grande maioria de seus espaços um agradável recinto para a permanência.

Na Praça Vidal Ramos (figura 60), a radiação solar incidente atravessa e esquentam a superfície da praça em alguns espaços, especialmente no seu centro. Com a fachada contínua pintada, as superfícies do entorno apresentam um agradável conjunto nas suas cores e nuances. A base do centro, pavimentada com granito na cor preta, apresenta uma alta absorção da radiação solar incidente, assim como nas proximidades das áreas de vegetação da praça: árvores ornamentais de médio e grande porte, além de palmeiras imperiais nos seus cantos. Os espaços encontram-se expostos aos ventos que são conduzidos principalmente através das ruas laterais, tornando-se inconveniente à permanência nos períodos mais frios. Quanto aos ruídos não chegam a interferir os sons próprios da praça, apresentando possibilidade de permanência agradável para os usuários.

³ É a medida da quantidade de radiação solar refletida por um corpo ou uma superfície. É calculado como sendo a razão entre a quantidade de radiação refletida pela quantidade de radiação recebida. Nas praças, além dos fatores atmosféricos, os fatores que podem influenciar o albedo são: tipo de cobertura vegetal e artificial, tipo de solo e quantidade de água retida pelas partículas do solo.

2 FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

PRAÇA CENTENÁRIO . TUBARÃO / SC

Nome: Praça Centenário (Praça do Chafariz)		Ficha nº: 01	
Endereço: Rua Lauro Muller - Centro - Tubarão / SC			
ESPAÇIAIS		AMBIENTAIS	
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL aproximadamente 80% sombreada pela copa das árvores e edifícios do entorno</p> <p>VENTO nordeste de verão encontra barreira nos edifícios e o sul de inverno penetra facilmente na praça</p> <p>SOM totalmente exposta aos ruídos do trânsito da R. Lauro Muller</p>		<p>COR</p> <p>SENSAÇÃO DE COR cores aczentadas sensação de frieza, destaque somente para o laranja da cobertura da lanchonete</p>
	<p>CONTINUIDADE DA MASSA conjunto urbano coeso com alturas variadas</p> <p>CONDUÇÃO DOS VENTOS vento NE barrado pelos edifícios e vento S conduzido pela R. Coronel Collaço</p>		<p>SOM</p> <p>RESSONÂNCIA DO RECINTO inexistente, a fronteira não configura um recinto</p> <p>SOMBRA ACÚSTICA inexistente, não atua como caixa</p>
BASE	<p>ÁREA DA BASE 75x32m = 614,00m²</p>		<p>RADIACÃO</p> <p>DIRETA escassa</p> <p>DIFUSA de maior abundância</p> <p>REFLETIDA inexistente</p>
	<p>MATERIAIS</p> <p>PAVIMENTOS piso de concreto</p> <p>VEGETAÇÃO abundante - canteiros com palmeiras de pequeno porte e árvores ornamentais de grande porte</p> <p>ÁGUA chafariz desativado</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO bancos, lixeiras e telefone público</p>		<p>CLIMA</p> <p>UMIDADE RELATIVA moderada</p> <p>TEMPERATURA DO AR menor que a do entorno amenizada pelas árvores da praça</p> <p>VELOCIDADE DO VENTO baixa</p>
FRONTEIRA	<p>CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE não, apresenta somente de um lado</p> <p>TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA edifício eclético</p> <p>ABERTURAS portas da lanchonete e da lotérica</p> <p>DETALHES ARQUITETÔNICOS comunicação visual despadronizada do comércio / serviço</p> <p>NÚMERO DE LADOS 1 lado</p> <p>ALTURA 9m</p>		<p>SOM</p> <p>TEMPERATURAS SUPERFICIAIS baixa</p> <p>ALBEDO baixo, espaço sombreado e com muita vegetação</p>
	<p>ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE 75m²</p>		<p>COR</p> <p>AMBIENTE SONORO mistura de ruídos com o som do músico que fica na praça, é amenizado mais próximo do rio</p> <p>VARIAÇÃO SAZONAL escassa, o espaço é sombreado o ano todo</p> <p>CONJUNTO DE CORES cores frias</p> <p>TONALIDADE neutra</p> <p>MANCHAS DE LUZ somente numa pequena área próxima ao rio</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ postes insuficientes, lugar escuro</p> <p>LUMINÂNCIA baixa</p> <p>ABSORÇÃO baixa capacidade de absorção</p> <p>REFLEXÃO escassa</p> <p>COR</p> <p>MATIZES neutra, tons aczentados, frios e sujos</p> <p>CLARIDADE escassa</p> <p>SOM</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA invadidas pelo som do entorno</p> <p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS duros e frios com exceção dos bancos com encosto de madeira</p>

Figura 55: Ficha físico-ambiental da Praça do Centenário, em Tubarão-SC (modelo da ficha adaptado de Romero, 2001). Fonte: Autora, 2007.

2 FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

PRAÇA SETE DE SETEMBRO . TUBARÃO / SC

Nome: Praça Sete de Setembro		Ficha nº: 02	
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC			
ESPACIAIS		AMBIENTAIS	
ENTORNO	ACESSOS		COR
	SOM		SOM
	RADIÇÃO		RADIÇÃO
CLIMA	CLIMA	CLIMA	CLIMA
BASE	MATERIAIS		SOM
	CLIMA		CLIMA
	COR		COR
FRONTEIRA	LUZ		LUZ
	CLIMA		CLIMA
	COR		COR
			SOM
			SOM
		(fotos e desenho: autora, 2007)	

Figura 56: Ficha físico-ambiental da Praça Sete de Setembro, em Tubarão-SC (modelo da ficha adaptado de Romero, 2001). Fonte: Autora, 2007.

2 FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

PRAÇA WALTER ZUMBLICK I. TUBARÃO / SC

Nome: Praça Walter Zumblick - Parte I		Ficha nº: 03	
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC			
ESPACIAIS		AMBIENTAIS	
ENTORNO	ACESSOS		COR
	SOM		SOM
BASE	CONTINUIDADE DA MASSA não possui massa contínua e apresenta alturas variadas		CLIMA
	CONDUÇÃO DOS VENTOS vento NE não encontra canal de condução e vento S encontra barreira em um bloco de edifícios		CLIMA
FRONTEIRA	ÁREA DA BASE 100x25m = 2500,00m ²		CLIMA
	MATERIAIS		CLIMA
FRONTEIRA	PAVIMENTOS lajotas de concreto e pett-pavet		COR
	VEGETAÇÃO canteiros com forração e arbustos, árvores de médio e grande porte e três palmeiras		COR
FRONTEIRA	ÁGUA inexistente		LUZ
	MOBILIÁRIO URBANO bancos, lixeiras e telefone público		LUZ
FRONTEIRA	CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE -		CLIMA
	TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA edifícios isolados seguindo o parcelamento urbano.		CLIMA
FRONTEIRA	ABERTURAS aberturas variadas		COR
	DETALHES ARQUITETÔNICOS no térreo, grandes aberturas em vidro		COR
FRONTEIRA	NÚMERO DE LADOS -		SOM
	ALTURA de 1 a 12 pavimentos		SOM
FRONTEIRA	ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE -		SOM
			SOM
		QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS duros e frios	

Figura 57: Ficha físico-ambiental da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão-SC (modelo da ficha adaptado de Romero, 2001). Fonte: Autora, 2007.

2 FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

PRAÇA WALTER ZUMBLICK II . TUBARÃO / SC

Nome: Praça Walter Zumblick - Parte II		Ficha nº: 04	
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC			
ESPACIAIS		AMBIENTAIS	
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL totalmente exposta, as sombras dos edifícios não chegam a cobrir a base</p> <p>VENTO aberta à penetração dos ventos, os ventos de inverno e verão (S e NE, respectivamente) não são barrados pelo entorno</p> <p>SOM exposta aos ruídos do trânsito da Av. Marcolino Martins Cabral e Rua Vidal Ramos</p>		<p>COR</p> <p>SENSAÇÃO DE COR nítida pela luz incidente. Cores quentes que correspondem a processos de atividades</p>
	<p>CONTINUIDADE DA MASSA não existe continuidade</p> <p>CONDUÇÃO DOS VENTOS os ventos não encontram canais de condução nem são barrados</p>		<p>SOM</p> <p>RESSONÂNCIA DO RECINTO inexistente, a fronteira não configura um recinto</p> <p>SOMBRA ACÚSTICA inexistente, espaço aberto</p>
BASE	<p>ÁREA DA BASE 184x39m = 7176,00m²</p>		<p>CLIMA</p> <p>UMIDADE RELATIVA moderada na orientação NE e igual ao entorno no restante</p> <p>TEMPERATURA DO AR menor que a do entorno na orientação NE, amenizada pelas árvores da praça</p> <p>VELOCIDADE DO VENTO acentuada por falta de barreiras</p>
	<p>MATERIAS</p> <p>PAVIMENTOS concreto asfáltico e petit-pavet</p> <p>VEGETAÇÃO abundante na orientação NE - árvores ornamentais de médio e grande porte e na orientação SO predomina a forração</p> <p>ÁGUA -</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO bancos, lixeiras, postes e telefone público</p>		<p>SOM</p> <p>TEMPERATURAS SUPERFICIAIS moderada</p> <p>ALBEDO baixo, na orientação NE (muita vegetação) e alto na orientação SO</p> <p>AMBIENTE SONORO ruidoso, a praça recebe os sons do lugar e seus próprios</p>
FRONTEIRA	<p>CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE não existe superfície</p> <p>TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA edifícios isolados, com predomínio das residências com até 2 pavimentos</p> <p>ABERTURAS variadas</p> <p>DETALHES ARQUITETÔNICOS diversos elementos - muros, estrutura de aberturas leves, fachadas de vidro</p> <p>NÚMERO DE LADOS -</p> <p>ALTURA de 1 a 10 pavimentos</p>		<p>LUZ</p> <p>MANCHAS DE LUZ variada e realçando o centro de cultura e a pista de skate</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ pouco destacada, lugar escuro</p>
	<p>ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE -</p>		<p>CLIMA</p> <p>LUMINÂNCIA baixa, a vegetação cobre os postes</p> <p>ABSORÇÃO especialmente nas superfícies de base</p> <p>REFLEXÃO superior à absorção, graças ao centro de cultura (cerâmica branca)</p>
		<p>(fotos e desenho: autora, 2006)</p>	<p>SOM</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA Invasiva pelo som do entorno</p> <p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS duros e frios</p>

Figura 58: Ficha físico-ambiental da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão-SC (modelo da ficha adaptado de Romero, 2001). Fonte: Autora, 2007.

2 FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

PRAÇA PE. ROHER. BRAÇO DO NORTE / SC

Nome: Praça Padre Roher (Praça do Matriz)		Ficha nº: 05	
Endereço: Av. Felipe Schmidt - Braço do Norte / SC			
ESPAÇIAIS		AMBIENTAIS	
ENTORNO	<p>ACESSOS</p> <p>SOL edifícios isolados fazem sombra em algumas partes da praça</p> <p>VENTO espaço aberto e exposto aos ventos pela sua grande dimensão</p> <p>SOM exposta, os ventos conduzem preferentemente os ruídos do trânsito</p>		<p>COR</p> <p>SENSAÇÃO DE COR cores quentes, agradável para permanência</p>
	<p>CONTINUIDADE DA MASSA conjunto urbano coeso com alturas variadas</p> <p>CONDUÇÃO DOS VENTOS ventos NE e S barrados pelos edifícios, armazenando somente a borda da praça</p>		<p>SOM</p> <p>RESSONÂNCIA DO RECINTO inexistente, a fronteira não configura um recinto</p> <p>SOMBRA ACÚSTICA inexistente, não atua como caixa</p>
	<p>ÁREA DA BASE 101X135m = 13.635,00m²</p>		<p>RADIAÇÃO</p> <p>DIRETA abundante</p> <p>DIFUSA escassa</p> <p>REFLETIDA inexistente</p>
BASE	<p>MATERIAIS</p> <p>PAVIMENTOS lajotas de concreto</p> <p>VEGETAÇÃO abundante - árvores ornamentais de médio e grande porte, palmeiras, flores e forração</p> <p>ÁGUA inexistente</p> <p>MOBILIÁRIO URBANO bancos, lixeiras, pias, luminárias, playground e palco</p>	 	<p>CLIMA</p> <p>UMIDADE RELATIVA acompanha o entorno</p> <p>TEMPERATURA DO AR menor que a do entorno amenizada pelas árvores da praça</p> <p>VELOCIDADE DO VENTO moderada</p>
			<p>SOM</p> <p>TEMPERATURAS SUPERFICIAIS baixa</p> <p>ALBEDO médio, onde predominam os pavimentos</p> <p>AMBIENTE SONORO prazeroso, predominam os sons próprios</p>
			<p>COR</p> <p>VARIAÇÃO SAZONAL pelas sombras projetadas e pela época das flores</p> <p>CONJUNTO DE CORES cores quentes</p> <p>TONALIDADE neutra</p>
FRONTEIRA	<p>CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE não existe superfície, somente a Igreja no centro da praça</p> <p>TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA igreja gótica e edifícios de características distintas (isolados ou conjunto)</p> <p>ABERTURAS variadas</p> <p>DETALHES ARQUITETÔNICOS destaque para a casa paroquial (estilo eclético) e o conjunto de edifícios na parte SO</p> <p>NÚMERO DE LADOS -</p> <p>ALTURA de 1 a 5 pavimentos</p> <p>ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE -</p>	<p>(fotos e desenho: autora, 2006)</p>	<p>LUZ</p> <p>MANCHAS DE LUZ variada e realçando a Igreja</p> <p>ESTÉTICA DA LUZ postes e refletores com iluminação na cor verde, aspecto cênico</p> <p>LUMINÂNCIA moderada</p>
			<p>CLIMA</p> <p>ABSORÇÃO grande capacidade de absorção</p> <p>REFLEXÃO escassa</p>
			<p>COR</p> <p>MATIZES dominante neutra</p> <p>CLARIDADE contraste de claridade</p>
		<p>SOM</p> <p>PERSONALIDADE ACÚSTICA espaço dinâmico, invadido pelos sons das multitudes que o frequentam</p> <p>QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS duros e bons armazenadores de calor, com exceção do azulejo dos bancos</p>	

Figura 59: Ficha físico-ambiental da Praça Padre Roher, em Braço do Norte-SC (modelo da ficha adaptado de Romero, 2001). Fonte: Autora, 2007.

2 FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

PRAÇA VIDAL RAMOS . LAGUNA / SC

Nome: Praça Vidal Ramos (Praça do Matriz)		Ficha nº: 06	
Endereço: Rua Santo Antônio - Laguna / SC			
ESPACIAIS		AMBIENTAIS	
ENTORNO	ACCESOS SOL as sombras projetadas pelos edifícios não conseguem cobrir a base VENTO aberta à penetração dos ventos, os ventos frios de inverno e outono (sul) encontram grande abertura, significando sensação incômoda para a permanência SOM os ruídos gerados nas estreitas ruas não chegam a incomodar a permanência		COR SENSAÇÃO DE COR cores em tom pastel, agradável para permanência
	CONTINUIDADE DA MASSA conjunto urbano coeso e uniforme na altura CONDUÇÃO DOS VENTOS ventos NE e S não encontram barreira significativa		SOM RESONÂNCIA DO RECINTO não atua como caixa, conversa pouco os sons próprios SOMBRA ACÚSTICA inexistente, não atua como caixa RADIAÇÃO DIRETA de maior abundância DIFUSA escassa REFLETIDA inexistente
BASE	ÁREA DA BASE 53-70x66m = 4.059,00m ²		SOM TEMPERATURAS SUPERFICIAIS moderada ALBEDO médio, espaço sombreado e com muita vegetação AMBIENTE SONORO prazeroso, com som próprio
	MATERIAIS PAVIMENTOS areia com cascalho e granito VEGETAÇÃO abundante - canteiros com árvores de grande e médio porte, gramíneas e 8 (oito) palmeiras imperiais ÁGUA chafariz desativado MOBILIÁRIO URBANO bancos, lixeiras, luminárias e telefone público		COR VARIAÇÃO SAZONAL só das sombras projetadas CONJUNTO DE CORES quentes, claras TONALIDADE policromia quente MANCHAS DE LUZ criação de espaços visuais pelas sombras projetadas ESTÉTICA DA LUZ não existem contrastes
FRONTEIRA	CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE não apresenta superfície TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA edifícios de arquitetura eclética (predominante) e Igreja de estilo barroco ABERTURAS janelas e balcões de estilo eclético DETALHES ARQUITETÔNICOS edifícios com cornija, balaústres e pilastras destacando seus estilos NÚMERO DE LADOS - ALTURA 6 metros em geral		CLIMA ABSORÇÃO especialmente nas superfícies da base REFLEXÃO escassa
	ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE -	<p>(fotos e desenho: autora, 2007)</p>	COR MATIZES predomínio desta característica CLARIDADE contraste da claridade SOM PERSONALIDADE ACÚSTICA espaço com som próprio atenuado que convida à contemplação QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS duros, bancos com encosto de madeira (boa absorção de calor)

Figura 60: Ficha físico-ambiental da Praça Vidal Ramos, em Laguna-SC (modelo da ficha adaptado de Romero, 2001). Fonte: Autora, 2007.

5.3 Resultado da observação do comportamento dos usuários

Com as informações coletadas a partir das observações do comportamento dos usuários pôde-se analisar os horários, os mobiliários e/ou equipamentos mais utilizados da praça e o comportamento dos usuários em relação a estes. Os resultados são apresentados primeiramente de maneira descritiva e sintética das principais informações e depois sob a forma de tabelas, construindo o mapa comportamental dos usuários. Cada praça teve sua tabela adaptada de acordo com sua configuração e atividades consideradas necessárias para o entendimento do fenômeno de apropriação das praças.

Além disso, os dados considerados mais relevantes foram sistematizados na ficha do usuário juntamente com as informações coletadas nas entrevistas e nos jogos. Estas fichas são apresentadas nas figuras 53, 54, 55, 56, 57 e 58, depois da apresentação do resultado desses outros métodos.

Na Praça do Centenário (tabela 2), uma praça pública central com seu entorno predominante comercial, os horários determinados por este último acabam protagonizando os picos de utilização da praça. Outro fato observado é a curta permanência de uso no mobiliário urbano e o grande fluxo de pedestres, sendo possível classificar a circulação como vocação principal da praça. Quanto aos usuários que utilizam os bancos predominam os idosos no meio da manhã e da tarde e os funcionários do comércio do entorno no período de almoço. Houve claramente a distinção entre os dois grupos de usuários, os idosos e adultos, e crianças e jovens praticamente não foram observados na praça.

Na Praça Sete de Setembro (tabela 3), os usuários a utilizam para pausas em geral de 15 (quinze) a 20 (vinte) minutos. A pia (mobiliário de apoio) também tem grande utilização principalmente pelos taxistas que têm seu ponto na praça. A floricultura e a banca de revista apresentam um uso moderado, sem grande destaque. A utilização para passagem não é tanto destacada comparando com os outros espaços, pois seu entorno imediato não apresenta tanto uso, sendo assim classificamos a praça mais como espaço de permanência do que de circulação.

Na Praça Walter Zumblick – parte I (tabela 4), o uso dos equipamentos é o grande destaque da praça, representados por três pontos de ônibus com uso intenso durante todo o dia, além de duas barracas, uma de doces e a outra de sorvetes, e uma banca de revista. Os maiores picos de utilização dos espaços acontecem nos horários comerciais. Ainda, observou-se que a quantidade de mobiliário de estar se mostrou insuficiente em alguns horários fazendo com que as pessoas tivessem que esperar para poder utilizá-lo. Quanto ao perfil dos usuários, a maioria é pessoa adulta que mora em bairros periféricos. Além desses, alguns jovens freqüentam a praça, principalmente nos finais de semana. Quase não se notou a presença de idosos e crianças na praça.

Na Praça Walter Zumblick – parte II (tabela 5), a maioria dos usuários são os jovens que utilizam a pista de skate, além dos usuários que utilizam os 4 (quatro) pontos de ônibus que existem na praça. O Centro de Cultura Municipal apresentou um baixo uso em todos os horários analisados. O mobiliário de estar existente quase não é utilizado por sua localização e estado de conservação, notou-se que as pessoas evitam a área escura formada pela sombra densa das árvores onde eles estão localizados.

A Praça Padre Roher (tabela 6), é diversificada em relação ao seu uso e aos seus usuários em praticamente todos os horários analisados; percebe-se claramente a apropriação de diferentes grupos: nos dias de semana, os idosos utilizam no meio da manhã, os adultos no fim da manhã e começo da tarde e as crianças no final da tarde, depois que saem das escolas; nos finais de semana, o grupo de usuários mais freqüente pela manhã são as famílias, com destaque para mães com bebês e na parte da tarde, a praça é apropriada pelos jovens que vão para paquerar, conversar, andar de skate e bicicleta. Além disso, nos horários que antecedem e depois das missas, existe um grande número de usuários que ficam um tempo lá para conversarem com os conhecidos. O mobiliário de estar, mesmo apresentando uso moderado na maior parte dos horários analisados, é considerado bem utilizado, variando a preferência, conforme os diferentes horários e dias, entre os que estão sombreados e os que recebem insolação.

Na Praça Vidal Ramos (tabela 7), percebem-se três grupos de usuários: os aposentados, em especial as mulheres, as mães com filhos e as crianças que vão brincar em torno do chafariz desativado. Considerando as devidas proporções, a permanência no mobiliário de estar é mais freqüente que a utilização da praça apenas para passagem e em geral os usuários permaneceram mais de 30 (trinta) minutos. Com relação ao comportamento dos indivíduos prevalecem os grupos, seja conversando, brincando ou namorando. Nos finais das tardes, observou-se uma tendência de casais de namorados se apropriarem do espaço, mas o vento forte que em geral existe nesse horário faz com que não permaneçam por muito tempo.

DIAS DA SEMANA	HORÁRIOS DE OBSERVAÇÃO	ATIVIDADES					
		1A	1B	2	3	4	5
							
DIAS ÚTEIS	8:00						
	8:30	133 - 261	13-17	8-15	8-15	8-15	0-6
	10:00						
	10:30	133 - 261	1-6	8-15	16-22	16-20	7-12
	12:00						
	12:30	133 - 261	1-6	16-23	16-22	8-15	7-12
	14:00						
	14:30	133 - 261	1-6	8-15	16-22	8-15	7-12
	16:00						
16:30	262-390	7-12	8-15	8-15	0-7	0-6	
18:00							
18:30	133 - 261	13-17	0-7	8-15	0-7	0-6	
SÁBADOS	8:00						
	8:30	133 - 261	1-6	16-23	8-15	8-15	13-17
	10:00	262-390	13-17	16-23	16-22	16-20	13-17
	10:30						
	12:00						
	12:30	133 - 261	1-6	8-15	16-22	16-20	7-12
	14:00						
	14:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6
	16:00						
16:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6	
18:00							
18:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6	
DOMINGOS	8:00						
	8:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6
	10:00						
	10:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6
	12:00						
	12:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6
	14:00						
	14:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6
	16:00						
16:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6	
18:00							
18:30	4-132	1-6	0-7	0-7	0-7	0-6	

LEGENDA

x-y*	Uso baixo	* Foi feito uma média entre o maior e o menor índice encontrado em cada atividade nos horários observados determinando os valores de classificação para uso baixo, moderado e intenso.
x-y*	Uso moderado	
x-y*	Uso intenso	
1	Circulação pela praça: A (pedestres) e B (bicicletas) * * Pessoas que passam duas ou mais vezes é considerado o número de vezes que passam.	
2	Utilização do mobiliário de estar (bancos)*: para descanso, lazer ou espera. * Os bancos podem ser os projetados para tal finalidade ou outros elementos utilizados para sentar pelos usuários.	
3	Utilização do mobiliário de apoio (telefone público e paraciclo)* * como paraciclo é considerado o projetado para tal finalidade e os postes e/ou muretas utilizadas pelos usuários para guardarem as bicicletas.	
4	Utilização do equipamento (banca de revistas)	
5	Comportamento do indivíduo: em grupo (conversando).	

Tabela 2: Mapa comportamental dos usuários da Praça do Centenário em Tubarão – SC.

DIAS DA SEMANA	HORÁRIOS DE OBSERVAÇÃO	ATIVIDADES					
		1A	1B	2	3	4	5
							
DIAS ÚTEIS	8:00	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	4-5
	8:30	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	4-5
	10:00	104-192	0-2	1-14	4-7	1-6	2-3
	10:30	104-192	0-2	1-14	4-7	1-6	2-3
	12:00	104-192	0-2	15-28	0-3	1-6	4-5
	12:30	104-192	0-2	15-28	0-3	1-6	4-5
	14:00	193-282	3-4	15-28	0-3	13-17	0-1
	14:30	193-282	3-4	15-28	0-3	13-17	0-1
	16:00	193-282	0-2	29-42	8-10	7-12	2-3
16:30	193-282	0-2	29-42	8-10	7-12	2-3	
18:00	104-192	5-6	15-28	0-3	1-6	2-3	
18:30	104-192	5-6	15-28	0-3	1-6	2-3	
SÁBADOS	8:00	14-103	0-2	1-14	0-3	13-17	0-1
	8:30	14-103	0-2	1-14	0-3	13-17	0-1
	10:00	104-192	5-6	1-14	8-10	13-17	0-1
	10:30	104-192	5-6	1-14	8-10	13-17	0-1
	12:00	14-103	0-2	1-14	4-7	7-12	0-1
	12:30	14-103	0-2	1-14	4-7	7-12	0-1
	14:00	14-103	0-2	1-14	4-7	1-6	0-1
	14:30	14-103	0-2	1-14	4-7	1-6	0-1
	16:00	14-103	3-4	1-14	0-3	7-12	0-1
16:30	14-103	3-4	1-14	0-3	7-12	0-1	
18:00	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	0-1	
18:30	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	0-1	
DOMINGOS	8:00	14-103	0-2	1-14	0-3	7-12	0-1
	8:30	14-103	0-2	1-14	0-3	7-12	0-1
	10:00	14-103	0-2	1-14	0-3	13-17	0-1
	10:30	14-103	0-2	1-14	0-3	13-17	0-1
	12:00	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	0-1
	12:30	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	0-1
	14:00	14-103	0-2	1-14	0-3	7-12	0-1
	14:30	14-103	0-2	1-14	0-3	7-12	0-1
	16:00	14-103	3-4	15-28	0-3	1-6	4-5
16:30	14-103	3-4	15-28	0-3	1-6	4-5	
18:00	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	0-1	
18:30	14-103	0-2	1-14	0-3	1-6	0-1	

LEGENDA

	Uso baixo	* Foi feita uma média entre o maior e o menor índice encontrado em cada atividade nos horários observados determinando os valores de classificação para uso baixo, moderado e intenso.
	Uso moderado	
	Uso intenso	
1	Circulação pela praça: A (pedestres) e B (bicicletas) * * Pessoas que passam duas ou mais vezes é considerado o número de vezes que passam.	
2	Utilização do mobiliário de estar (bancos)*: para descanso, lazer ou espera * Os bancos podem ser os projetados para tal finalidade ou outros elementos utilizados para sentar pelos usuários.	
3	Utilização do mobiliário de apoio (telefone público, paraciclo e pia)* * como paraciclo é considerado o projetado para tal finalidade e os postes e/ou muretas utilizadas pelos usuários para guardarem as bicicletas.	
4	Utilização do equipamento (banca de revistas e floricultura)	
5	Comportamento do indivíduo: em grupo (conversando e/ou namorando).	

Tabela 3: Mapa comportamental dos usuários da Praça Sete de Setembro em Tubarão – SC.

IAS DA SEMANA	HORÁRIOS DE OBSERVAÇÃO	ATIVIDADES					
		1A	1B	2	3	4	5
							
DIAS ÚTEIS	8:00						
	8:30	75-137	0-2	0-14	0-3	9-43	14-20
	10:00						
	10:30	138-202	0-2	15-29	0-3	44-78	14-20
	12:00						
	12:30	138-202	0-2	15-29	8-11	44-78	7-13
	14:00						
	14:30	138-202	3-4	30-43	4-7	44-78	7-13
SÁBADOS	16:00						
	16:30	138-202	0-2	30-43	4-7	79-113	7-13
	18:00						
	18:30	138-202	5-6	30-43	4-7	79-113	14-20
	8:00						
	8:30	75-137	0-2	0-14	0-3	9-43	0-6
	10:00						
	10:30	75-137	5-6	0-14	0-3	44-78	0-6
DOMINGOS	12:00						
	12:30	75-137	0-2	0-14	0-3	9-43	0-6
	14:00						
	14:30	11-74	0-2	0-14	0-3	9-43	0-6
	16:00						
	16:30	11-74	3-4	0-14	0-3	9-43	0-6
	18:00						
	18:30	11-74	0-2	0-14	0-3	9-43	0-6

LEGENDA

	Uso baixo	* Foi feito uma média entre o maior e o menor índice encontrado em cada atividade nos horários observados determinando os valores de classificação para uso baixo, moderado e intenso.
	Uso moderado	
	Uso intenso	
1	Circulação pela praça: A (pedestres) e B (bicicletas) * * Pessoas que passam duas ou mais vezes é considerado o número de vezes que passam.	
2	Utilização do mobiliário de estar (bancos e cadeiras)*: para descanso, lazer ou espera. * Os bancos podem ser os projetados para tal finalidade ou outros elementos utilizados para sentar pelos usuários.	
3	Utilização do mobiliário de apoio (telefone público e paraciclo)* * como paraciclo é considerado o projetado para tal finalidade e os postes e/ou muretas utilizadas pelos usuários para guardarem as bicicletas.	
4	Utilização do equipamento (pontos de ônibus, banca de revistas, barraca de doces e sorveteria)	
5	Comportamento do indivíduo: em grupo (conversando).	

Tabela 4: Mapa comportamental dos usuários da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão – SC.

DIAS DA SEMANA	HORÁRIOS DE OBSERVAÇÃO	ATIVIDADES					
		1A	1B	2	3	4	5
							
DIAS ÚTEIS	8:00						
	8:30	73-135	0-5	0-3	0-4	0-10	0-1
	10:00						
	10:30	73-135	0-5	0-3	5-9	11-21	0-1
	12:00						
	12:30	136-198	6-10	0-3	0-4	22-32	4
	14:00						
	14:30	136-198	0-5	0-3	0-4	22-32	4
	16:00						
16:30	136-198	0-5	7-9	0-4	22-32	2-3	
18:00							
18:30	73-135	11-15	7-9	5-9	22-32	4	
SÁBADOS	8:00						
	8:30	10-72	0-5	0-3	5-9	11-21	0-1
	10:00						
	10:30	73-135	6-10	0-3	5-9	0-10	0-1
	12:00						
	12:30	10-72	0-5	4-6	0-4	22-32	0-1
	14:00						
	14:30	10-72	0-5	0-3	0-4	0-10	0-1
	16:00						
16:30	10-72	0-5	0-3	10-13	0-10	2-3	
18:00							
18:30	10-72	0-5	0-3	0-4	0-10	0-1	
DOMINGOS	8:00						
	8:30	10-72	0-5	0-3	0-4	0-10	0-1
	10:00						
	10:30	10-72	0-5	0-3	0-4	0-10	0-1
	12:00						
	12:30	10-72	0-5	0-3	0-4	0-10	0-1
	14:00						
	14:30	10-72	0-5	0-3	0-4	0-10	0-1
	16:00						
16:30	10-72	0-5	0-3	10-13	11-21	0-1	
18:00							
18:30	10-72	0-5	0-3	0-4	11-21	2-3	

LEGENDA

	Uso baixo	* Foi feito uma média entre o maior e o menor índice encontrado em cada atividade nos horários observados determinando os valores de classificação para uso baixo, moderado e intenso.
	Uso moderado	
	Uso intenso	
1	Circulação pela praça: A (pedestres) e B (bicicletas) * * Pessoas que passam duas ou mais vezes é considerado o número de vezes que passam.	
2	Utilização do mobiliário de estar (bancos)*: para descanso, lazer ou espera. * Os bancos podem ser os projetados para tal finalidade ou outros elementos utilizados para sentar pelos usuários.	
3	Utilização do mobiliário e/ou equipamento de lazer e cultura (pista de skate e centro cultural)	
4	Utilização do equipamento (pontos de ônibus e barraca de doces)	
5	Comportamento do indivíduo: em grupo (conversando ou brincando).	
	Obs.: o telefone público (mobiliário de apoio) não apresentou uma intensidade de uso significativa, portanto não foi destacado no mapa comportamental.	

Tabela 5: Mapa comportamental dos usuários da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão – SC.

DIAS DA SEMANA	HORÁRIOS DE OBSERVAÇÃO	ATIVIDADES						
		1A	1B	2	3	4	5	6
								
DIAS ÚTEIS	8:00							
	8:30	114-196	7-12	0-19	0-17	0-5	0-5	0-18
	10:00	114-196	7-12	39-57	18-35	0-5	0-5	38-56
	10:30	114-196	7-12		18-35	0-5	0-5	
	12:00	114-196	13-18	0-19	18-35	0-5	0-5	0-18
	12:30	114-196	13-18	0-19	18-35	0-5	0-5	0-18
	14:00	197-277	7-12	0-19	36-53	11-15	0-5	38-56
	14:30	197-277	7-12	0-19	36-53	11-15	0-5	38-56
16:00	197-277	0-6	0-19	36-53	6-10	0-5	19-37	
16:30	197-277	0-6	0-19	36-53	6-10	0-5	19-37	
18:00	114-196	13-18	0-19	0-17	0-5	6-11	0-18	
18:30	114-196	13-18	0-19	0-17	0-5	6-11	0-18	
SÁBADOS	8:00							
	8:30	31-113	0-6	0-19	0-17	0-5	6-11	0-18
	10:00	197-277	13-18	0-19	18-35	0-5	12-17	19-37
	10:30	197-277	13-18	0-19	18-35	0-5	12-17	19-37
	12:00	114-196	0-6	0-19	0-17	0-5	12-17	19-37
	12:30	114-196	0-6	0-19	0-17	0-5	12-17	19-37
	14:00	31-113	0-6	0-19	18-35	0-5	12-17	19-37
	14:30	31-113	0-6	0-19	18-35	0-5	12-17	19-37
16:00	31-113	13-18	0-19	18-35	0-5	0-5	0-18	
16:30	31-113	13-18	0-19	18-35	0-5	0-5	0-18	
18:00	31-113	0-6	0-19	0-17	0-5	0-5	0-18	
18:30	31-113	0-6	0-19	0-17	0-5	0-5	0-18	
DOMINGOS	8:00							
	8:30	31-113	0-6	0-19	0-17	0-5	0-5	0-18
	10:00	31-113	7-12	0-19	0-17	0-5	6-11	0-18
	10:30	31-113	7-12	0-19	0-17	0-5	6-11	0-18
	12:00	31-113	0-6	0-19	0-17	0-5	6-11	0-18
	12:30	31-113	0-6	0-19	0-17	0-5	6-11	0-18
	14:00	31-113	7-12	0-19	18-35	6-10	6-11	0-18
	14:30	31-113	7-12	0-19	18-35	6-10	6-11	0-18
16:00	31-113	0-6	0-19	18-35	0-5	12-17	38-56	
16:30	31-113	0-6	0-19	18-35	0-5	12-17	38-56	
18:00	114-196	7-12	0-19	18-35	0-5	0-5	19-37	
18:30	114-196	7-12	0-19	18-35	0-5	0-5	19-37	

LEGENDA

x-y *	Uso baixo	* Foi feito uma média entre o maior e o menor índice encontrado em cada atividade nos horários observados determinando os valores de classificação para uso baixo, moderado e intenso.
x-y *	Uso moderado	
x-y *	Uso intenso	
1	Circulação pela praça: A (pedestres) e B (bicicletas) *	
	* Pessoas que passam duas ou mais vezes é considerado o número de vezes que passam.	
2	Pessoas paradas na praça (sem utilizar algum mobiliário e/ou equipamento).	
3	Utilização do mobiliário de estar (bancos e caramanchões)* : para descanso, lazer ou espera. * Os bancos podem ser os projetados para tal finalidade ou outros elementos utilizados para sentar pelos usuários.	
4	Utilização do mobiliário de apoio (banheiro e pia)*	
5	Utilização do mobiliário e/ou equipamento de lazer (playground)	
6	Comportamento do indivíduo : em grupo (conversando ou brincando).	

Tabela 6: Mapa comportamental dos usuários da Praça Padre Roher, em Braço do Norte – SC.

DIAS DA SEMANA	HORÁRIOS DE OBSERVAÇÃO	ATIVIDADES					
		1A	1B	2	3	4	5
							
DIAS ÚTEIS	8:00						
	8:30	57-96	6-7	0-7	7-13	2-3	0-7
	10:00						
	10:30	97-138	0-2	0-7	14-20	2-3	8-15
	12:00						
	12:30	97-138	3-5	0-7	14-20	0-1	8-15
	14:00						
	14:30	97-138	3-5	16-22	7-13	2-3	8-15
SÁBADOS	16:00						
	16:30	57-96	3-5	8-15	14-20	0-1	16-23
	18:00						
	18:30	57-96	0-2	0-7	14-20	4-5	8-15
	8:00						
	8:30	16-56	0-2	0-7	0-6	0-1	0-7
	10:00						
	10:30	97-138	0-2	16-22	14-20	0-1	16-23
DOMINGOS	12:00						
	12:30	57-96	0-2	8-15	14-20	0-1	16-23
	14:00						
	14:30	16-56	0-2	0-7	14-20	0-1	16-23
	16:00						
	16:30	16-56	0-2	8-15	7-13	0-1	16-23
	18:00						
	18:30	16-56	0-2	0-7	0-6	0-1	0-7

LEGENDA

x-y *	Uso baixo	* Foi feito uma média entre o maior e o menor índice encontrado em cada atividade nos horários observados determinando os valores de classificação para uso baixo, moderado e intenso.
x-y *	Uso moderado	
x-y *	Uso intenso	
1	Circulação pela praça: A (pedestres) e B (bicicletas) * * Pessoas que passam duas ou mais vezes é considerado o número de vezes que passam.	
2	Pessoas paradas na praça (sem utilizar algum mobiliário e/ou equipamento)	
3	Utilização do mobiliário de estar (bancos)*: para descanso, lazer ou espera. * Os bancos podem ser os projetados para tal finalidade ou outros elementos utilizados para sentar pelos usuários.	
4	Utilização do mobiliário de apoio (telefone público)	
5	Comportamento do indivíduo: em grupo (conversando, namorando ou brincando).	

Tabela 7: Mapa comportamental dos usuários da Praça Vidal Ramos, em Laguna – SC.

5.4 Resultado da entrevista

Neste item são apresentados os resultados das entrevistas semi-estruturadas realizadas com os usuários e os não-usuários do entorno (comércio/serviços ou residências) das praças públicas. A aplicação das entrevistas foi explicada no capítulo 04 – Procedimentos de pesquisa e a seguir há uma descrição dos resultados obtidos. Além disso, após a apresentação dos resultados do método Jogo são apresentadas as fichas dos usuários com a organização dos dados mais relevantes obtidos nos três métodos aplicados diretamente aos usuários e aos não-usuários: observações do comportamento dos usuários, entrevistas e jogos. As fichas são apresentadas nas figuras 62, 63, 64, 65, 66 e 67.

Na Praça do Centenário os entrevistados foram idosos e adultos, valendo a pena destacar essa distinção nos resultados. Quanto à frequência de uso, os idosos entrevistados, todos do sexo masculino, são os que frequentam a praça quase que diariamente e os demais entrevistados frequentam de 1 (uma) a 2 (duas) vezes por semana.

Quando perguntamos sobre o porquê da utilização da praça as respostas dos idosos foi para encontrar os amigos, sair um pouco de casa e ter um pouco de lazer. Os demais usuários entrevistados utilizam a praça para esperar alguém, tomar um sorvete ou sentar um pouco enquanto estão pelo centro da cidade. Todos os entrevistados responderam que os espaços para sentar são os espaços mais utilizados da praça (ver figura 52).

Sobre o que consideram ruim no espaço, vários aspectos foram mencionados, entre eles, degradação do espaço, mau conservação e falta de conforto dos bancos, falta de manutenção e latas de lixo no lado dos estares. Sobre o que é considerado bom no espaço, colocam a convivência que têm com os outros usuários e a presença das árvores.

Quanto às sensações alguns colocaram que se sentem tranquilos e alegres, como um usuário que descreve sua emoção “não tem inverno e não tem verão que faça eu desistir dessa praça”; alguns usuários responderam que depende do momento.



Figura 61: Entrevistado utilizando o banco (floreira adaptada para tal finalidade) e sua localização na praça.
Fonte: Autora. 2006.

Nas considerações sobre o que poderia ser melhorado na praça colocaram que deveriam explorar mais a vista do rio, arrumar os bancos, pintar e fazer funcionar novamente o chafariz, ter mais respeito com os idosos, arrumar calçamento, entre outras sugestões.

Com os não-usuários, ao serem perguntados sobre por que não utilizam a praça, responderam que é por ter poucos bancos, ser um lugar sujo e feio, faltar atrativos de lazer, ou por falta de tempo.

Quanto ao que poderia ser melhorado, a principal reivindicação dos entrevistados foi a melhoria dos bancos. Com relação às sensações que o local passa, citaram a sujeira, conforme um entrevistado, “um espaço que passa despercebido e sem alegria”.

Na Praça Sete de Setembro, os entrevistados geralmente são de bairros da periferia ou de municípios vizinhos que usam a praça uma vez por semana quando vêm ao Centro fazer algo. Quando perguntamos sobre o porquê da utilização da praça a resposta mais freqüente foi para descansar, mas também apontaram que era para esperar o tempo passar, ver a paisagem ou ficar na sombra.

Todos os entrevistados responderam que os bancos são os espaços mais utilizados da praça e alguns destacaram os bancos sombreados como os preferidos. Sobre o que consideram ruim, a maioria respondeu que nada era ruim e alguns destacaram o calçamento precário, a sujeira e a falta de cuidados com as árvores. Sobre o que é considerado bom, responderam que é a sombra, os bancos, a natureza ou o movimento das pessoas, além disso, um entrevistado considerou que nada era bom e outro, em contraponto às respostas do que era considerado ruim, disse que a limpeza era algo positivo.

Quanto às sensações que a praça passava, os sentimentos destacados foram refrescância, paz, alegria e tranqüilidade, somente um entrevistado destacou que não sentia nada de bom. Sobre o que poderia ser melhorado, os entrevistados destacaram diversas sugestões, entre elas, troca do pavimento, dos bancos, limpeza, segurança, melhoria nos canteiros, como ter flores e ser mais gramado.

Os não-usuários ao serem perguntados sobre por que não utilizam a Praça Sete de Setembro, responderam que é uma praça sem atrativos, suja, mal iluminada, sem flores, além disso, destacaram que é mal freqüentada por usuários de drogas durante a noite.

Quanto ao que poderia ser melhorado, a maioria destacou melhorias relacionadas à pavimentação e à vegetação, mas também responderam a limpeza, a iluminação e ter mais opções de atrativos, como a instalação de um playground, uma lanchonete ou um quiosque. As sensações destacadas que a praça passa aos entrevistados foram abandono, tristeza ou insegurança.

Na Praça Walter Zumblick – parte I, os entrevistados também moravam em bairros distantes, assim como na Praça Sete de Setembro, e somente dois eram moradores do bairro Centro. Quanto à frequência de uso, com exceção de dois entrevistados que usam de 3 (três) a 4 (quatro) vezes por semana, todos frequentam a praça uma vez por semana. Quanto ao motivo da utilização, as respostas mais frequentes foram para esperar o ônibus e descansar, além de outras como tomar sorvete, pensar e namorar, ainda, alguns relacionam os bancos (Caixa Econômica e Santander) do entorno como se fizessem parte da praça e destacam que vêm à praça quando vem aos bancos.

Os espaços mais utilizados, segundo os entrevistados, são os pontos de ônibus e bancos, preferencialmente o mobiliário de estar com design diferenciado com vários espaços para sentar e canteiros em forma de pentágonos, e em menor número nas respostas, a sorveteria e os estacionamentos da praça.

Sobre o que é ruim, destacaram a falta de bancos, limpeza, poucas áreas gramadas, muitos cachorros de rua, além disso, um entrevistado destacou que tudo era bom e outro que tudo era ruim. Sobre o que é bom na praça, a maioria apontou a paisagem e a sombra e alguns destacaram a sorveteria e os bancos.

A maioria dos entrevistados destacou que sente alegria quando está na praça, somente um destacou que se sentia triste e outro que sentia sensação de alívio. As melhorias que deveriam ser realizadas foram ter mais áreas sombreadas, árvores e grama, além de bancos cobertos e ampliação do estacionamento de motos.

Os não-usuários entrevistados responderam que não usam a praça pela falta de atrativos, somente duas respostas foram diferentes, uma pela falta de tempo e outra pela praça não passar uma sensação agradável. Como melhorias, diversas sugestões foram dadas pelos entrevistados: ter mobiliário/equipamento de lazer, um chafariz, mais ambientes para sentar, mais espaços sombreados e com flores, além de festas e entretenimentos. Quanto às sensações, as respostas ficaram divididas uns sentiam algo bom como alegria e outros sensação de abandono.

Na Praça Walter Zumblick – parte II, os entrevistados tinham na faixa de 15 (quinze) a 20 (vinte) anos e moram em bairros periféricos, sendo a maioria estudantes. Entre os 10 (dez) usuários entrevistados, 7 (sete) deles responderam que usam a praça por causa da pista de skate, os outros apontaram que é para descansar ou ir ao centro de cultura. A maior parte utiliza a praça uma vez por semana, principalmente nos finais de semana.

Como espaço mais utilizado dentro da praça destacaram a pista de skate e os bancos, uma das entrevistadas destacou que também vai ao Centro de Cultura, segundo ela, “vou ao museu porque é interessante e à pista de skate para divertimento”. Afirmam que a falta de conforto nos bancos e a falta de iluminação à noite são os aspectos mais negativos da praça. Como aspectos considerados bons, destacam a pista de skate, a paisagem e o Centro de Cultura.

Quanto às sensações, a maioria destacou que se sente alegre na praça, um dos entrevistados respondeu que “é massa” e um outro que se sente tranqüilo. As melhorias solicitadas para a praça foram com relação aos bancos, à vegetação, à pista de skate e à iluminação noturna.

Entre os não-usuários entrevistados, todos são funcionários do comércio no entorno da praça, as respostas sobre o porquê de não utilizarem a praça foram por não ter tempo e por não ter atrativo. Como sugestão de melhorias, os entrevistados responderam que era ter um playground como antigamente, antes de ter o Centro de Cultura, ter eventos como feiras e apresentações, além de mais iluminação. As sensações apontadas pela maioria foram negativas, de tristeza e abandono, somente dois entrevistados responderam que sentiam algo bom.

Na Praça Padre Roher, a maioria dos entrevistados foi adulto, entre 25 (vinte e cinco) a 50 (cinquenta) anos, sendo que uns moram nos bairros periféricos e outros no bairro Centro, próximo à praça. Quanto à frequência de uso, metade dos entrevistados utilizam a praça diariamente e os demais responderam de 2 (duas) a 3 (três) vezes por semana ou somente nos finais de semana.

Os motivos para freqüentarem a praça são para passear, conversar com os amigos, apreciar a beleza da praça, ir à missa ou brincar com os filhos, além disso, dois entrevistados apontaram que fazer compras nos estabelecimentos do entorno, é estar freqüentando a praça. Os espaços mais utilizados destacados foram os mobiliários de estar (bancos e caramanchões), a igreja e o playground.

Como ruim destacaram a utilização de parte da praça como estacionamento em alguns horários, os bancos que são revestidos de azulejos, a pavimentação e os banheiros mal cuidados, mas 3 (três) entrevistados responderam que está tudo bom. Como aspecto positivo apontaram o verde e a sombra, as conversas, a igreja e o tamanho da praça.

Como sensações que a praça passa, 8 (oito) entrevistados relataram que sentem alegria e 2 (dois) que sentem paz. Um dos entrevistados comentou que à noite sente tristeza por causa da “turma de maconheiros que utiliza a praça”. As melhorias sugeridas foram ampliação da área de lazer infantil,

limpeza nos banheiros e segurança à noite, mas a maioria respondeu que tudo estava bom e não precisa mudar nada.

Quanto aos não-usuários, foi muito difícil encontrar pessoas que realmente nunca usassem a praça, alguns dos entrevistados usam esporadicamente para alguma atividade, ir à missa ou ir ao playground com os filhos. A faixa de idade desse grupo de entrevistados foi de 18 (dezoito) a 30 (trinta) anos e são moradores e/ou pessoas que trabalham no entorno. Como motivo para não utilizar a praça foi apontada a ausência de opções de lazer, a falta de eventos ou a falta de tempo.

As melhorias sugeridas foram ter mais segurança no período noturno e instalação de mobiliário mais confortável, além disso, ter mais atrativos como outras opções de mobiliário/equipamento de lazer e/ou equipamentos como quiosques e barzinhos. A sensação que mais passa aos não-usuários é a desproteção principalmente pela imagem que têm dos usuários de drogas que frequentam a praça à noite.

Na Praça Vidal Ramos, a maioria dos entrevistados foram estudantes e mulheres do lar, quase todos responderam que vêm à praça todos os dias, somente alguns vêm somente uma vez por semana ou nos finais de semana. O motivo para utilizarem a praça é para descansar, ter contato com a natureza, conversar com amigos ou simplesmente para um passeio por não ter outra opção. Uma das entrevistadas, uma aposentada de 82 anos, respondeu que vai à praça todos os dias para fazer tudo “a vegetação é a maior riqueza para a saúde, além de conversar com as amigas”. Os espaços mais utilizados são os bancos e os caminhos para passeio.

Quando questionados sobre o que é ruim na praça, consideraram o chafariz desativado, a falta de cuidados com a vegetação e a pavimentação, as crianças jogando bola no centro da praça, mas 3 (três) responderam que nada estava ruim. Como aspecto positivo, os entrevistados destacaram a paisagem, os bancos e a tranquilidade do lugar.

Os entrevistados destacaram a tranquilidade e a paz como principal sentimento que têm quando estão na praça. Quanto ao que poderia ser melhorado, responderam que é ter mais manutenção, principalmente no calçamento, além do chafariz voltar a funcionar e a instalação de um equipamento de lazer para as crianças.

Entre os não-usuários, o principal motivo para não utilizarem é pela falta de atrativos e falta de tempo, alguns destacaram que utilizam só para cortar caminho. Uma entrevistada recordou com saudosismo o

tempo que é a praça tinha vida “hoje, é apenas uma praça com plantas, falta o chafariz funcionando, além disso, a criança que não vive na praça, não terá recordação”.

Sobre o que deveria ser melhorado, a principal sugestão foi o funcionamento do chafariz que está desativado, além de ter manutenção constante, a promoção de mais eventos e um espaço para as crianças brincarem. As sensações descritas pelos entrevistados não-usuários foram abandono, melancolia e lembrança da infância, além de 3 (três) responderem que sentem paz.

5.5 Resultado do jogo

Este método permitiu identificar através de fotografias dos aspectos envolvidos nas praças públicas qual a situação que proporcionaria satisfação máxima nos usuários e nos não-usuários, sendo que estes últimos identificaram a situação ideal para que passassem a usar as praças públicas.

Entender o ponto de vista dos usuários no processo de apropriação das praças públicas centrais é essencial na pesquisa. Além disso, com esse método buscou-se entender como o ambiente pode servir como uma força motivadora em três importantes facetas: “reações afetivas e atitudinais diante de características ambientais, reações de aproximações e esquivas diante de atributos do ambiente e adaptação às qualidades ambientais” (HEIMSTRA; MCFARLING, 1978, p. XI).

Apresentaremos uma descrição dos resultados encontrados neste método e em seguida as fichas dos usuários, uma para cada praça analisada, nas quais são apresentados graficamente estes resultados, além dos resultados mais relevantes encontrados dos dois outros métodos aplicados aos usuários: observação do comportamento dos usuários e entrevista. Esta ficha produzida para cada praça tem fundamental importância para o estabelecimento de parâmetros mostrando a situação atual de apropriação ou não das praças públicas centrais.

Na Praça do Centenário (figura 62), os usuários apontaram como os três principais aspectos de uma praça: as atividades realizadas, o mobiliário de estar e o mobiliário de apoio; as opções mais escolhidas nessas categorias foram conversar, conforto e banheiros, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: pavimentação – diversificada, vegetação – densa, água – tradição, mobiliário/equipamento de lazer – jogos, equipamento – café/bar/lanchonete e arte urbana – apresentações.

Entre os não-usuários, obtivemos como os três mais importantes aspectos de uma praça: o mobiliário/equipamento de lazer, o mobiliário de estar e a vegetação; as opções mais escolhidas nessas categorias foram playground, conforto e gramada, respectivamente. Nas outras categorias,

encontramos os seguintes resultados: atividade – passear, pavimentação – geométrica, água – tradição, mobiliário de apoio – banheiro, equipamento – café/bar/lanchonete e arte urbana – interativa.

Na Praça Sete de Setembro (figura 63), os usuários destacaram três principais aspectos de uma praça: o mobiliário de apoio, o mobiliário de estar e o mobiliário/equipamento de lazer. As opções mais escolhidas nestas categorias foram banheiro, descontraído e playground, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: atividade – conversar, pavimentação – diversificada, vegetação – mesclada, água – contemplação, equipamento – feiras e arte urbana – apresentações.

Com os não-usuários, encontramos como os três mais importantes aspectos de uma praça: o equipamento, a atividade e o mobiliário/equipamento de lazer. As opções mais escolhidas nessas categorias foram café/bar/lanchonete, conversar e quadras de esportes, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: pavimentação – diversificada, vegetação – mesclada, água – tradição, mobiliário de estar – protegido, mobiliário de apoio – banheiro e arte urbana – apresentações.

Na Praça Walter Zumblick – parte I (figura 64), os usuários apontaram como os três principais aspectos de uma praça: o equipamento, o mobiliário de apoio e o mobiliário de estar; as opções mais escolhidas nessas categorias foram café/bar/lanchonete, banheiro e protegido, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: atividade – conversar, pavimentação – diversificada, vegetação – mesclada, água – espelho d'água, mobiliário/equipamento de lazer – playground e arte urbana – apresentações.

Entre os não-usuários, encontramos como os três mais importantes aspectos de uma praça: a arte urbana, o mobiliário/equipamento de lazer e o mobiliário de estar. As opções mais escolhidas nessas categorias foram apresentações, jogos, e conforto, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: atividade – conversar, pavimentação – diversificada, vegetação – mesclada, água – espelho d'água, mobiliário de apoio – banheiro e equipamento – café/bar/lanchonete.

Na Praça Walter Zumblick – parte II (figura 65), os usuários apontaram como os três principais aspectos de uma praça: o mobiliário/equipamento de lazer, a vegetação e o mobiliário de estar; as opções mais escolhidas nessas categorias foram quadras de esportes, gramada e descontraída, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: atividade – conversar, pavimentação – diversificada, água – espelho d'água, mobiliário de apoio – paraciclo/bicicletário, equipamento – café/bar/lanchonete e arte urbana – apresentações.

Com os não-usuários, obtivemos como os três mais importantes aspectos de uma praça: o mobiliário de estar, a vegetação e o equipamento. As opções mais escolhidas nessas categorias foram conforto, gramada e feiras, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: atividade – jogar/brincar, pavimentação – diversificada, água – interação, mobiliário de apoio – bebedouro, mobiliário/equipamento de lazer – playground e arte urbana – apresentações.

Na Praça Padre Roher (figura 66), os usuários destacaram como os três principais aspectos de uma praça: o mobiliário de apoio, o mobiliário/equipamento de lazer e a vegetação; as opções mais escolhidas nessas categorias foram: banheiro, quadras de esportes e densa, respectivamente. Nas outras categorias, encontramos os seguintes resultados: atividade – conversar, pavimentação – diversificada, água – tradição, mobiliário de estar – conforto, equipamento – comércio de pequeno porte e arte urbana – apresentações.

Entre os não-usuários, obtivemos como os três aspectos mais importantes de uma praça: a arte urbana, o mobiliário/equipamento de lazer e o mobiliário de estar. As opções mais escolhidas nessas categorias foram apresentações, quadras de esportes e conforto, respectivamente. Nas outras categorias, encontramos os seguintes resultados: atividade – jogar/brincar, pavimentação – diversificada, vegetação – mesclada, água – tradição, mobiliário de apoio – banheiro e equipamento – café/bar/lanchonete.

Na Praça Vidal Ramos (figura 67), os usuários destacaram como os três principais aspectos de uma praça: a pavimentação, o mobiliário de apoio e o mobiliário/equipamento de lazer; as opções mais escolhidas nessas categorias foram diversificada, bebedouro e playground, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos os seguintes resultados: atividade – conversar, vegetação - gramada, água – tradição, mobiliário de estar – conforto, equipamento – café/bar/lanchonete e arte urbana – apresentações.

Entre os não-usuários, obtivemos como os três aspectos mais importantes de uma praça: o mobiliário de estar, a vegetação e a arte urbana. As opções mais escolhidas nessas categorias foram conforto, mesclada e apresentações, respectivamente. Nas outras categorias, tivemos o seguinte resultado: atividade – conversar, pavimentação – diversificada, água – interação, mobiliário de apoio – informações/telefone, mobiliário/equipamento de lazer – playground e equipamento – feiras.

3 FICHA DO USUÁRIO

PRAÇA DO CENTENÁRIO . TUBARÃO / SC



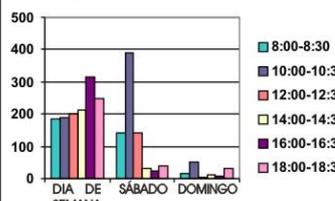
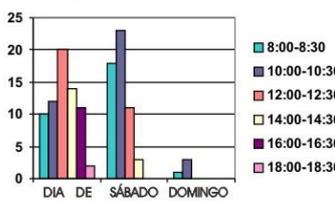
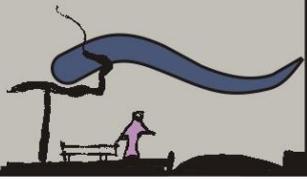
Nome: Praça do Centenário (Praça do Chafariz)		Ficha nº: 01							
Endereço: Rua Lauro Muller - Centro - Tubarão / SC									
USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS							
USO¹	UTILIZAÇÃO PARA PASSAGEM 	UTILIZAÇÃO DO MOBILIÁRIO DE ESTAR 	POR QUE NÃO UTILIZA?  (+) por ter poucos bancos						
	POR QUE UTILIZA A PRAÇA?  (+) encontrar amigos	O QUE É RUIM NA PRAÇA?  (+) bancos desconfortáveis	SENSAÇÕES?  (+) alegria	O QUE PODERIA SER MELHORADO?  (+) melhoria dos bancos					
QUESTIONAMENTOS²	ESPAÇO MAIS UTILIZADO?  (+) bancos	O QUE É BOM NA PRAÇA?  (+) convivência	O QUE PODE SER MELHORADO?  (+) sujeira						
	USUÁRIOS:	EXPECTATIVA / PREFERÊNCIAS³							
1 ATIVIDADE  CONVERSAR	2 MOB. ESTAR  CONFORTO	3 MOB. APOIO  BANHEIRO	ÁGUA  TRADIÇÃO	MOB. EQUIP. LAZER  JOGOS	EQUIPAMENTO  CAFÉ / BAR / LANCHONETE	ARTE URBANA  APRESENTAÇÕES	PAVIMENTAÇÃO  DIVERSIFICADA	VEGETAÇÃO  DENSA	
NÃO USUÁRIOS:	1 MOB. EQUIP. LAZER  PLAY GROUND	2 MOB. ESTAR  CONFORTO	3 VEGETAÇÃO  GRAMADA	ÁGUA  TRADIÇÃO	ATIVIDADE  PASSEAR	EQUIPAMENTO  CAFÉ / BAR / LANCHONETE	ARTE URBANA  INTERATIVA	PAVIMENTAÇÃO  GEOMÉTRICA	MOB. APOIO  BANHEIRO
OBS.	¹ RESULTADOS MAIS RELEVANTES DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DO USUÁRIO ² RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO ENTREVISTAS (RESPOSTAS MAIS COLOCADAS PELOS USUÁRIOS E NÃO USUÁRIOS) ³ RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO JOGOS (ESCOLHA MAIS VOTADA DE CADA TEMA E PREFERÊNCIA DOS TRÊS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES)								

Figura 62: Ficha do usuário da Praça do Centenário, em Tubarão-SC. Fonte: Autora, 2007.

3 FICHA DO USUÁRIO

PRAÇA SETE DE SETEMBRO . TUBARÃO / SC



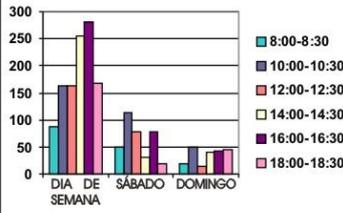
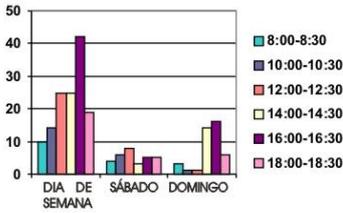
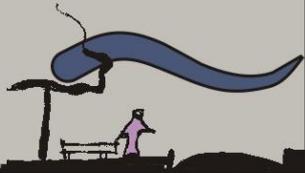
Nome: Praça Sete de Setembro Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC		Ficha nº: 02						
USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS						
USO¹	UTILIZAÇÃO PARA PASSAGEM 	UTILIZAÇÃO DO MOBILIÁRIO DE ESTAR 						
QUESTIONAMENTOS²	POR QUE UTILIZA A PRAÇA?  <p>(+) para descansar</p>	O QUE É RUIM NA PRAÇA?  <p>(+) calçamento</p>						
	ESPAÇO MAIS UTILIZADO?  <p>(+) bancos</p>	O QUE É BOM NA PRAÇA?  <p>(+) natureza</p>						
		SENSAÇÕES?  <p>(+) refrescância</p>						
		SENSAÇÕES?  <p>(+) abandono</p>						
EXPECTATIVA / PREFERÊNCIAS³	USUÁRIOS:							
	1 MOB. APOIO 	2 MOB. ESTAR 	3 MOB. EQUIP. LAZER 	ATIVIDADE 	PAVIMENTAÇÃO 	VEGETAÇÃO 	ÁGUA 	EQUIPAMENTO 
NÃO USUÁRIOS:								
1 EQUIPAMENTO 	2 ATIVIDADE 	3 MOB. EQUIP. LAZER 	PAVIMENTAÇÃO 	VEGETAÇÃO 	ÁGUA 	MOB. ESTAR 	MOB. APOIO 	ARTE URBANA 
OBS.	¹ RESULTADOS MAIS RELEVANTES DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DO USUÁRIO ² RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO ENTREVISTAS (RESPOSTAS MAIS COLOCADAS PELOS USUÁRIOS E NÃO USUÁRIOS) ³ RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO JOGOS (ESCOLHA MAIS VOTADA DE CADA TEMA E PREFERÊNCIA DOS TRÊS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES)							

Figura 63: Ficha do usuário da Praça Sete de Setembro, em Tubarão-SC. Fonte: Autora, 2007.

3 FICHA DO USUÁRIO

PRAÇA WALTER ZUMBLICK I. TUBARÃO / SC



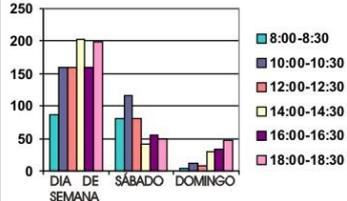
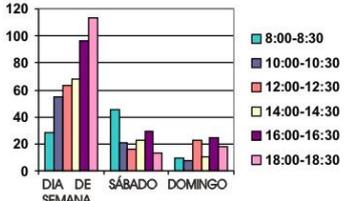
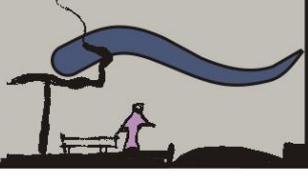
Nome: Praça Walter Zumblick (Parte I)		Ficha nº: 03							
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC									
USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS							
USO¹	UTILIZAÇÃO PARA PASSAGEM	UTILIZAÇÃO DO MOBILIÁRIO DE ESTAR	POR QUE NÃO UTILIZA?						
	 <p> 8:00-8:30 10:00-10:30 12:00-12:30 14:00-14:30 16:00-16:30 18:00-18:30 </p>	 <p> 8:00-8:30 10:00-10:30 12:00-12:30 14:00-14:30 16:00-16:30 18:00-18:30 </p>	 <p>(+) falta de atrativos</p> <p>O QUE PODERIA SER MELHORADO?</p>  <p>(+) ter mob./equip. de lazer</p> <p>SENSAÇÕES?</p>  <p>(+) alegria e abandono</p>						
QUESTIONAMENTOS²	POR QUE UTILIZA A PRAÇA?	O QUE É RUIM NA PRAÇA?	SENSAÇÕES?						
	 <p>(+) esperar ônibus</p> <p>ESPAÇO MAIS UTILIZADO?</p>  <p>(+) pontos de ônibus</p>	 <p>(+) falta de bancos</p> <p>O QUE É BOM NA PRAÇA?</p>  <p>(+) paisagem</p>	 <p>(+) alegria</p> <p>O QUE PODE SER MELHORADO?</p>  <p>(+) mais áreas sombreadas</p>						
EXPECTATIVA / PREFERÊNCIAS³	USUÁRIOS:								
	1 EQUIPAMENTO	2 MOB. APOIO	3 MOB. ESTAR	ATIVIDADE	PAVIMENTAÇÃO	VEGETAÇÃO	ÁGUA	MOB. EQUIP. LAZER	ARTE URBANA
NÃO USUÁRIOS:									
1 ARTE URBANA	2 MOB. EQUIP. LAZER	3 MOB. ESTAR	ATIVIDADE	PAVIMENTAÇÃO	VEGETAÇÃO	ÁGUA	MOB. APOIO	EQUIPAMENTO	
<p>¹ RESULTADOS MAIS RELEVANTES DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DO USUÁRIO</p> <p>² RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO ENTREVISTAS (RESPOSTAS MAIS COLOCADAS PELOS USUÁRIOS E NÃO USUÁRIOS)</p> <p>³ RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO JOGOS (ESCOLHA MAIS VOTADA DE CADA TEMA E PREFERÊNCIA DOS TRÊS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES)</p>									

Figura 64: Ficha do usuário da Praça Walter Zumblick (parte I), em Tubarão-SC. Fonte: Autora, 2007.

3 FICHA DO USUÁRIO

PRAÇA WALTER ZUMBLICK II . TUBARÃO / SC



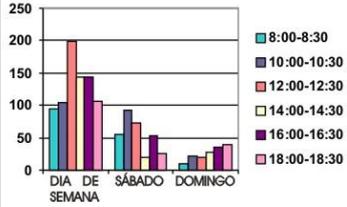
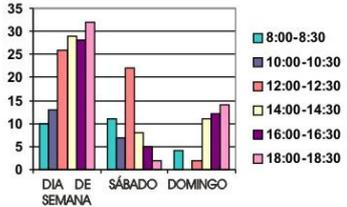
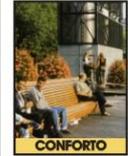
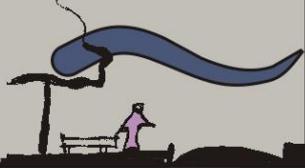
Nome: Praça Walter Zumblick (Parte II)		Ficha nº: 04						
Endereço: Av. Marcolino Martins Cabral - Tubarão / SC								
USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS						
USO¹	UTILIZAÇÃO PARA PASSAGEM 	UTILIZAÇÃO DO EQUIPAMENTO 	POR QUE NÃO UTILIZA?  (+) nada atrativo					
	QUESTIONAMENTOS²		O QUE PODERIA SER MELHORADO?  (+) ter um playground					
QUESTIONAMENTOS²	POR QUE UTILIZA A PRAÇA?  (+) para lazer	O QUE É RUIM NA PRAÇA?  (+) bancos desconfortáveis	SENSAÇÕES?  (+) alegria					
	ESPAÇO MAIS UTILIZADO?  (+) pista de skate	O QUE É BOM NA PRAÇA?  (+) pista de skate	O QUE PODE SER MELHORADO?  (+) bancos e vegetação	SENSAÇÕES?  (+) abandono				
EXPECTATIVA / PREFERÊNCIAS³	USUÁRIOS:							
	1 MOB. EQUIP. LAZER  QUADRAS ESPORTES	2 VEGETAÇÃO  GRAMADA	3 MOB. ESTAR  DESCONTRAÍDO	ATIVIDADE  CONVERSAR	PAVIMENTAÇÃO  DIVERSIFICADA	ÁGUA  ESPELHO D'ÁGUA	MOB. APOIO  PARACICLOBIQUEIÁRIO	EQUIPAMENTO  CAFÉ / BAR / LANCHONETE
EXPECTATIVA / PREFERÊNCIAS³	NÃO USUÁRIOS:							
	1 MOB. ESTAR  CONFORTO	2 VEGETAÇÃO  GRAMADA	3 EQUIPAMENTO  FEIRAS	ATIVIDADE  JOGAR / BRINCAR	PAVIMENTAÇÃO  DIVERSIFICADA	ÁGUA  INTERAÇÃO	MOB. APOIO  BEBEDOURO	MOB. EQUIP. LAZER  PLAY GROUND
OBS.	¹ RESULTADOS MAIS RELEVANTES DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DO USUÁRIO ² RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO ENTREVISTAS (RESPOSTAS MAIS COLOCADAS PELOS USUÁRIOS E NÃO USUÁRIOS) ³ RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO JOGOS (ESCOLHA MAIS VOTADA DE CADA TEMA E PREFERÊNCIA DOS TRÊS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES)							

Figura 65: Ficha do usuário da Praça Walter Zumblick (parte II), em Tubarão-SC. Fonte: Autora, 2007.

3 FICHA DO USUÁRIO

PRAÇA PE. ROHER . BRAÇO DO NORTE / SC



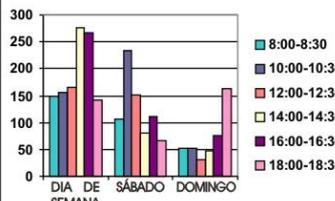
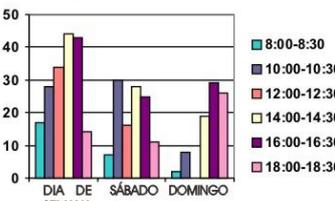
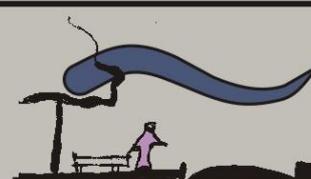
Nome: Praça Padre Roher (Praça da Matriz) Endereço: Av. Felipe Schmidt - Braço do Norte / SC		Ficha nº: 05						
USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS						
USO¹	UTILIZAÇÃO PARA PASSAGEM 	UTILIZAÇÃO DO MOBILIÁRIO DE ESTAR 						
	POR QUE NÃO UTILIZA?  (+) falta de atrativos O QUE PODERIA SER MELHORADO?  (+) mais opções de lazer SENSAÇÕES?  (+) insegurança							
QUESTIONAMENTOS²	POR QUE UTILIZA A PRAÇA?  (+) para passear ESPAÇO MAIS UTILIZADO?  (+) bancos	O QUE É RUIM NA PRAÇA?  (+) banheiro mal cuidado O QUE É BOM NA PRAÇA?  (+) sombra das árvores	SENSAÇÕES?  (+) alegria O QUE PODE SER MELHORADO?  (+) mais equipamentos de lazer					
	EXPERIÊNCIAS / PREFERÊNCIAS³							
USUÁRIOS:								
1 MOB. APOIO  BANHEIRO	2 MOB. EQUIP. LAZER  QUADRAS ESPORTES	3 VEGETAÇÃO  DENSA	ATIVIDADE  CONVERSAR	PAVIMENTAÇÃO  DIVERSIFICADA	ÁGUA  TRADIÇÃO	MOB. ESTAR  CONFORTO	EQUIPAMENTO  COMÉRCIO PEQUENO PORTE	ARTE URBANA  APRESENTAÇÕES
NÃO USUÁRIOS:								
1 ARTE URBANA  APRESENTAÇÕES	2 MOB. EQUIP. LAZER  QUADRAS ESPORTES	3 MOB. ESTAR  CONFORTO	ATIVIDADE  JOGAR / BRINCAR	PAVIMENTAÇÃO  DIVERSIFICADA	VEGETAÇÃO  MESCLADA	ÁGUA  TRADIÇÃO	MOB. APOIO  BANHEIRO	EQUIPAMENTO  CAFÉ / BAR / LANCHONETE
OBS.								
¹ RESULTADOS MAIS RELEVANTES DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DO USUÁRIO ² RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO ENTREVISTAS (RESPOSTAS MAIS COLOCADAS PELOS USUÁRIOS E NÃO USUÁRIOS) ³ RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO JOGOS (ESCOLHA MAIS VOTADA DE CADA TEMA E PREFERÊNCIA DOS TRÊS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES)								

Figura 66: Ficha do usuário da Praça Padre Roher, em Braço do Norte-SC. Fonte: Autora, 2007.

3 FICHA DO USUÁRIO

PRAÇA VIDAL RAMOS . LAGUNA / SC



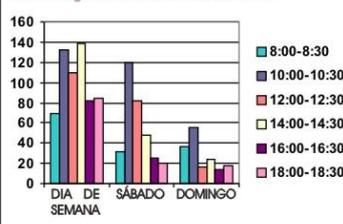
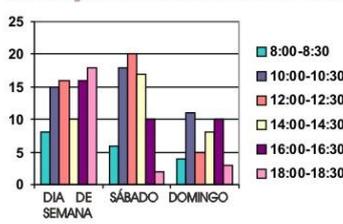
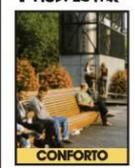
Nome: Praça Vidal Ramos (Praça da Matriz)		Ficha nº: 06						
Endereço: Rua Duque de Caxias - Laguna / SC								
USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS						
USO¹	UTILIZAÇÃO PARA PASSAGEM 	UTILIZAÇÃO DO MOBILIÁRIO DE ESTAR 	POR QUE NÃO UTILIZA?  (+) falta de atrativos					
	QUESTIONAMENTOS²		O QUE PODERIA SER MELHORADO?  (+) funcionamento do chafariz					
QUESTIONAMENTOS²	POR QUE UTILIZA A PRAÇA?  (+) para encontrar amigos	O QUE É RUIM NA PRAÇA?  (+) chafariz desativado	SENSAÇÕES?  (+) tranquilidade					
	ESPAÇO MAIS UTILIZADO?  (+) bancos	O QUE É BOM NA PRAÇA?  (+) paisagem	O QUE PODE SER MELHORADO?  (+) ter manutenção	SENSAÇÕES?  (+) abandono				
EXPECTATIVA / PREFERÊNCIAS³	USUÁRIOS:							
	1 PAVIMENTAÇÃO  DIVERSIFICADA	2 MOB. APOIO  BEBEDOURO	3 MOB. EQUIP. LAZER  PLAY GROUND	ATIVIDADE  CONVERSAR	VEGETAÇÃO  GRAMADA	ÁGUA  TRADIÇÃO	MOB. ESTAR  CONFORTO	EQUIPAMENTO  CAFÉ / BAR / LANCHONETE
NÃO USUÁRIOS:								
1 MOB. ESTAR  CONFORTO	2 VEGETAÇÃO  MESCLADA	3 ARTE URBANA  APRESENTAÇÕES	ATIVIDADE  CONVERSAR	PAVIMENTAÇÃO  DIVERSIFICADA	ÁGUA  INTERAÇÃO	MOB. APOIO  INFORMAÇÕES / TELEFONE	MOB. EQUIP. LAZER  PLAY GROUND	EQUIPAMENTO  FEIRAS
OBS.								
¹ RESULTADOS MAIS RELEVANTES DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DO USUÁRIO								
² RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO ENTREVISTAS (RESPOSTAS MAIS COLOCADAS PELOS USUÁRIOS E NÃO USUÁRIOS)								
³ RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO JOGOS (ESCOLHA MAIS VOTADA DE CADA TEMA E PREFERÊNCIA DOS TRÊS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES)								

Figura 67: Ficha do usuário da Praça Vidal Ramos, em Laguna-SC. Fonte: Autora, 2007.

5.6 Discussão dos métodos e resultados

A pesquisa qualitativa, aplicada nesse trabalho, não serve para fins estatísticos, mas para apontar critérios de qualidade presentes nos resultados no sentido de contribuir para o conhecimento do fenômeno de apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte.

A aplicação da metodologia Estudo de Caso teve por fim a aplicação de quatro métodos: análise documental, observação - do comportamento dos usuários e do desempenho físico-ambiental, entrevista e jogo. Esses métodos se complementaram, somando informações quanto aos problemas e potencialidades, além de possíveis sugestões para melhoria e maior apropriação das praças analisadas.

As análises documentais resultaram em um levantamento das características espaciais e históricas das praças públicas em estudo e serviram de base para a aplicação dos demais métodos. As observações do comportamento dos usuários resultaram em um perfil de como cada praça é realmente usada, mesmo não conhecendo ainda os motivos dos usuários, pôde-se tirar conclusões significativas sobre a apropriação de cada uma das praças. Com as observações do desempenho físico-ambiental, pôde-se levantar a situação física e ambiental de cada praça e com isso relacionar com os processos de apropriação ou não de cada praça, analisado posteriormente.

As entrevistas permitiram, além de compreender a situação das praças públicas, identificar as sensações e os anseios que os usuários e os não-usuários das praças têm em relação a elas. Com os jogos buscou-se complementar as informações constatadas nas entrevistas, assim como colocar aos participantes da pesquisa uma maior gama de opções com a finalidade de indicarem a melhor situação para eles e visando uma maior apropriação de cada praça.

Sendo assim, para melhor definir e sintetizar o conhecimento teórico e a compreensão dos resultados obtidos através dos métodos aplicados na pesquisa, elaborou-se quadros (quadros 3, 4 e 5), apresentados da seguinte forma: principais características do município onde está inserido cada praça, principais características de cada praça, resultados mais relevantes de cada método – análise documental, observação do comportamento dos usuários, observação do desempenho físico-ambiental, entrevista e jogo e, por fim, as conclusões obtidas com o cruzamento dessas informações.

Cada quadro apresenta os resultados dos métodos e conclusões de duas praças, conforme a ordem que vem sendo apresentada até o momento.

SÍNTESE E CONCLUSÃO DOS RESULTADOS DOS MÉTODOS UTILIZADOS (PRAÇA DO CENTENÁRIO E PRAÇA SETE DE SETEMBRO)								
PRAÇAS	Município – principais características	Praça - principais características	Análise documental	Observação do desempenho físico-ambiental	Observação do comportamento dos usuários	Entrevista	Jogo	Conclusões
Praça do Centenário	<p>Tubarão</p> <ul style="list-style-type: none"> 94.292 habitantes Colonização luso-açoriana Centro tradicional não é o único da cidade Outros espaços de lazer: Farol Shopping, cinema, clubes recreativos e esportivos Tendência de usuários nas praças públicas: idosos e jovens 	<ul style="list-style-type: none"> Personalidade: Circulação Praça de pequeno porte Dimensão social: aposentados que vão encontrar os amigos Dimensão cultural: não é muito destacada Dimensão simbólica: porta de entrada do centro da cidade Dimensão ambiental: amenização na estação quente pelas densas copas das árvores Acessibilidade: alto grau de acessibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> Funções: circulação e permanência Localização: beira do Rio Tubarão e local de principal ligação entre a margem esquerda e direita da cidade Entorno: predominante comercial (rua tradicional do Centro) Mobil./equipamentos: 6 bancos com encosto, 1 banca de revista, 1 telefone público, chafariz desativado, lixeiras e luminárias Pavimentação: 90% da área Fronteira: lanchonete e lotérica 	<ul style="list-style-type: none"> 80% sombreada: poucas árvores de grande porte e alguns arbustos Diversos matizes de sombra Ventos de verão barrados e ventos de inverno penetram facilmente na praça Temperatura do ar: menor que o entorno amenizada pelas árvores da praça Entorno ruidoso, amenizado nas áreas próximas ao rio Conjunto de cores: cores frias 	<ul style="list-style-type: none"> Utilização intensa nos horários do comércio Curta permanência nos mobiliários de estar Idosos utilizam diariamente no meio da manhã e da tarde Crianças e jovens praticamente não foram observados na praça 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: encontrar amigos, distração, esperar alguém Ruim: degradação, mau conservação e falta de conforto dos bancos, lixo Bom: convivência e árvores Sensações: tranquilos e alegres Sugestões: explorar vista do rio, arrumar os bancos, funcionamento do chafariz, arrumar calçamento <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: lugar sujo, poucos bancos, falta de atrativos e falta de tempo Sugestões: melhoria dos bancos Sensações: sujeira 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Atividade: conversar (1) Mob. estar: conforto (2) Mob. apoio: banheiro (3) Pavimentação: diversificada Vegetação: densa Água: tradição Mob. equip. lazer: jogos Equipamento: café/bar/lanchonete Arte urbana: apresentações <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Mob.equip.lazer: playground (1) Mob. estar: conforto (2) Vegetação: gramada (3) Atividade: passear Pavimentação: geométrica Água: tradição Mob. apoio: banheiro Equipamento: café/bar/lanchonete Arte urbana: apresentações 	<ul style="list-style-type: none"> O entorno com grande movimento de pessoas favorece a permanências na praça, já que a distração passa a ser um motivo para usá-la Como conversar é a atividade mais freqüente da praça, o conforto dos bancos é um dos principais aspectos apontado pelos usuários A escolha pelo elemento água ser tradicional fortalece a importância do chafariz existente na praça O banheiro é um elemento importante, talvez, não só por quem usa na praça, mas na importância que teria esse mobiliário para quem vai ao centro, muitas vezes de bairros distantes A escolha pelo equipamento café/bar/lanchonete reafirma a importância desse equipamento já existente na fronteira da praça e que atrai grande número de usuários A relação dos não-usuários da praça com um lugar sujo pode ser pelas sombras escuras, ocupando 80% da praça, talvez por esse fato, escolheram a opção de vegetação gramada A barragem dos ventos de verão, a pavimentação excessiva (90% da área), o entorno ruidoso e a falta de conforto no mobiliário podem ser os motivos que levem a uma curta permanência na praça
Praça Sete de Setembro		<ul style="list-style-type: none"> Personalidade: Oásis urbano Praça de pequeno porte Dimensão social: conversas no bancos e entre os taxistas Dimensão cultural: entre os taxistas e na banca de revistas Dimensão simbólica: forte simbolismo pelo seu significado histórico e a figueira plantada no seu centro em comemoração ao centenário da cidade Dimensão ambiental: amenização na estação quente pelas densas copas das árvores Acessibilidade: alto grau de acessibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> Funções: permanência Localização: entre duas importantes avenidas do eixo viário da cidade Entorno: misto – comércio/serviços e residências Alto fluxo de veículos particulares Mobil./equipamentos: 17 bancos com encosto, 1 banca de revista, 1 telefone público, 1 floricultura, 1 pia, lixeiras e luminárias Pavimentação: 75% da área Estado de conservação do mobiliário: razoável 	<ul style="list-style-type: none"> Albedo baixo: espaço sombreado e com muita vegetação Aberta à penetração dos ventos de verão e edifícios do entorno bloqueiam os ventos de inverno Temperatura do ar: menor que o entorno amenizada pelas árvores da praça Ambiente sonoro prazeroso mesmo estando ao lado de avenida ruidosa Conjunto de cores: cores frias Albedo baixo: espaço sombreado e com muita vegetação 	<ul style="list-style-type: none"> Permanência no mobiliário de estar de 15 a 20 minutos Floricultura e banco com uso moderado Utilização para passagem não é tanto destacada Nos dias de semana predominam os adultos e nos finais de semana, os jovens Quase não se observou crianças e idosos na praça 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: descansar, ver a paisagem, ficar na sombra Ruim: calçamento, sujeira, falta de cuidados com as árvores Bom: sombra, bancos, movimento das pessoas Sensações: refrescância e tranquilidade Sugestões: trocar pavimentação e bancos e ter limpeza, segurança e mais flores <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: falta de atrativos, sujeira, mal iluminação e sem flores Sugestões: melhoria da pavimentação e da vegetação Sensações: abandono, tristeza e insegurança 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Mob. apoio: banheiro (1) Mob. estar: descontraído (2) Mob.equip.lazer: playground (3) Atividade: conversar Pavimentação: diversificada Vegetação: mesclada Água: contemplação Equipamento: feiras Arte urbana: apresentações <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Equipamento: café/bar/lanchonete (1) Atividade: conversar (2) Mob.equip.lazer: quadras de esportes (3) Pavimentação: diversificada Vegetação: mesclada Água: tradição Mob. estar: protegido Mob. apoio: banheiro Arte urbana: apresentações 	<ul style="list-style-type: none"> A vegetação e a paisagem são os principais motivos para a apropriação da praça Um certo isolamento com relação aos transportes coletivos favorece o ambiente sonoro mais prazeroso e torna-se um elemento importante para permanência dos usuários O mobiliário de apoio - banheiro é um elemento importante no anseio dos usuários A sua localização em área mais dinâmica determina o perfil dos usuários – jovens e adultos e, por consequência, a escolha do mobiliário de estar como descontraído que favorece as conversas em grupo; a escolha do aspecto contemplação na categoria água também fortalece esse perfil da praça Os não-usuários preferem que o mobiliário de estar seja protegido, talvez pela má impressão que têm da praça devido à sujeira dos pássaros que nela habitam As cores frias podem ser as responsáveis pelo sentimento de tristeza que os não-usuários associam à praça, já os usuários valorizam o aspecto verde e têm a sensação de refrescância quando estão nela

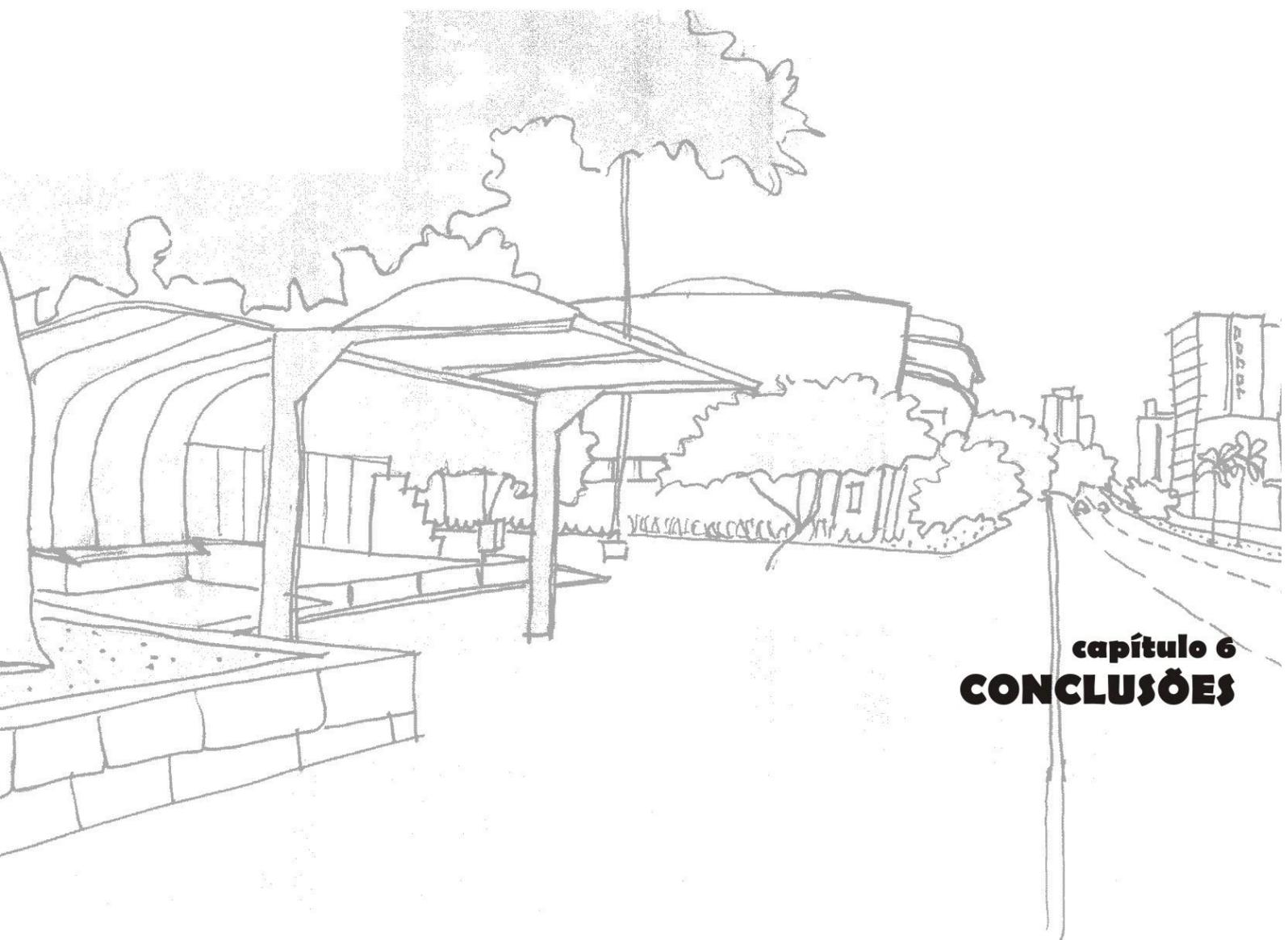
Quadro 3: Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados na Praça do Centenário e na Praça Sete de Setembro.

SÍNTESE E CONCLUSÃO DOS RESULTADOS DOS MÉTODOS UTILIZADOS (PRAÇA WALTER ZUMBLICK - PARTE I E II)								
PRAÇAS	Município – principais características	Praça - principais características	Análise documental	Observação do desempenho físico-ambiental	Observação do comportamento dos usuários	Entrevista	Jogo	Conclusões
Praça Walter Zumblick–parte I	<p>Tubarão</p> <ul style="list-style-type: none"> 94.292 habitantes Colonização luso-açoriana Centro tradicional não é o único da cidade Outros espaços de lazer: Farol Shopping, cinema, clubes recreativos e esportivos Tendência de usuários nas praças públicas: idosos e jovens 	<ul style="list-style-type: none"> Personalidade: Funcional Praça de pequeno porte Dimensão social: se estabelece na praça e nos edifícios privados de seu entorno Dimensão cultural: acontece nos pontos de ônibus onde convivem diversos personagens Dimensão simbólica: adquire simbolismo por ser uma extensão da Praça Sete de Setembro Dimensão ambiental: amenização na estação quente pela vegetação Acessibilidade: alto grau de acessibilidade, principalmente dos transportes coletivos 	<ul style="list-style-type: none"> Funções: circulação, passeios e visitação Localização: entre duas importantes avenidas do eixo viário da cidade Entorno: misto – comércio/serviços e residências Alto fluxo de veículos particulares e transporte coletivo Mobil./equipamentos: 09 bancos com encosto, 4 pontos de ônibus, 1 banca de revista, 2 barracas (doces e sorvetes), 2 telefones públicos, 1 estar com floreiras e luminárias Pavimentação: 62% da área Estado de conservação do mobiliário: razoável 	<ul style="list-style-type: none"> Aberta à passagem do sol em alguns pontos Aberta à penetração dos ventos de verão e edifícios do entorno bloqueiam os ventos de inverno A porosidade das copas das árvores gera um espaço com microclima favorável Conjunto de cores do entorno: cores quentes e grande variedade de materiais Ambiente sonoro ruidoso, a praça recebe os sons do entorno e a soma dos seus próprios 	<ul style="list-style-type: none"> Uso intenso dos equipamentos, especialmente os pontos de ônibus Os maiores picos de utilização são nos horários comerciais A maioria dos usuários nos finais de semana é adulto e de bairros periféricos ao Centro Nos finais de semana notou-se a frequência de jovens, especialmente na barraca de sorvetes Quase não notou-se a presença de idosos e crianças na praça 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: esperar o ônibus e descansar Ruim: falta de bancos, de limpeza e de poucas áreas gramadas Bom: paisagem, sombra, sorveteria e bancos Sensações: alegria Sugestões: mais áreas sombreadas e gramadas, bancos cobertos e estacionamentos de motos <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: falta de atrativos e falta de tempo Sugestões: ter mobiliário/equipamento de lazer, chafariz, mais espaços para sentar e sombreados, mais flores Sensações: alegria e abandono 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Equipamento: café/bar/lanchonete (1) Mob. apoio: banheiro (2) Mob. estar: protegido (3) Atividade: conversar Pavimentação: diversificada Vegetação: mesclada Água: espelho d'água Mob.equip.lazer: playground <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Arte urbana: apresentações Mob. urbana: apresentações (1) Mob.equip.lazer: playground (2) Mob. estar: conforto (3) Atividade: conversar Pavimentação: diversificada Vegetação: mesclada Água: espelho d'água Mob. apoio: banheiro Equipamento: café/bar/lanchonete 	<ul style="list-style-type: none"> A falta de áreas sombreadas, principalmente na área de espera do transporte coletivo, talvez tenha sido responsável pela escolha dos usuários por mobiliário de estar protegido; quem não é usuário optou pelo conforto A sugestão indicada nas entrevistas de ter um chafariz não apareceu como escolhida no método jogos, que optaram pelo espelho d'água, talvez por ser uma opção de maior amenização ambiental O mobiliário de apoio – banheiro se mostrou importante para os usuários, por ser uma praça de espera do transporte coletivo, esse mobiliário torna-se realmente necessário A opção escolhida de pavimentação diversificada e vegetação mesclada reforça o bom aspecto da existente na praça A importância dada pelos não-usuários em ter um mobiliário de lazer para crianças na praça não condiz com o público usuário atual do espaço, talvez essa escolha seja mais por não existir em nenhuma outra área central esse tipo de mobiliário O café, bar ou lanchonete é importante principalmente para o usuário que espera o transporte coletivo, como já é visível o uso desses equipamentos existentes na praça A reclamação dos não usuários pela falta de atrativos é refletida na escolha de apresentações, como elemento de arte urbana
Praça Walter Zumblick–parte II		<ul style="list-style-type: none"> Personalidade: Cultural e lazer Praça de médio porte Dimensão social: acontecem principalmente na pista de skate Dimensão cultural: acontece no Centro de Cultura Dimensão simbólica: o edifício do centro cultural é o marco simbólico da praça Dimensão ambiental: na face nordeste é sombreada o ano todo e na SO, o microclima é igual ao entorno Acessibilidade: bom grau de acessibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> Funções: esporte e cultura Centro de Cultura Municipal localizado no centro da praça Localização: entre duas importantes avenidas do eixo viário da cidade Mobil./equipamentos: 5 bancos com encosto, 4 pontos de ônibus, 1 barraca (doces), 1 telefone público, pista de skate, lixeiras e luminárias Pavimentação: 44% da área Estado de conservação do mobiliário: razoável 	<ul style="list-style-type: none"> Tem um lado totalmente exposto com grande superfície de intercâmbio térmico e exposto aos ventos de inverno A face nordeste apresenta sombra abundante em todos os períodos do ano Ambiente sonoro ruidoso Estética da luz: pouco destacada, lugar escuro Velocidade do vento acentuada por falta de barreiras Conjunto de cores: cores neutras, tons de cinza 	<ul style="list-style-type: none"> A maioria dos usuários são os jovens que frequentam a pista de skate e os usuários dos pontos de ônibus O Centro de Cultura apresentou um baixo uso em todos os horários analisados O mobiliário de estar existente quase não é utilizado As pessoas evitam a área escura formada pelas densas sombras das árvores na face nordeste 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: andar de skate, descansar, ir ao Centro de Cultura Ruim: falta de conforto nos bancos e de iluminação à noite Bom: pista de skate, paisagem e Centro de Cultura Sensações: alegria Sugestões: melhorar bancos, vegetação, pista de skate e iluminação noturna <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: falta de atrativos e de tempo Sugestões: ter um playground, eventos e feiras, apresentações e mais iluminação Sensações: tristeza e abandono 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Mob.equip.lazer: quadras de esportes (1) Vegetação: gramada (2) Mob. estar: descontraído (3) Atividade: conversar Pavimentação: diversificada Água: espelho d'água Mob. apoio: paraciclo/bicicletário Equipamento: café/bar/lanchonete Arte urbana: apresentações <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Mob. estar: conforto (1) Vegetação: gramada (2) Equipamento: feiras (3) Atividade: jogar/brincar Pavimentação: diversificada Água: interação Mob. apoio: bebedouro Mob.equip.lazer: playground Arte urbana: apresentações 	<ul style="list-style-type: none"> A vegetação abundante e a não visibilidade entre os diferentes pontos da praça faz com que os usuários não permaneçam no seu interior Os equipamentos e mobiliários não conservados faz com que os usuários deixem de apropriar a praça O potencial para esportes é visível tanto na apropriação do mobiliário de lazer existente como na expectativa dos usuários por mais opções desse tipo de mobiliário A escolha das opções: vegetação gramada e mobiliário de estar descontraído, refletem o perfil dos usuários jovens que anseiam uma praça mais despojada Os não-usuários colocam a falta de tempo e a falta de atrativos na praça como responsáveis pelo não uso, nesse caso, justifica a opção de feiras como um principal elemento para a praça, seria um atrativo e um motivo a mais para empregar o tempo O entorno ruidoso da praça também impede uma permanência agradável na praça Tubarão é uma cidade com grande número de habitantes, mesmo sendo considerada ainda de pequeno porte, isso faz com que tenha mais opções de lazer como Shopping Center, clubes e campos esportivos, isso faz com que as praças não sejam as únicas opções de lazer

Quadro 4: Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados na Praça Walter Zumblick (parte I e II).

QUADRO SÍNTESE E CONCLUSIVO DOS RESULTADOS DOS MÉTODOS UTILIZADOS (PRAÇA PADRE ROHER E PRAÇA VIDAL RAMOS)								
PRAÇAS	Município – principais características	Praça - principais características	Análise documental	Observação do desempenho físico-ambiental	Observação do comportamento dos usuários	Entrevista	Jogo	Conclusões
Praça Padre Roher	<p>Braço do Norte</p> <ul style="list-style-type: none"> 29.845 habitantes Colonização alemã Forte religiosidade dos habitantes Tendência de usuários nas praças públicas: famílias e crianças 	<ul style="list-style-type: none"> Personalidade: Dinâmica Praça de grande porte Dimensão social: acontece nas conversas entre os diferentes grupos de usuários Dimensão cultural: acontece na igreja, nos estares e no playground Dimensão simbólica: forte simbolismo pela Igreja Matriz no seu centro Dimensão ambiental: diferentes áreas favorecem diferentes microclimas que atendem bem em todas as estações do ano Acessibilidade: alto grau de acessibilidade 	<ul style="list-style-type: none"> Funções: circulação, permanência, lazer, esporte e cultura, passeios e visitação Igreja matriz localizada no centro da praça Localização: entre duas importantes avenidas do eixo viário da cidade Entorno: misto – comércio/serviços e residências Mobil./equipamentos: 49 bancos sem encosto, 3 floreiras com banco, playground, banheiro, lixeiras e luminárias Pavimentação: 64% da área Estado de conservação do mobiliário: bom 	<ul style="list-style-type: none"> Espaço aberto e exposto aos ventos pela sua grande dimensão Sensação de cores do entorno: cores quentes, agradável para permanência Temperatura do ar: menor que o entorno amenizada pelas árvores da praça Variação sazonal: pelas sombras projetadas e pela época das flores Personalidade acústica: espaço dinâmico invadido pelos sons das multitudes que o frequentam 	<ul style="list-style-type: none"> Diversos grupos de usuários: nos dias de semana - idosos no meio da manhã, adultos no fim da manhã e início da tarde e crianças no final da tarde e nos finais de semana – famílias na manhã e jovens na parte da tarde Usos da praça: brincar, conversar, passear, paquerar, passear e ir à missa Uso do mobiliário de estar: escolhas variáveis em relação à localização destes (sombreados e não sombreados) 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: passear, conversar com os amigos, apreciar a beleza da praça, ir à missa e brincar com os filhos Ruim: utilização como estacionamento de parte da praça, bancos revestidos com azulejos, pavimentação e falta de manutenção nos banheiros Bom: verde, sombra, conversas, igreja e o tamanho da praça Sensações: alegria e paz Sugestões: ampliação do playground, limpeza nos banheiros e segurança Motivo: ausência de opções de lazer, falta de eventos e falta de tempo Sugestões: segurança à noite, mobiliário confortável e mais atrativos Sensações: desproteção 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Mob. apoio: banheiro (1) Mob.equip.lazer: quadras de esportes (2) Vegetação: densa (3) Atividade: jogar/brincar Pavimentação: diversificada Água: tradição Mob. estar: conforto Equipamento: comércio de pequeno porte Arte urbana: apresentações <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Arte urbana: apresentações (1) Mob.equip.lazer: quadras de esportes(2) Mob. estar: conforto (3) Atividade: jogar/brincar Pavimentação: diversificada Vegetação: mesclada Água: tradição Mob. apoio: banheiro Equipamento: café/bar/lanchonete 	<ul style="list-style-type: none"> Mobiliário de lazer é importante, esse dado ficou claro nas entrevistas e jogos, sugerindo a ampliação do playground e implantação de quadras de esportes O mobiliário de apoio banheiro mostra-se um equipamento importante mesmo apresentando falta de manutenção Variação sazonal na praça é boa, pois permite utilização a escolha do local onde se quer permanecer conforme suas necessidades de conforto térmico Para os não-usuários, os eventos e apresentações seria um fator determinante para que passassem a usar a praça O conforto no mobiliário de estar é um aspecto importante já que os usuários permanecem bastante tempo na praça, atualmente não é atingido esse conforto As dimensões da praça e as áreas mal iluminadas geram o sentimento de desproteção em alguns não-usuários Os arranjos espaciais do mobiliário de estar que aproximam as pessoas favorecem as conversas A Igreja Matriz no centro da praça, aliada a forte religiosidade dos habitantes da cidade, representa um importante aspecto para a apropriação da praça A pavimentação diversificada, encontrada na praça, atende bem aos anseios dos usuários e não-usuários Em Braço do Norte, não existem muitas opções de lazer, mesmo privadas, isso faz com que a praça adquira um papel essencial para os habitantes da cidade
Praça Vidal Ramos	<p>Laguna</p> <ul style="list-style-type: none"> 37.255 habitantes Cidade litorânea e com centro histórico tombado pelo IPHAN Colonização luso-açoriana Forte simbolismo histórico Tendência de usuários nas praças públicas: idosos e crianças 	<ul style="list-style-type: none"> Personalidade: Memória Praça de médio porte Dimensão social: acontece principalmente nos bancos, passeios e no seu centro (chafariz) Dimensão cultural: acontece no dia-a-dia entre as conversas e nas festas tradicionais que acontecem na praça Dimensão simbólica: forte simbolismo pelo seu significado histórico Dimensão ambiental: diferentes áreas favorecem diferentes microclimas que atendem bem em todas as estações do ano Acessibilidade: alto grau de acessibilidade aos moradores da cidade e turistas 	<ul style="list-style-type: none"> Funções: circulação, permanência, lazer e passeios e visitação Igreja matriz localizada no entorno da praça Localização: no centro tradicional e histórico Entorno: residências, serviços e edifícios institucionais Mobil./equipamentos: 23 bancos sem encosto, 17 bancos com encosto, 2 telefones públicos, lixeiras e luminárias Pavimentação: 70% da área Estado de conservação do mobiliário: razoável 	<ul style="list-style-type: none"> A radiação solar incidente atravessa e esquenta a superfície da praça em alguns espaços Sensação de cor do entorno: cores em tom pastel, agradável para permanência Velocidade do vento: alta Ambiente sonoro prazeroso, com som próprio Variação sazonal das sombras projetadas Manchas de luz: criação de espaços visuais pelas sombras projetadas 	<ul style="list-style-type: none"> Grupos de usuários: aposentados, mães com filhos, crianças e jovens Permanência de mais de 30 (trinta) minutos na praça, em geral Comportamento dos indivíduos: prevalecem os indivíduos em grupo conversando, brincando ou namorando 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Motivo: descansar, ter contato com a natureza, conversar, passear Ruim: chafariz desativado, falta de manutenção e as crianças brincando no centro da praça Bom: paisagem, bancos, tranquilidade do lugar Sensações: tranquilidade e paz Sugestões: reativação do chafariz, mais manutenção, área de lazer para crianças Motivo: falta de atrativos e falta de tempo Sugestões: reativação do chafariz, manutenção da praça, promoção de eventos e espaços para as crianças Sensações: abandono, melancolia e nostalgia 	<p><u>Usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Pavimentação: diversificada (1) Mob. apoio: bebedouro (2) Mob.equip.lazer: playground (3) Atividade: conversar Vegetação: gramada Água: tradição Mob. estar: conforto Equipamento: café/bar/lanchonete Arte urbana: apresentações <p><u>Não-usuários</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Mob. estar: conforto (1) Vegetação: mesclada (2) Arte urbana: apresentações (3) Atividade: conversar Pavimentação: diversificada Água: interação Mob. apoio: inform./telefone Mob.equip.lazer: playground Equipamento: feiras 	<ul style="list-style-type: none"> A pavimentação da praça é um dos seus piores aspectos e mais carente de manutenção, talvez por esse fato, foi destacada como principal elemento da praça pelos usuários O lugar para crianças brincarem também é um importante elemento para melhoria da praça A tranquilidade, destacada como um aspecto positivo da praça, e garantida graças ao ambiente sonoro prazeroso que o entorno proporciona O perfil dos usuários, idosos principalmente, favorece o comportamento em grupo presente na praça A falta de atrativos, uma das principais condições para que não-usuários passem a utilizar a praça, aparece nos jogos onde as apresentações estão entre os três principais elementos para ser ter em uma boa praça A permanência prolongada na praça se deve, talvez, pelo fato do mobiliário de estar ser confortável: bancos de madeira com encosto; nos outros tipos de bancos, de concreto e sem encosto, se verificou que a permanência é curta A falta de um arranjo espacial adequado nas áreas de estar faz com que as pessoas aglomerem para conversar atrapalhando a circulação dos caminhos Como Laguna é uma cidade litorânea, muitas vezes, a utilização desse espaço público – a praia – assume maior importância do que a utilização da praça

Quadro 5: Síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados na Praça Padre Roher e na Praça Vidal Ramos.



capítulo 6
CONCLUSÕES

Durante a construção da fundamentação teórica e da aplicação dos métodos utilizados nesta pesquisa foram encontrados elementos para caracterizar a apropriação dessas praças em cidades de pequeno porte. As conclusões não podem ser generalizadas, pois cada contexto apresenta situações diferentes, exposto isto, alguns pontos são comentados abaixo.

A escolha dos fatores que influenciam na apropriação ou não das praças públicas nem sempre são compatíveis entre si. Os gostos e preferências não são uniformes e as considerações são subjetivas: aquilo que satisfaz a um casal de idosos não satisfaz às exigências de um grupo de jovens.

Ainda, uma série de aspectos da praça influi na agrupação ou dispersão das pessoas e acontecimentos. Assim, quando todos os fatores conseguem a possibilidade de atuar conjuntamente, o resultado é uma sensação de bem-estar físico e psicológico nos usuários resultando em uma maior apropriação do espaço.

Além disso, os elementos que constituem as praças públicas, desde o traçado geral até o mobiliário, são importantes para complementar a paisagem das mesmas e, através de seu posicionamento e função no espaço, pode resultar em diferentes padrões de comportamentos dos usuários tanto positivos como negativos. O desenho e a distribuição desses elementos, por exemplo, fontes e bancos, satisfazem pautas de conduta concretas.

A apropriação é o resultado de uma interação complexa dos conjuntos principais de variáveis. Entre eles, o entorno que circunda as praças e influi substancialmente sobre os indivíduos que vão usá-las e; a condição de cada pessoa, tanto ligada aos mecanismos biológicos do corpo como psicológicos, com fundo cultural, motivações, experiências e necessidades de cada indivíduo. Sendo assim, o processo de apropriação implica além das características de cada praça, as necessidades humanas, sendo elas, físicas, psicológicas e/ou fisiológicas.

Outro fator importante a destacar é a rotina de atividades do entorno e das praças públicas, ressaltando o horário de funcionamento do comércio como principal determinante na utilização das praças públicas centrais que determina o horário de passagem dos funcionários e o horário de maior vitalidade da área.

As características espaciais, assim como o desempenho ambiental de cada praça analisada, têm influência direta no comportamento dos usuários. As metodologias de pesquisa forma utilizadas com o propósito de identificar essas condições favoráveis ou não à apropriação de cada praça. Assim, comenta-se, a seguir, os principais aspectos adequados à apropriação das praças públicas centrais, identificados e classificados segundo a metodologia de pesquisa aplicada e fundamentada através da revisão de literatura.

Sobre as atividades, podemos dizer que as áreas com maior número de espaços específicos, que a princípio comportariam um maior número de atividades são, no entanto, as áreas onde os usuários realizam o maior número de atividades. O caminhar e o estar sentado são atividades complexas do ponto de vista de uso e mais facilmente encontradas nas praças públicas pela maior disponibilidade do espaço e mobiliário para que isto aconteça, mas, além disso, dependem do espaço físico adequado e prazeroso. Ainda, a existência de bons espaços para sentar prepara a praça para outras atividades de permanência prolongada que podem ser nela desenvolvidas: comer, ler, dormir, esperar alguém, jogar, tomar sol, olhar as pessoas e o movimento e conversar.

Quanto ao tratamento do piso, em geral, é o grande protagonista na composição do espaço, além disso, serve para sustentar os elementos constituintes, como mobiliário urbano e vegetação. A manutenção é um aspecto bastante relevante, pois nos irregulares, os usuários acabam sendo prejudicados na hora de dialogar com os amigos, contemplar a paisagem e principalmente nos passeios.

A vegetação contribui na criação dos espaços, tornando-os aconchegantes, convidativos, além de oferecer amenização climática proporcionando maior conforto térmico às praças públicas. Outra característica fundamental é que a vegetação cria espaços diferentes ao longo das estações, sombreados e confortáveis no verão e ensolarados e quentes, nas estações frias. A exploração correta da vegetação torna-se um trunfo para a apropriação das praças, tanto nos seus atributos físicos como na percepção que causa. A água, além de proporcionar conforto térmico aos espaços representa entre os indivíduos um forte senso simbólico, tornando-se essa a principal característica desse elemento.

Quanto ao mobiliário e equipamentos, constituem os elementos principais que vão determinar as atividades que podem ser realizadas nas praças públicas. Os bancos, principal mobiliário das praças, apresentam dois tipos de necessidades: de assento para conversar, namorar e jogar, devendo ser confortáveis e estar em locais com amenização climática e; de composição da pontuação do percurso, localizados principalmente nos espaços de passagem, onde a permanência é curta e ocasional. Além disso, os tipos de assento apresentam exigências variadas para os diversos grupos de pessoas. O assento adequado é um requisito essencial para poder sentar-se.

O mobiliário e/ou equipamento de lazer tem públicos específicos com características peculiares e necessidades particulares que muitas vezes acabam sendo os grandes atrativos das praças que têm como vocação o encontro e o lazer. Esses elementos devem oferecer conforto e acessibilidade para permanência, particularmente de crianças e pessoas idosas. O mobiliário de apoio e equipamentos

acabam sendo complementares para as outras atividades realizadas pelos usuários nas praças públicas, assim como pelos transeuntes que passam pelo seu entorno.

Os elementos de arte urbana como bustos, monumentos e esculturas representam a memória e a história da cidade, sendo assim, são elementos de valorização simbólica e devem ser bem selecionados, mas o principal elemento de atração nas praças são as apresentações, consideradas como um grande atrativo para os usuários.

Com relação ao conforto ambiental, os seus principais elementos – temperatura, velocidade e umidade do ar e acústica – são afetados e afetam a morfologia espacial das praças públicas. Cada região tem suas próprias condições climáticas que devem servir de base para soluções em cada caso particular. A importância desse conforto é no sentido de assegurar condições aceitáveis de permanência nas praças, em todas as épocas do ano. Além disso, é importante oferecer oportunidades de experimentar as diversas nuances do clima, sentar num espaço sombreado ou ensolarado, por exemplo, a hora que quiser.

Quanto ao ambiente sonoro, destaca-se a importância do silêncio principalmente nos espaços simbólicos. Já, a luz proporciona uma variedade diária e sazonal nas praças; quando é artificial, deve destacar os principais elementos do espaço, além de oferecer segurança aos usuários.

6.1 Conceitos de projeto encontrados nas análises simbólica, funcional e ambiental

As praças devem garantir a permanência das pessoas e uma boa qualidade de sua imagem, no sentido de transformá-la em um espaço melhor. É importante, nesse sentido, a flexibilidade de sua utilização, a simultaneidade de seus usos e significados e a justaposição de atividades e informações.

Os usos se transformam conforme o tempo, destacando-se diferentes grupos e classes sociais que se apropriam de certos espaços, determinando os usos predominantes. As diferentes aptidões face às atividades, ao encontro dos usuários e às formas de apropriação são influenciadas pelos elementos de projeto, sejam eles, simbólicos, funcionais ou ambientais.

A seguir alguns conceitos de projeto que sugerem uma maior ou menor apropriação das praças públicas:

- a. Localização - a localização da praça influencia na sua apropriação e o isolamento por ruas e avenidas movimentadas pode dificultar a sua utilização;
- b. Relação com o entorno - este pode oferecer uma situação favorável ou conflitante devido aos acessos e à visibilidade ou à identificação da área como uma praça pública;
- c. Múltiplas atividades - a integração de várias atividades e funções nas praças públicas e no seu entorno permite que as pessoas envolvidas atuem juntas e estimulem umas às outras;
- d. Função de passagem - a predominância da função de passagem não representa um aspecto negativo, sendo esta atividade essencial já que a região central, em geral, está ligada ao entorno comercial e de serviços;
- e. Dimensão espaço-temporal - a apropriação é diferenciada nas dimensões de espaço e tempo, cada grupo de usuários se apropria em um horário e espaços específicos. Durante a semana, idosos geralmente pela parte da manhã e crianças pela parte da tarde; nos finais de semana, famílias pelo período da manhã e jovens pelo período da tarde. Isso não é uma regra e deve ser avaliado o perfil de cada cidade com relação aos hábitos dos seus habitantes;
- f. Acessos e caminhos - no projeto das praças, os acessos e caminhos devem levar em conta os diferentes usuários que vão utilizar a praça, os que precisam atravessar a praça exigindo um traçado direto e funcional e os que vão para passear e desfrutar a paisagem, exigindo um traçado convidativo aos sentidos;
- g. Acessibilidade - a acessibilidade, através do sistema de transportes públicos e estacionamentos, é importante desde que não prejudique o movimento de pedestres;
- h. Vegetação - praças sem vegetação e sem levar em conta a direção dos ventos dominantes podem ser desconfortáveis à permanência das pessoas ocasionando, assim, áreas ociosas;
- i. Funcionalidade - aspectos funcionais como ausência de mobiliário, mobiliário degradado, algum público não contemplado – especialmente crianças, jovens e idosos - ou falta de mobiliário de apoio vão influenciar na apropriação significativamente;
- j. Mobiliário e equipamento de lazer - considerado opcional e, em grande parte, recreativo, o mobiliário e equipamento de lazer influencia na qualidade das praças, devendo ser previstos e tornando-a, assim, atrativa pelo ponto de vista dos usuários. Em alguns lugares a falta desses equipamentos apropriados é responsável pela não utilização da praça;

- k. Localização do mobiliário e equipamentos - a localização do mobiliário e equipamentos também influencia no uso, onde se tem uma boa visão das zonas ativas eles são mais usados;
- l. Traçado - O traçado de cada um dos espaços e dos seus detalhes são fatores determinantes, por exemplo, a maneira como os bancos são dispostos permitindo uma maior variedade de ações;
- m. Aspectos ambientais – os aspectos relacionados à insolação, sombreamento, ventilação e acústica devem ser levados em conta e criar situações distintas para cada horário do dia e estação do ano, impedindo que interfira no uso do espaço em certas ocasiões. Entre os conflitos podemos citar: sombreamento excessivo, falta de sombreamento, barulho intenso e falta de iluminação;
- n. Estética – a estética das praças deriva não somente das qualidades espaciais, mas também da cor e textura, por exemplo, as cores quentes parecem avançar dentro do espaço, enquanto as cores frias dão um sentimento mais espaçoso fazendo o ambiente parecer, muitas vezes, áspero;
- o. Proteção – a amenidade de uma praça depende também da proteção contra o perigo e o dano físico.

6.2 Considerações finais

Este trabalho objetivou compreender o fenômeno de apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte e assim a proposição de alguns parâmetros comuns aplicáveis em outras praças de características semelhantes com as analisadas, tornando-as com maior qualidade. Foi importante, então, saber quais atividades de sociabilidade e lazer são importantes para que as pessoas passem a usá-las. Para que isto fosse possível, contou-se com o desenvolvimento das etapas de revisão de literatura e pesquisa de campo.

A revisão de literatura contribuiu, entre outros fatores, para a compreensão do fenômeno de apropriação das praças públicas e foi dividida em dois capítulos a fim de melhor estruturar a pesquisa. Entretanto, percebeu-se que a bibliografia restringia-se a um aspecto ou a outro, sem contemplar todas as dimensões que envolvem o papel das praças públicas centrais em cidades de pequeno porte.

A conceituação dos temas aprofundados nesta pesquisa – centros urbanos, espaços livres públicos, lazer e praças públicas centrais - permitiu a compreensão histórica e da situação atual dos fatores que contribuem para a animação das praças públicas e da sua apropriação pelos usuários.

Através dos estudos de casos, pôde-se compreender as cidades e os distintos contextos onde as praças em análise estão inseridas, buscando identificar os elementos de identificação e definição de cada uma das praças públicas analisadas. Além disso, o conhecimento do contexto urbano no qual cada praça está inserida permitiu uma pré-configuração das pesquisas dos usuários e das praças analisadas.

Para o desenvolvimento dos métodos análise documental, observação do comportamento dos usuários, observação do desempenho físico-ambiental, entrevista e jogo foram criadas fichas – ficha documental, ficha físico-ambiental e ficha do usuário - que facilitaram a sistematização dos dados finais, consolidando como um instrumento eficaz para esta pesquisa (ver figura 59).

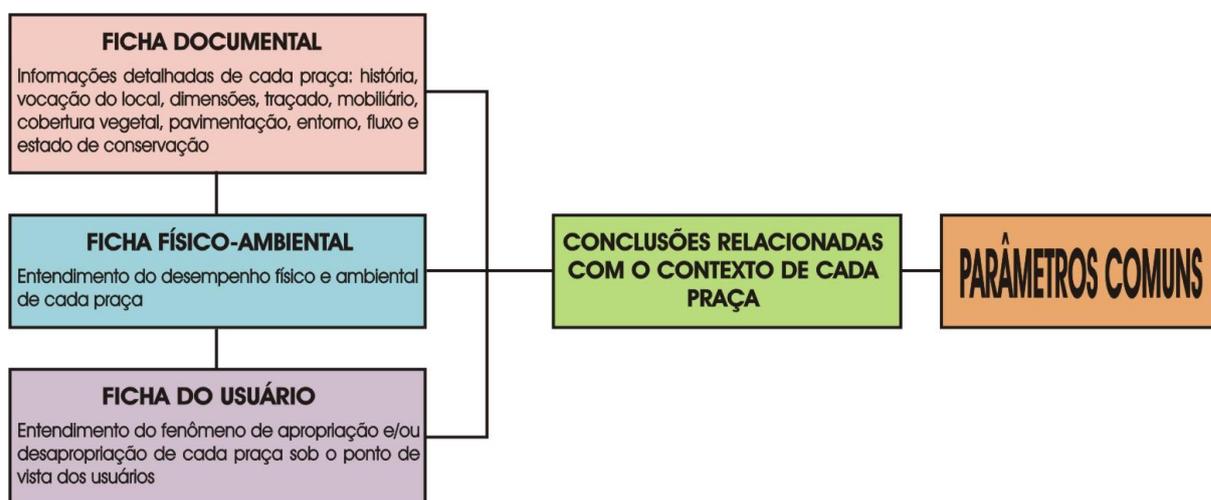


Figura 68: Esquema-resumo de como se chegou aos parâmetros comuns referentes ao fenômeno de apropriação das praças públicas centrais. Fonte: Autora, 2006.

De forma geral, os problemas constatados durante a pesquisa de campo com os usuários e os não usuários residentes ou que trabalham no entorno relacionam-se, prioritariamente, com a falta de manutenção, de mobiliário adequado, insegurança e falta de atrativos.

Quanto aos resultados obtidos, identificou-se que a apropriação e a intensidade de uso das praças dependem de diversos fatores. Uma descrição das configurações e anseios dos usuários e não-usuários foi obtida através da pesquisa de campo. Essas referências permitiram orientar e formular as conclusões com relação à apropriação das praças públicas centrais.

Além disso, os resultados foram conquistados através da avaliação das diversas nuances no tratamento e as formas de apropriação da população dos espaços analisados. Observando a ocupação

do solo levando em conta a qualidade ambiental das áreas e do seu entorno, compreendendo assim o fenômeno de apropriação das praças públicas centrais.

Os quadros de síntese e conclusão dos resultados dos métodos utilizados permitiram a identificação de especificidades de cada praça analisada e deduzir as características comuns aos lugares estudados.

Graças à riqueza de informações obtidas durante a pesquisa de campo associada à revisão de literatura, pôde-se estabelecer parâmetros referentes à promoção de uma maior apropriação das praças públicas centrais especificamente em cidades de pequeno porte. Esses parâmetros dizem respeito às melhorias com relação aos aspectos analisados nesta pesquisa: físico-ambiental, funcional, acessibilidade, mobiliários, equipamentos, atividades e arte urbana. A utilização de diferentes métodos abrangendo tanto os usuários como uma análise física e ambiental tornou-se interessante e permitiu compor um conjunto de dados que permitiram as conclusões registradas nessa dissertação.

Sendo assim, os parâmetros estabelecidos estão direcionados para as praças públicas centrais em cidades de pequeno porte, porém, não podem ser generalizados e aplicados em qualquer cidade. A intenção destas diretrizes é contribuir com os profissionais de projetos urbanos, pois muitas vezes é a falta de conhecimento das necessidades dos usuários que acarretam em uma perda de apropriação das praças públicas.

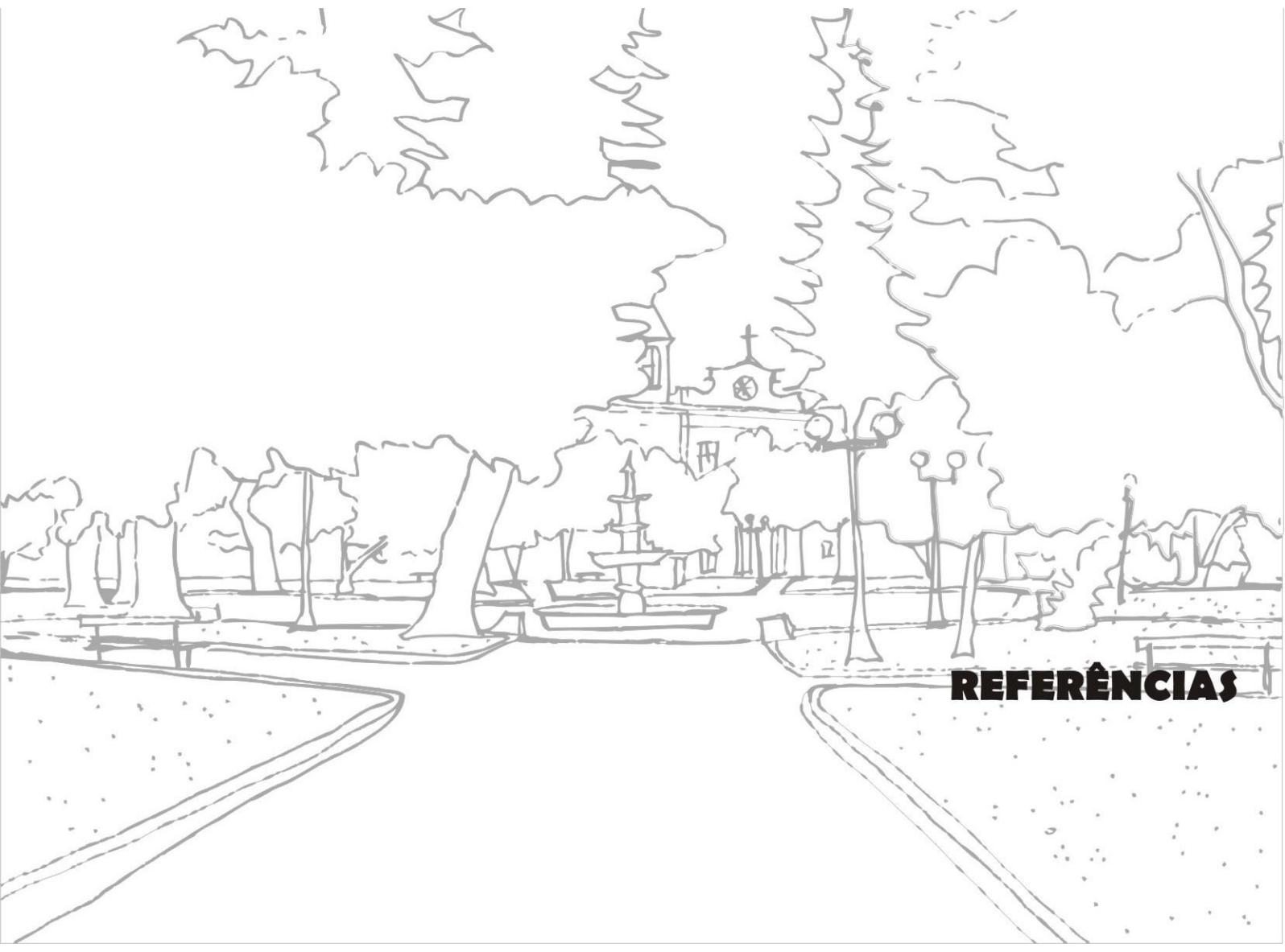
Espera-se, com esta pesquisa, ter ampliado as informações a respeito da apropriação e situação atual das praças públicas centrais em cidades de pequeno porte, incentivando os profissionais da área e órgãos responsáveis a mobilizarem-se em direção da reformulação destes espaços. Almeja-se assim uma maior apropriação dos usuários em espaços públicos que satisfaçam as suas reais necessidades.

6.3 Sugestões para futuras pesquisas

Os objetivos propostos nesta dissertação foram satisfeitos de acordo com o tempo disponível. Entretanto, ainda existe a necessidade de novas investigações relacionadas com o tema, que foram percebidas durante o desenvolvimento do trabalho. Nesse sentido, são apontadas recomendações para pesquisas futuras:

- a. Verificar até que ponto os aspectos físicos e ambientais interferem na realização das atividades nas praças públicas;
- b. Realizar um estudo comparativo de diferentes culturas e o reflexo na maneira de utilização das praças públicas;

- c. Analisar o desempenho ambiental de cada aspecto envolvido nas praças;
- d. Aprofundar as questões voltadas para o comportamento dos usuários nos espaços públicos e;
- e. Investigar mais criteriosamente as situações que possam proporcionar condições para a participação crescente, responsável e livre dos cidadãos nas praças públicas.



REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando Paisagens**: guia de trabalho em arquitetura paisagística. São Paulo: Senac, 2006.

AFONSO, Sonia; MACEDO, Silvio Soares. **Urbanização de encostas**: crises e possibilidades. O Morro da Cruz como um referencial de projeto de arquitetura da paisagem. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

ALEXANDER, Christopher et al. **A pattern language**. New York: Oxford University Press, 1977.

ARGAN, Giulio Carlo. **Historia da arte como historia da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luig Cabra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACON, Edmund N. **Design of Cities**. London: Thames and Hudson, 1978.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (Coord.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. Tradução Helena Menna Barreto Silva. São Paulo: Annablume, 2006. 293 p.

CALDEIRA, Junia Marques. O papel da praça pública, da Colônia ao Brasil moderno. **Jornal da Unicamp**, Campinas, dez 2007. Disponível em <<http://historia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=51>>. Acesso em 20 mai 2008.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

CARMONA, Matthew et al. **Public Places - Urban Spaces**: the dimensions of urban design. Oxford: Architectural Press, 2003.

CARVALHO, Eduardo Burigo de; COELHO, Jailson. O reflexo da imigração no desenvolvimento humano. In: _____. **Episteme**. Tubarão: UNISUL, 2002-2003. p. 229-241.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo** : utopias e realidades, uma antologia. São Paulo : Perspectiva, 1975.

COELHO, Jailson. O lazer no mundo globalizado. In: _____. **Episteme**. Tubarão: UNISUL, 2002. p.107-120.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV: espaço e sociabilidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995. 157 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORSINI, José María Ordeig. **Diseño urbano**: acessibilidade y sostenibilidad. Barcelona: Monsa, 2007.

CRICHYNO, Jorge. Paisagem urbana: território da cidade e signos do imaginário. In: **Paisagem Ambiente Ensaios 9**. São Paulo: FAUSP, 1996, v. 9. p. 201-215.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1983.

CUNHA, Rita Dione Araújo. **Os usos, funções e tratamentos das áreas de lazer da área central de Florianópolis**. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

DALL'ALBA, Joao Leonir, Pe. **O vale do braco do Norte**. Orleans: Ed. do Autor, 1973.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DEL RIO, Vicente. Paisagem, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano. In: **Paisagem Ambiente Ensaios 7**. São Paulo: FAUUSP, 1995, v. 7. p. 93-101.

DEL RIO, Vicente. Cidade da Mente, Cidade Real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. Tradução Silvia Mazza e J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FAVOLE, Paolo. **La plaza em la arquitectura contemporânea**. Barcelona :Gustavo Gilli, 1995.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Os significados urbanos**. São Paulo: FAPESP, EDUSP, 2000. 185 p.

FRUGOLI, Heitor Junior. **São Paulo: Espaços Públicos e Interação Social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas: Papirus, 2006. 224 p.

GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. **Novos Espaços Urbanos**. Tradução Carla Zollinger. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.

GEHL, Jan. **La humanizacion del espacio urbano: la vida social entre los edificios**. Tradução Maria Teresa Vacarce. Barcelona: Reverte, 2006.

GIEDION, Siegfried. **Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição**. Tradução Alvanar Camparelli. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GUIMARÃES, Pedro Paulino. **Configuração Urbana: evolução, avaliação, planejamento e urbanização**. São Paulo: Prolivros, 2004.

GOMES, Christianne Luce. Lazer e cidade: reflexões. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite Brandão (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

- GONÇALVES, Fábio Mariz. Discussões sobre o papel dos espaços livres públicos nos bairros de elite contemporânea. In: **Paisagem Ambiente Ensaios 15**. São Paulo: FAUUSP, 1997, v. 15. p. 9-33.
- GUTIERREZ, Ramon. **Arquitetura latino-americana: textos para reflexão e polemica**. São Paulo: Nobel, 1989.
- HEIMSTRA, Norman Wesley; MCFARLING, Leslie H. **Psicologia ambiental**. São Paulo: EPU, 1978. 218 p.
- HEITOR, Teresa Valsassina. **A vulnerabilidade do espaço em Chelas: uma abordagem sintática**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. (Textos universitários de ciências sociais e humanas).
- HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HIGUERAS, Ester. **Urbanismo Bioclimático**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Censo Demográfico 2005**. Disponível em: <<http://www.amurel.org.br>>. Acesso em: 20 out. 2006.
- JACOBS, Jane. **The Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House Inc., 1961.
- JELLICOE, Geoffrey; JELLICOE, Susan. **The landscape of man: shaping the environment from prehistory to the present day**. 3. ed. London: Thames & Hudson, 1975.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. **A apreensão da forma da cidade**. Brasília, DF: Editora da UnB, 1996. 253 p.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1985.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LAMAS, José M. **Morfologia Urbana e desenho da Cidade**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e desenho da cidade**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. 590 p.
- LAURIE, Michael. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Lisboa: Ulisseia, 1972.
- LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Moraes, 1991.
- LEITÃO, Lúcia (Org.). **As praças que a gente quer: manual de procedimentos para intervenção em praças**. Recife: Prefeitura Municipal, 2002.

LINARDI, Maria Cecília Nogueira. **Memória urbana: análise espacial da praça central de Santa Bárbara d'Oeste, SP. Piracicaba: UNIMEP, 2001.**

LOPES, Antonio Mendes. *Os espaços públicos (de lazer) na cidade: emergência de novas práticas e vocações territoriais.* **Jornal A Página, Portugal, ano 8, n. 83, set 1999. Disponível em:** <<http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=789>>. Acesso em: 10 maio 2006.

LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. **Laguna: de ontem a hoje espaços públicos e vida urbana.** 1998. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

LYNCH, Kevin. **The image of the city.** Cambridge: M.I.T. Press, 1960.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** Tradução Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa: Edições 70, 1988.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. In: **Paisagem Ambiente Ensaios 7.** São Paulo: FAUUSP, 1995, v. 7. p. 15-56.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (Org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2000.

MAGNOLI, Miranda M. **O parque no desenho urbano.** In: *TURKIENICZ, B.; MALTA, M. (Org.). Desenho Urbano, Anais do II SEDUR, São Paulo, PINI/FINEP, CNPq, 1986.*

MARX, Murillo. **Nosso Chão: do sagrado ao profano.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MASCARÓ, Lúcia. **Ambiência Urbana.** Porto Alegre: Sagra, 1996.

MESQUITA, Liana; CARNEIRO, Ana Rita Sá. *O papel dos espaços livres no resgate da qualidade ambiental do recife.* **Jornal da paisagem, Recife, 2000. Disponível em:** <<http://www.jornaldapaisagem.com.br>>. Acesso em: 14 out. 2004.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação.** São Paulo: Mackenzie, 2002.

OLIVEIRA FILHO, João Martins de; DERNTL, Maria Fernanda. Significados do espaço público. In: **Paisagem Ambiente Ensaios 7.** São Paulo: FAUUSP, 1995, v. 7. p. 54-56.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Ambiente Construído & Comportamento: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental.** São Paulo: Nobel, 1995.

ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Avaliação pós-ocupação (APO) do ambiente construído.** São Paulo: Studio Nobel: EDUSP, 1992.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Tradução Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 184 p.

PALLAMIN, Vera M. (Org.). **Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

PANERAI, Phillipe. **Análise Urbana**. Tradução Francisco Leitão. Revisão técnica Sylvia Ficher. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006. (Coleção Arquitetura e Urbanismo). 198 p.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 3 ed. Ver e ampl. São Paulo: Senac, 2004.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. São Paulo: EDUSP, 2002. 311 p.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **A Arquitetura Bioclimática do Espaço Público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 226 p.

RODRIGUES, Ferdinando de Moura. **Forma, imagem e significado em estruturas urbanas centrais: Centro da cidade de Niterói**. Projeto de reestruturação urbana. Niterói: EDUFF, 2005.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTANA, Trícia Caroline da Silva. Abandono dos espaços públicos e interiorização da vida pública na cidade turística de Natal-RN. **Vitruvius**, Natal, 2005. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc127/mc127.asp>>. Acesso em: 20 jun. 2006.

SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 417 p.

SERPA, Ângelo. Paisagem e percepção da paisagem: estudos na Áustria e no Brasil. **Paisagem Ambiente Ensaios 7**. São Paulo: FAUUSP, 1995, v. 7. p. 103-139.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007. 205 p.

SILVA, Rachel Coutinho Marques da (Org.). **A cidade pelo avesso: desafios do urbanismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2006.

SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Tradução Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.

SOMMER, Robert. **Espaço Pessoal: as bases comportamentais de projetos e planejamentos**. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

VAZ, Nelson Popini. **La Place Publique comme espace de communication**. 2003. Tese (Doutorado). Université de Paris XII – Val de Marne. Institut d'Urbanisme de Paris, Paris, 2003.

VIEIRA, Dalmo Filho. *Notas para o estudo das primeiras praças de Santa Catarina. Florianópolis, [19 --]*.

VIEIRA, Dalmo Filho; SZCZUK, Ivana Lucy; SIMON, Lilian Mendonça. **Seminário Técnico do Programa URBIS: Reabilitação Urbana de Sítios Históricos**. Laguna, 2001.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998. 373 p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

REFERÊNCIAS DAS ILUSTRAÇÕES

AERREAL. **Praça do Buriti**. 2008. il. color. Disponível em: <http://www.geocities.com/augusto_areal/buriti.jpg>. Acesso em: 13 abr. 2008.

AMUREL. **Mapa de Santa Catarina e AMUREL**. il. color. Disponível em: <<http://www.amurel.org.br>>. Acesso em: 19 jun. 2008.

BLOG MAYYAN. **Place des Vosges**. 2008. il. color. Disponível em: <<http://blog.mayyan.net/2006/09/22/paris-recommendations-part-5-sights/>>. Acesso em: 13 abr. 2008.

BACCOLINI, Graziano. **Piazza Campidoglio**. 2003. il. color. Disponível em: <<http://www2.fci.unibo.it/~baccolin/montov.camapid/Da%20Montovolo%20al%20Campidoglio.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2008.

CARMONA, Matthew et al. **Espaços formais e informais**. il. color. In: *Public Places - Urban Spaces: the dimensions of urban design*. Oxford: Architectural Press, 2003. il. color.

CORSINI, José María Ordeig. **Acessibilidade em Ribera de Uribitarte, Bilbao**. il. color. In: *Diseño urbano: accesibilidad y sostenibilidad*. Barcelona: Monsa, 2007.

GREATBUILDINGS. **Piazza San Marco**. 2008. il. color. Disponível em: <http://www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbi.cgi/Piazza_of_San_Marco.html/cid_1497645.html>. Acesso em: 13 abr. 2008.

_____. **Piazza del Campo**. 2008. il. color. Disponível em: <>. Acesso em: 13 abr. 2008.

_____. **Plaza Mayor**. 2008. il. color. Disponível em: <http://www.greatbuildings.com/cgi-bin/gbi.cgi/Plaza_Mayor.html/cid_1035482727_campo.html>. Acesso em: 13 abr. 2008.

IMAGESHACK. **Terreiro de Jesus**. 2008. il. color. Disponível em: <<http://img219.imageshack.us/img219/3994/centrohistorico001vq6.jpg>>. Acesso em: 20 mai. 2008.

JESUÍTA. **Fórum de Pompéia**. 2008. il. color. Disponível em: <<http://picasaweb.google.com/AlexandreJesuita/PomplaEHerculano/photo#5118911169255832146>>. Acesso em: 13 abr. 2008.

OFCA. **Praça Marechal Floriano Peixoto**. 2008. il. color. Disponível em: <http://www.ofca.com.br/BOTAO_PRINCIPAL/BANCO_IMAGEM/IMAGEM/PAGINA_BANCO_IMAGEM_FOTO.html>. Acesso em: 13 mai. 2008.

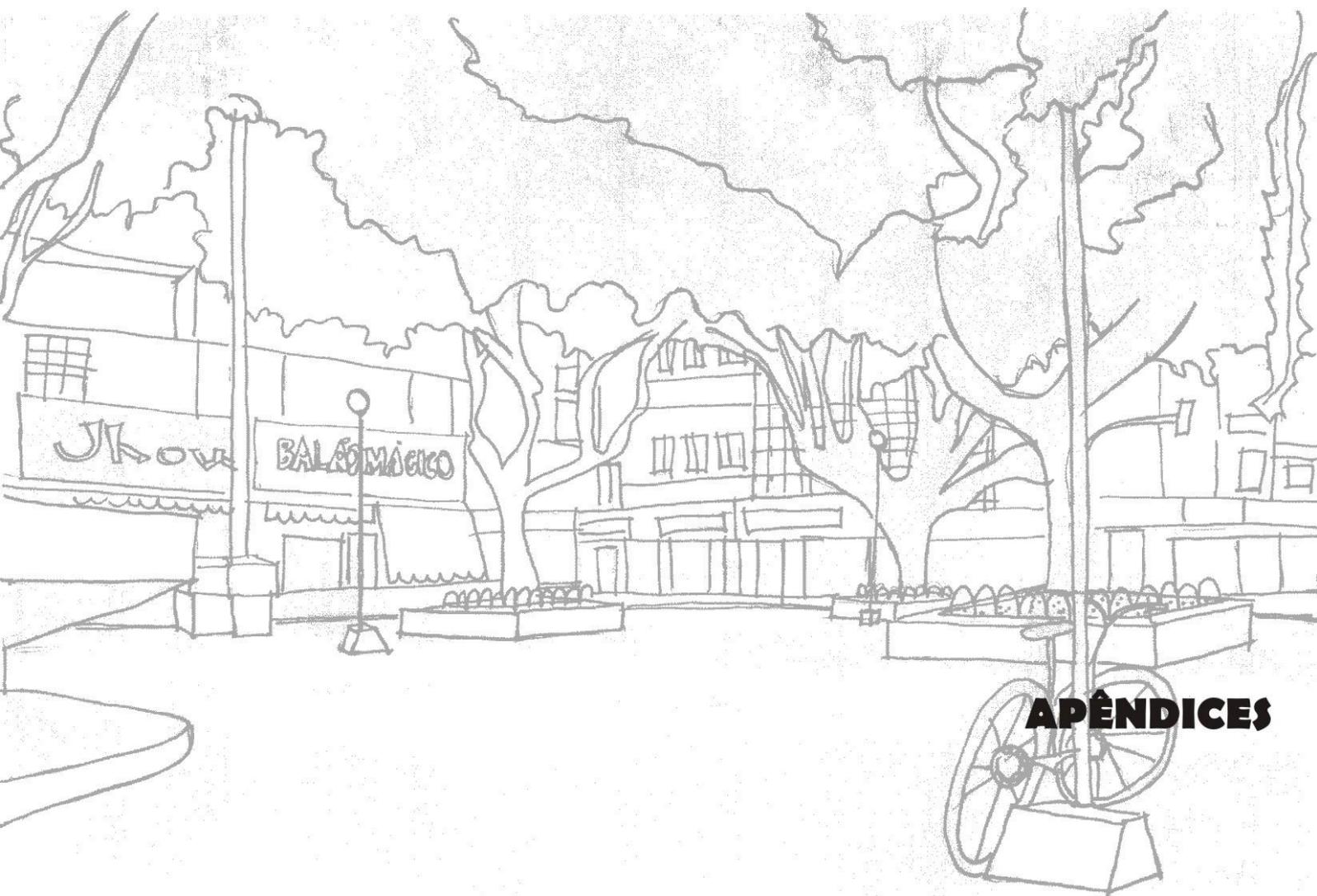
OPENSQUARES. **Eccleston Square**. 2008. il. color. Disponível em:
<<http://www.opensquares.org/images/eccleston.jpg>>. Acesso em: 13 abr. 2008.

WIKIPEDIA. **Piazza della Signoria**. 2008. il. color. Disponível em:
<<http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Piazzasignoria.jpg>>. Acesso em: 13 abr. 2008.

_____. **Piazza della Santissima Annunziata**. 2008. il. color. Disponível em:
<<http://en.wikipedia.org/wiki/Image:SantissimaAnnunziatadiFirenze01.jpg>>. Acesso em: 13 abr. 2008.

_____. **Praça de São Pedro**. 2008. il. color. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem:Piazza_S.Pietro.jpg>. Acesso em: 13 abr. 2008.

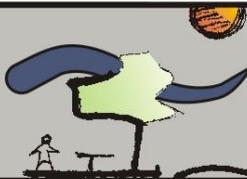
_____. **Praça Vendôme**. 2008. il. color. Disponível em: <<http://nomm.com/W-ParisPlaceVendome.jpg>>. Acesso em: 13 abr. 2008.



APÊNDICES

2 FICHA FÍSICO-AMBIENTAL

(NOME DA PRAÇA - CIDADE)

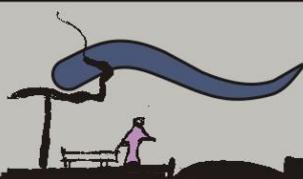


Nome:		Ficha n°:		
Endereço:				
ESPACIAIS		AMBIENTAIS		
ENTORNO	ACESSOS	SOL	SENSAÇÃO DE COR	COR
		VENTO	RESSONÂNCIA DO RECINTO	SOM
		SOM	SOMBRA ACÚSTICA	
		CONTINUIDADE DA MASSA	DIRETA DIFUSA REFLETIDA	RADIAÇÃO
	CONDUÇÃO DOS VENTOS	UMIDADE RELATIVA TEMPERATURA DO AR VELOCIDADE DO VENTO		CLIMA
		(croqui da praça)		
BASE		ÁREA DA BASE	TEMPERATURAS SUPERFICIAIS ALBEDO	
	MATERIAIS	PAVIMENTOS	AMBIENTE SONORO	SOM
		VEGETAÇÃO	VARIAÇÃO SAZONAL	COR
		ÁGUA	CONJUNTO DE CORES TONALIDADE	
		MOBILIÁRIO URBANO	MANCHAS DE LUZ ESTÉTICA DA LUZ	LUZ
	CONTINUIDADE DA SUPERFÍCIE	LUMINÂNCIA		
FRONTEIRA		TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA	ABSORÇÃO REFLEXÃO	CLIMA
		ABERTURAS	MATIZES CLARIDADE	COR
		DETALHES ARQUITETÔNICOS	PERSONALIDADE ACÚSTICA	SOM
		NÚMERO DE LADOS		
		ALTURA		
		ÁREA TOTAL DA SUPERFÍCIE	QUALIDADE SUPERFICIAL DOS MATERIAIS	
			(fotos da praça)	

Apêndice 2: Modelo da ficha físico-ambiental (modelo adaptado de Romero, 2001).

3 FICHA DO USUÁRIO

(NOME DA PRAÇA - CIDADE)



Nome:		Ficha nº:	
Endereço:			
USUÁRIOS		NÃO USUÁRIOS	
USO ¹	(ATIVIDADE PRINCIPAL) (GRÁFICO DO MAPA COMPORTAMENTAL)	(ATIVIDADE SECUNDÁRIA) (GRÁFICO DO MAPA COMPORTAMENTAL)	POR QUE NÃO UTILIZA? (Fotografia e resposta)
			O QUE PODERIA SER MELHORADO? (Fotografia e resposta)
QUESTIONAMENTOS ²	POR QUE UTILIZA A PRAÇA? (Fotografia e resposta)	O QUE É RUIM NA PRAÇA? (Fotografia e resposta)	SENSAÇÕES? (Fotografia e resposta)
	ESPAÇO MAIS UTILIZADO? (Fotografia e resposta)	O QUE É BOM NA PRAÇA? (Fotografia e resposta)	O QUE PODE SER MELHORADO? (Fotografia e resposta)
EXPECTATIVA / PREFERÊNCIAS ³	USUÁRIOS: (OPÇÃO MAIS ESCOLHIDA DE CAPA ASPECTO E FOTOGRAFIA CORRESPONDENTE)		
	NÃO USUÁRIOS: (OPÇÃO MAIS ESCOLHIDA DE CAPA ASPECTO E FOTOGRAFIA CORRESPONDENTE)		
OBS.	¹ RESULTADOS MAIS RELEVANTES DO MÉTODO DE OBSERVAÇÃO DO USUÁRIO ² RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO ENTREVISTAS (RESPOSTAS MAIS COLOCADAS PELOS USUÁRIOS E NÃO USUÁRIOS) ³ RESULTADOS OBTIDOS NO MÉTODO JOGOS (ESCOLHA MAIS VOTADA DE CADA TEMA E PREFERÊNCIA DOS TRÊS ASPECTOS MAIS IMPORTANTES)		

Apêndice 3: Modelo da ficha do usuário.